

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

JOANA CICONETO

**A DIVERSIDADE E A EMERGÊNCIA DA AGRICULTURA FAMILIAR
ECOLÓGICA EM CANGUÇU (RS): PERCEPÇÕES, ESTRATÉGIAS E DISCURSOS**

PORTO ALEGRE

2011

JOANA CICONETO

A DIVERSIDADE E A EMERGÊNCIA DA AGRICULTURA FAMILIAR ECOLÓGICA
EM CANGUÇU (RS): PERCEPÇÕES, ESTRATÉGIAS E DISCURSOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Verdum

Série PGDR n° xx

Porto Alegre

2011

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Responsável: Biblioteca Gládis Wiebelling do Amaral, Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS

Cicconeto, Joana
C568d A diversidade e a emergência da agricultura familiar ecológica em Canguçu (RS) : percepções, estratégias e discursos / Joana Cicconeto. – Porto Alegre, 2011. 137 f. : il.

Orientador: Roberto Verdum.

(Série PGDR – Dissertação, n. 000).

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2011.

1. Agricultura familiar: Sistema de produção: Canguçu (RS). 2. Agricultura alternativa: Canguçu (RS). I. Verdum, Roberto. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. III. Título.

CDU 631.115

JOANA CICONETO

A DIVERSIDADE E A EMERGÊNCIA DA AGRICULTURA FAMILIAR ECOLÓGICA
EM CANGUÇU (RS): PERCEPÇÕES, ESTRATÉGIAS E DISCURSOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Rural.

Porto Alegre, 01 de junho de 2011.

Prof. Dr. Roberto Verdum (Orientador)
UFRGS/PGDR

Prof. Dr. Álvaro Luis Heidrich
UFRGS/PPGea

Dr. José Ernani Schwengber
EMBRAPA- CLIMA TEMPERADO

Prof. Dra. Flávia Charão Marques
UFRGS/PGDR

Aos participantes da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Dr. Roberto Verдум que, como orientador, guiou esta pesquisa com paciência e sabedoria. Agradeço o aceite em me orientar e, em especial, a liberdade dada na hora das escolhas que surgiram ao longo dos caminhos a serem percorridos. Por todo apoio durante os dois anos de mestrado no PGDR, inclusive na minha participação como tutora do Plageder.

Agradeço a Capes pelo apoio concedido, sem ele esta dissertação não seria possível. Agradeço também, a Prof^a Dra. Marta Júlia Lopes, que facilitou os recursos do CNPq via PROINTER, para as viagens de campo.

Aos professores membros da banca Dr. Álvaro Luis Heidrich, Dr. José Ernani Schwengber e a Dra. Flávia Charão Marques, por aceitarem compor a banca e que certamente, deverão enriquecê-la com suas críticas e contribuições.

Ao PGDR, pela iniciativa de colocar em um mesmo espaço acadêmico pessoas com as mais variadas formações, no intuito de que a convivência seja enriquecedora. Dentro dele, o meu muito obrigado aos professores, responsáveis por todo crescimento que vivenciei, bem como aos funcionários competentes que atuam nesta instituição.

Aos meus colegas de mestrado com quem pude compartilhar aflições, apoio e troca de conhecimentos. Alguns desde o momento de seleção, outros mais tarde, no grupo de estudos no apartamento em São Léo. Colegas que coordenaram e participaram de nossa “qualificação” nas aulas do Professor Egon e em todos os momentos em que estivemos juntos. Foram infinitudes de pensamentos, de desejos, de anseios, que embora, mais tarde, especialmente distantes, nos tenhamos mantido unidos. O que fica é a saudade de um tempo especial, de pessoas maravilhosas.

Agradeço ao Rogério Isotton, que me incentivou na seleção deste mestrado, e que esteve comigo em todos os momentos, se mostrando tolerante e amável. Por ter sido receptivo e participativo aos debates quando surgiam dúvidas, esse apoio foi fundamental.

Aos meus pais Bruno José e Edevilda, pelo amor, compreensão e incentivo a tudo o que faço. E às minhas irmãs Rosane, Joice e Simone com as quais perdura uma relação de amizade e união que só fortalece com o passar do tempo.

Agradeço, em especial à UNAIC, à EMATER, à Comissão organizadora da Feira de Sementes Crioulas e Tecnologias Populares de Canguçu, à CREHNOR, à CRESOL e aos agricultores feirantes na praça municipal de Canguçu. Por suas atitudes de presteza e

receptividade, com a qual não só facilitaram a realização desta pesquisa, mas a tornaram instigante e agradável a cada ida a Canguçu. E em especial, aos agricultores participantes diretos desta pesquisa, com os quais tive o prazer de conversar, de ouvir e aprender, pela sua confiança em falar, por terem desprendido de seu tempo e se dedicado no momento em que estavam comigo.

Ao primo José Luciano, pela finalização das figuras.

RESUMO

Este estudo visa identificar e analisar as percepções, as motivações e as estratégias dos agricultores “não convencionais” de Canguçu, Rio Grande do Sul, na condução de seus sistemas de produção “diferentes”. O município, considerado a Capital Nacional da Agricultura Familiar, conta com aproximadamente 10.000 estabelecimentos agropecuários com área média de 16ha. As características do meio favoreceram um processo de modernização da agricultura incompleto, o que significa dizer que a modernização não atingiu todos os estabelecimentos rurais da mesma forma, embora ocorram distintas razões. Esses diferentes “níveis” de modernização representam diferentes relações com o mercado e com a utilização de tecnologias, gerando dessa forma, diferentes estilos de agricultura. A abordagem dos estilos trata-se de referência analítica para a compreensão das diferentes formas de conduzir a agricultura. Contudo, as razões pelas quais os agricultores agregam-se a um estilo ou outro, conduz a olhares específicos, de como é elaborado o conhecimento, no seu processo de transição. O trabalho de campo, baseado na coleta de dados obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, diário de campo e observações, possibilitou identificar as distintas denominações desses agricultores. Esses dados foram organizados com auxílio do *software* QSR NVivo 8.0, para realizar a análise dos dados (de conteúdo). Identificou-se que a tomada de decisão do agricultor convencional ou tradicional, para outro sistema produtivo pautado no manejo “ecológico” pode ter diferentes pontos de partida, todavia também mostrar vínculos com diferentes momentos de expansão do movimento, então denominado “alternativo”. As transições podem acontecer decorrentes de necessidades impostas pelas características do meio, da percepção do aperto causado pelo aumento dos custos e da redução nos lucros, por uma incapacidade econômica ou um isolamento geográfico. Bem como, pelas influências das ações externas à propriedade, como a invenção do ecológico, que faz emergir novas oportunidades de nichos de mercado, exigindo produtos certificados. Diferentes condições geram uma variedade de situações observáveis para este estilo de agricultura ecológico. Há entre estes agricultores, uma diversidade significativa no que tange as relações sociais e sociedade-natureza, assim como nas suas trajetórias como produtores ao longo do tempo.

Palavras-chave: Agricultura familiar ecológica. Percepção. Transição.

ABSTRACT

This study aims to identify and analyze the perceptions and motivations of unconventional farmers from Canguçu, Rio Grande do Sul, in conducting "different" production systems. The city, considered to be the Family Farm National Capital has approximately 10,000 agricultural establishments with an average area of 16 hectares. Medium characteristics favored an incomplete agricultural modernization process, which means that modernization did not reach all rural establishments in the same way, although there are distinct reasons. These different "levels" of modernization represent different relationships with the market and use of technology, thus generating different styles of agriculture. The styles farming theory is an analytical reference for understanding the different ways of conducting agriculture. Furthermore, the reasons why farmers join one style or another leads to specific perspectives to how knowledge is produced in its transition process. Field work, based on data collected through interviews, field diary and observations enabled the identification of the different denominations of these farmers. These data were organized by using QSR NVivo 8.0 software to run the data analysis, concerning their content. It was identified that the farmer's decision, whether conventional or traditional, to another system production, based on "green" management, can follow different starting points, but also can show links to different periods of movement expansion, then called "alternative". Transitions can occur due to needs imposed by the medium characteristics; the perception of tightness caused by increased costs and reduced profits; an economic inability or a geographic isolation. In addition, they can be caused by the influences of actions external to the property, as the invention of the "green" that brings out new opportunities for niche markets by requiring certified products. Different conditions produce a variety of situations observed for this "green" agriculture style. There are among these farmers a significant diversity regarding social and society-nature relationships, as well as in their trajectories as producers over time.

Keywords: Ecological Family Farming. Awareness. Transition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Localização do município de Canguçu no Estado do Rio Grande do Sul e Brasil ...	28
Figura 2: Zonas de coberturas vegetais e características de relevo – zonas agroecológicas - do município de Canguçu/RS	30
Figura 3: Município de Canguçu/RS (localização do perfil A – B) e os produtores rurais entrevistados na pesquisa localizados pelas círculos em azul.	31
Figura 4: Perfil Topográfico (A-B) e compartimentos de relevo em Canguçu/RS	31
Figura 5: Limites distritais de Canguçu/RS, conforme Lei 3.173/2008, que institui o Plano Diretor Municipal	32
Figura 6: Espaços de manobra.....	48
Figura 7: Organograma dos movimentos rebeldes e/ou alternativos	54
Figura 8: Representação das Vinculações e Práticas dos Produtores Rurais à Temporalidade da Agricultura ecológica em Canguçu/RS	95
Figura 9: Aspectos Comuns e Divergentes (embora não estáticos) dos Agricultores Ecológicos	97
Fotografia 1: À direita plantação de pêssigo em terreno em declive, com preservação da área de preservação permanente no centro da parcela. À esquerda, detalhe da textura do solo.	77
Fotografia 2: Feira ecológica na praça municipal de Canguçu/RS	82
Fotografia 3: À esquerda, piquetes para gado de leite, com preservação da mata nativa, que serve também, de sombreamento para o gado. À direita, plantio de batata-inglesa com manejo ecológico.....	84
Quadro 1: Entrevistados e suas motivações	71
Quadro 2: Resultado da investigação sobre denominações dos agricultores	73
Quadro 3: Síntese dos sistemas de produção do passado e atuais dos estabelecimentos rurais investigados neste estudo	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição dos estabelecimentos produtores de orgânicos, segundo os grupos da atividade econômica – Brasil – 2006.....	39
Tabela 2: Uso de agricultura orgânica nos estabelecimentos, segundo as Grandes Regiões da Federação Brasil – 2006	39
Tabela 3: Indicadores de Percepção por Entrevistado.....	75

LISTA DE SIGLAS

AGAPAN - Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural
ANA - Articulação Nacional de Agroecologia
ARPA-SUL - Associação Regional de Produtores Agroecológicos da Região Sul
CAPA - Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor
CONSULATI - Cooperativa Sul Rio Grandense de Laticínios
COOPAL - Cooperativa dos Pequenos Agricultores Produtores de Leite da região Sul
COPTEC - Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos
COREDES - Conselhos Regionais de Desenvolvimento
CPT - Comissões Pastorais da Terra
CREHNOR - Cooperativa de Crédito Rural Horizontes Novos de Canguçu
CRESOL - Sistema Cooperativo de Crédito Rural com Interação Solidária
EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
FAO - Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MMA - Ministério do Meio Ambiente dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal
MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OGM - Organismos Geneticamente Modificados
ONG - Organização Não Governamental
PAA - Programa de Aquisição de Alimentos
PDTRS - Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável
PGDR - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural
PLAGEDER - Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural
PROINTER - Projeto Interdisciplinar
PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SISORG - Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UAB - Universidade Aberta do Brasil
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNAIC - União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu

CONVENÇÕES

Os trechos em itálico e recuo de margem à direita, representam falas e expressões dos agricultores, objeto desta pesquisa, obtidos a partir das entrevistas semiestruturadas, as quais foram transcritas, e reescritas, sem alteração do seu sentido original, visando uma melhor compreensão para os leitores.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 OBJETIVOS.....	21
2 CANGUÇU: A CAPITAL NACIONAL DA AGRICULTURA FAMILIAR.....	22
2.1 AGRICULTURA FAMILIAR	22
2.2 AGRICULTURA FAMILIAR “NÃO CONVENCIONAL”	23
2.3 A PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE CANGUÇU	27
2.4 PERSPECTIVA ECOLÓGICA EM CANGUÇU.....	36
2.5 A EXPANSÃO E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ECOLÓGICO.....	40
3 ESTILOS DE AGRICULTURA	45
3.1 ESPAÇOS DE MANOBRA E RESPOSTAS CONSTRUÍDAS	47
3.1.1 A relação entre as condições do meio e as ações da atividade humana	50
3.1.2 Transição de sistemas de produção.....	51
3.2 PERCEPÇÃO COMO FERRAMENTA DE APOIO A CARACTERIZAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS ADOTADAS NA AGRICULTURA.....	56
3.3 CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA	58
4 PERCURSO METODOLÓGICO	62
4.1 CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	62
4.2 TÉCNICAS DE PESQUISA E REGISTRO DOS DADOS	65
4.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	66
4.4 DELIMITAÇÃO DA POPULAÇÃO DO ESTUDO	68
4.5 PROCESSO DE ANÁLISE DE DADOS (DE CONTEÚDO)	68
5 A CONFIGURAÇÃO DO ECOLÓGICO EM CANGUÇU.....	70
5.1 DETALHANDO OS DADOS.....	70
5.1.1 Derivações dos termos encontrados em campo.....	73
5.2 ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO E RELAÇÕES COM O MEIO.....	74
5.3 AGRICULTURA ECOLÓGICA EM CANGUÇU.....	78
5.3.1 Primeiro Momento da Agricultura Ecológica em Canguçu	78
5.3.2 Segundo Momento da Agricultura Ecológica em Canguçu.....	82
5.3.3 Terceiro Momento da Agricultura Ecológica em Canguçu.....	91
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	108

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	117
APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	118
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	120
APÊNDICE C – ROTEIRO PREPARATÓRIO DA ENTREVISTA	123
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	124
ANEXO A - RELATÓRIO GERADO A PARTIR DO SOFTWARE NVIVO 8.0	125

1 INTRODUÇÃO

A consolidação atual de movimentos e organizações no mundo todo contra uma globalização não-hegemônica demonstra que os vários séculos de predomínio do capitalismo não conseguiram, em parte, diminuir a indignação e a resistência aos seus valores e práticas. No início do século XXI, a tarefa de pensar, lutar por alternativas a este sistema é considerada urgente. Desde o início dos anos de 1970, iniciaram-se uma série de eventos, os quais para Santos e Rodríguez (2005), começam a ser formuladas reflexões em torno dos quais começam a surgir descontentamentos em face da abordagem tradicional do desenvolvimento. Como evento fundador, podemos citar a Conferência de Estocolmo sobre Meio Ambiente, em 1972, evento que parece fazer a humanidade despertar para a questão ambiental. As décadas de 1970-80 ficaram marcadas como um período de contestação e reivindicação da sociedade civil, influenciada, certamente pela ciência acadêmica, que teve um avanço considerável no aprofundamento teórico-metodológico na temática ambiental.

Em termos de sociedade civil organizada, nesse contexto histórico, observa-se que a maior parte dos movimentos ambientais questiona ou é contrária a qualquer aspecto da cultura ocidental dominante. O movimento ambientalista no Brasil, resultado da mobilização social, faz os primeiros questionamentos frente à degradação ambiental visível a partir dos anos de 1970. No entanto, segundo Verdum (2005), pode-se considerar que a questão ambiental brasileira tem suas raízes profundas, a partir dos anos de 1930, quando se estabelece uma abertura crescente aos investimentos internacionais que buscam consolidar uma política para tornar o país um grande exportador de produtos agrícolas de interesse ao mercado consumidor externo. Para as elites brasileiras, a abertura aos investimentos internacionais era uma possibilidade delas e do país ingressarem em um modelo desenvolvimentista.

Até meados do século XX, as práticas no mundo rural e o seu processo de desenvolvimento, de certa forma, degradavam menos os ecossistemas, tanto em termos de intensificação como de espaço produtivo. A pressão (interna e externa) para que o país rural e urbano se modernizasse fez com que se assumisse o modelo aplicado às nações desenvolvidas. Gonçalves (2001) afirma que o modo capitalista de produção passou a implicar numa divisão de trabalho elevada ao extremo, em que não são mais as estações do ano que definem o que será produzido, mas as demandas de mercado, implicando numa mudança de relação com a natureza.

Esta mudança é marcada por uma perspectiva diferente, uma vez que a “evolução humana” teria marcado seus limites. Segundo diversos ambientalistas, seria impossível continuar avançando neste ritmo e tornando-se imprescindível frear a destruição da natureza que é justificada em nome do progresso e bem-estar da humanidade. Para diversos autores, alguns segmentos da sociedade humana estariam se dando conta dessa necessidade, e dessa forma, dá-se início um a processo de transformação e adequação às novas realidades.

Nesse contexto, alguns atores e grupos sociais buscam adequar-se frente a uma nova realidade. Em especial no mundo rural, uma corrente de pensamentos afirma o rural como um espaço de reconstrução, uma ruralidade articulada com o urbano. Sendo que nesta perspectiva, entende-se o rural como um espaço heterogêneo com formatos sociais diferentes, espaços produtivos diversos. O fenômeno mais “recente” neste ponto de vista é a questão ambiental. Uma vez que são percebidas diferentes ações ecológicas no rural, é questionada a caracterização da agricultura **não convencional**¹, seus interesses e suas motivações² relacionadas à sua adoção e sustentação neste ramo da agricultura. Buscando compreender percepções e motivações, investiga-se as estratégias de produção agrícola; e pode-se pensar na influência da “invenção do ecológico”, na expansão de uma “consciência ecológica planetária” que decorre das mudanças de escala e da intensidade dos desastres ambientais, e que de certa forma, tais influências, potencializam uma tendência de abertura de novos mercados de consumo “ecológico” ou “orgânico”. Mas, também, na incapacidade econômica desses produtores frente aos custos ligados à aquisição de insumos, sua resistência ou seu repertório cultural.

O despertar para a questão ambiental fez surgir um interesse dos indivíduos com o ambiente. O homem-sujeito, que observa e usa a natureza-objeto (informação verbal)³ torna possível a segmentação em diversos objetos científicos, determinando inegáveis progressos. Para Ferry (1994), criou-se uma mentalidade que a percebe como mais um objeto que pode

¹ Neste trabalho, a utilização do termo **não convencional** auxiliou no objetivo inicial. Foi um passo primeiro de investigação de pesquisa, utilizado-o quando em campo buscou-se as diferentes formas de expressão daquilo que demonstra ser uma resistência, o resultado de reflexões, a incapacidade (ou inviabilidade) econômica e que faz parte de uma tendência de situações presentes no meio rural. Refere-se às formas de fazer agricultura que diferem do modelo convencional, assumindo princípios, métodos e tecnologias com base ecológica, desdobrando-se em várias correntes.

² Motivação é entendida como uma força especial do princípio de razão suficiente do agir (ABBAGNANO, 1998).

³ Conferência **Ideal e material, em busca de novos paradigmas**: o papel da interdisciplinaridade ministrada por Claude Raynaud, no Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR em março 2006.

dispor da forma e quantidade que quiser. É sobre este o modelo dicotômico que a humanidade estruturou-se e sustenta o projeto moderno e o pensamento ocidental⁴.

A espécie humana surgiu no planeta há apenas 150 mil anos, fez parte de um processo chamado evolução, enquanto que a vida, desde suas formas mais primitivas surgiram há 4 bilhões de anos (DAL SOGLIO, 2009). A evolução da vida tem sido responsável pelo processo de adaptação de novas formas de vida aos diferentes ambientes e suas modificações. Um processo que é coevolucionário entre espécies e ambientes, em que fatores bióticos e abióticos dependem de ação contínua para a manutenção das condições ambientais e um equilíbrio dinâmico, cumprindo diferentes funções ecológicas. Enquanto alguns são responsáveis pela decomposição de organismos mortos, reciclando energia e nutrientes, outros produzem carboidratos, consomem gás carbônico e liberam oxigênio. E quando os distúrbios locais deste sistema prejudicam a vida de diferentes espécies e populações, alteram-se de alguma forma as condições ambientais do nosso planeta.

Quando a abrangência destes distúrbios ou impactos sobre o meio tornam-se evidentes, grupos sociais passam a discutir suas relações. Com a globalização, um debate não fica mais restrito a um campo específico, mas um elemento se conduz necessariamente a um emaranhado de dimensões. A relevância da problemática ambiental assumida na década de 1990 torna inegável sua importância. Embora, a pesquisa em ciências agrárias, as políticas de desenvolvimento e os conhecimentos acumulados em Ecologia permaneçam dissociados.

O debate sobre desenvolvimento é revigorado nos últimos anos, pois as ideias e as noções de modernidade, globalização e a crise ambiental configuram o emaranhado complexo que nutre tal panorama, ou seja, esses elementos estabelecem elos com o desenvolvimento. As transformações da natureza garantem à questão ambiental a visibilidade e a legitimidade no cenário atual. O quadro de relevância e incertezas conduz a dimensão ambiental ao patamar de referência e debate.

⁴ Toda forma de pensar a natureza, desenvolvida nos diferentes momentos históricos, é reflexo do paradigma vigente na sua época. O Cristianismo, por exemplo, estabelecia uma dicotomia entre ser humano e natureza, com sua afirmação de que o homem foi criado como imagem e semelhança de Deus. Retornando as culturas pré-modernas, período entre os anos de 1500 a 1800, o domínio humano tinha local central no plano divino (THOMAS, 1996). Dizia Aristóteles: “a natureza não fez nada em vão, tudo tem um propósito, as plantas foram criadas para o bem dos animais e estas para o bem do homem”, assim como afirmavam os estoicos (MANTOVANI, 2009). Thomas (1996) chama atenção para o nascimento da história natural que colaborou para abalar a visão antropocêntrica e que “o paradoxo, portanto, foi que das próprias contradições da antiga tradição antropocêntrica, emergiu uma nova atitude”. Para o autor, o fato de o homem domesticar animais, sugere certa afinidade entre eles que, em última instância, estimulou a desenvolver uma visão completamente diferente da relação do homem com outras espécies. O desenvolvimento de *novas sensibilidades* é uma das grandes contradições da civilização moderna. Carvalho (2002) considera que tal fenômeno estudado por Thomas (acima citado), poderia ser considerado parte das raízes do interesse contemporâneo pela natureza.

A questão ambiental traz à tona uma multidão de reações diferenciadas do processo de modernização (PLOEG, 1994), ou seja, esta expansão ou disseminação desperta, para alguns grupos sociais no meio rural, novas perspectivas. Junto a essas perspectivas, variadas estratégias podem ser desenvolvidas, inclusive para o que parece ser um modo homogêneo de se conduzir a agricultura. Diante das recentes transformações da sociedade no que tange ao processo de desenvolvimento, as diferentes dimensões que vem assumindo, sobretudo a ambiental, busca-se fazer uma leitura das possíveis mudanças no meio rural. A leitura das particularidades do espaço rural, as emergências da heterogeneidade, da resistência, da adaptação, das práticas carregadas de saberes locais, faz parte de um processo amplo de reconfiguração do rural. Uma reconfiguração que merece olhares sobre a diversidade não apenas nos seus aspectos econômico e produtivo.

A agricultura ecológica (re)surge no cenário contemporâneo como uma exigência de alguns grupos sociais, graças as transformações ocorridas na sociedade moderna. As constantes exigências críticas feitas por ambientalistas, cientistas e movimentos sociais advertem a cegueira que se comete contra a natureza, incluindo a espécie humana. Há uma pressão que vem dos consumidores, há uma mobilização por parte dos produtores, há uma exigência legal e, por isso, torna-se relevante uma leitura das mudanças ocorridas a partir dos novos ambientes formados.

A diversidade da agricultura familiar é apontada como uma das principais características da agricultura contemporânea. Contudo, escassos são os estudos que demonstram a diversidade de estratégias produtivas e reprodutivas da agricultura familiar, dentro de um estilo de agricultura, enquanto a manifestação e a influência que sofrem de determinações como o campo ambiental.

Nesta conjuntura, podem-se identificar caminhos e possibilidades de mudança para agriculturas mais “sustentáveis”. Um tema atual e relevante, diante do cenário de degradação ambiental no planeta. E assumida a relevância da questão ambiental e sua inserção no processo de desenvolvimento, torna-se proeminente saber a influência que exerce para os sujeitos que vivem no meio rural. Uma leitura da realidade também permite uma maior interlocução entre pesquisadores, agricultores, extensionistas e mediadores.

O percurso pessoal e profissional da autora, também, foi fonte motivacional, no desafio de compreender e caracterizar a agricultura ecológica, a partir da aproximação, com os sujeitos que lidam com os recursos naturais. Durante a experiência profissional relacionada a biologia, buscou-se debater o espaço dos biólogos na discussão sobre desenvolvimento. Refletindo sobre as responsabilidades da profissão, despertava para a necessidade de conciliar

conhecimento tradicional e acadêmico, de admitir que todos temos a aprender e a ensinar; de agregar à biologia alternativas de reafirmar o homem enquanto parte da natureza, de admitir que fazemos parte dela, que agimos e geramos impactos.

A partir do momento em que se visualiza diferentes campos possíveis na biologia, também ocorre a necessidade de aprofundamento dos estudos aliados a outras ciências, a estabelecer os diálogos até então, na maioria das vezes, ignorados. A realização da seleção no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), integrada a linha de pesquisa intitulada Dinâmicas Socioambientais no espaço rural, buscou aprofundar o debate sobre o desenvolvimento e a problemática ambiental numa perspectiva multidisciplinar.

Após a seleção e a inserção no PGDR o compartilhamento de angústias com os colegas era recorrente. Sob orientação do Professor Doutor Roberto Verdum, ocorre a inserção no Projeto Interdisciplinar (PROINTER)⁵ em andamento. Sob a luz de novos enfoques, o projeto foi sendo delineado, diversas interfaces foram estabelecidas entre as áreas que compõem o curso.

Desta forma, surge interesse de compreender a dinâmica de um grupo de agricultores os quais diferem da maioria dos cerca de 10.000 estabelecimentos rurais do município de Canguçu, no estado do Rio Grande do Sul foco deste estudo. São agricultores que buscam encaminhar seus sistemas de produção de maneira “não convencional”, aliados a uma diversidade de ambientes, e de usos dos recursos naturais.

Parte-se do princípio de que os agricultores que optam pela mudança do seu sistema de produção⁶ aliado a negação do modelo convencional, o fazem por diversas razões. Compreender como os atores sociais são capazes de reconhecer suas situações e desenvolver seu sistema de produção dentro de princípios e valores os quais permeiam seus discursos é o interesse principal desta pesquisa.

⁵ Prointer: Projeto Interdisciplinar do PGDR, sob o título de: “Desenvolvimento rural na ‘Metade Sul’ do Rio Grande do Sul: sistemas de relações, mecanismos e dinâmicas sociais e naturais.” Um programa de pesquisa que envolve uma equipe formada por diversos pesquisadores, professores e estudantes. Sob a prática de pesquisa interdisciplinar, a construção de uma problemática em comum ocorre após o diagnóstico da área de estudo. Para a compreensão e aprofundamento dos pontos-chave de pesquisa, acontecem os estudos disciplinares, dentre os quais insere-se esta dissertação.

⁶ Sistema de produção, conceito utilizado por Pillot (1986 apud FONTOURA; VERDUM; SILVEIRA, 2003) como aquele aplicado a uma escala de produção agrícola ou ao conjunto família. Também para Dufumier (2007 apud MIGUEL, 2009) o sistema de produção é a combinação de sistema(s) de cultivos e/ou sistema(s) de criação dentro dos limites autorizados pelos fatores de produção de que uma unidade de produção dispõe (disponibilidade de força de trabalho, conhecimento técnico, superfície agrícola, equipamentos, capital ...). Integra, igualmente as atividades de transformação e conservação de animais, vegetais e florestais realizados dentro dos limites da unidade agrícola.

Frente ao cenário de que ocorre um rural modificado, dotado de uma diversidade produtiva e ambiental, as questões centrais desta pesquisa são:

a) Quais as percepções e as motivações dos agricultores do município de Canguçu/RS para a prática de seus sistemas de produção “não convencionais”? As relações com o meio ou com a sociedade acabam por potencializar a produção, interferindo em práticas produtivas “alternativas”?

Esta dissertação está organizada em seis capítulos, após a introdução ou capítulo um, apresenta-se parte do referencial teórico do estudo, iniciando com uma revisão ampla e geral sobre o tema da agricultura familiar e agricultura não convencional. Busca-se caracterizar o município de estudo com base na sua produção agrícola, apresentando os principais sistemas de produção, sem a pretensão de aprofundar o assunto. Em seguida, delimitando melhor o objeto de estudo, apresenta-se o contexto municipal de inserção e adesão à agricultura ecológica, bem como as entidades fundadoras e apoiadoras do processo.

No capítulo três, em outra parte da abordagem teórica procura-se fundamentar o trabalho. Através de uma perspectiva teórica que busca explicar a diversidade de formas de agricultura, são estabelecidos os diálogos entre os autores que trazem conceitos de estilos de agricultura, transição, percepção, estratégias e expansão do movimento ecológico.

No quarto capítulo, detalha-se o percurso metodológico adotado descrevendo desde a construção da pesquisa, até a inserção no campo e as técnicas de pesquisa utilizadas. Junto com o registro de dados, encontram-se em apêndice, as entrevistas semiestruturadas utilizadas com os entrevistados. O processo de análise e registro dos dados, com base em Bardin (2009) é apresentado na sequência. Vantagens e limitações do uso de tais técnicas também se encontram no corpo deste capítulo.

O quinto capítulo segue com o detalhamento dos dados obtidos em campo e a confrontação com o referencial teórico abordado. O resultado da análise dos dados é sumarizado através de figuras elaboradas pelos autores. Alguns quadros também são utilizados para sumarizar os conteúdos coletados. As discussões são realizadas ao longo da apresentação dos resultados, evitando fragmentações em diversos itens ou capítulos.

Para finalizar, no sexto e último capítulo, adentra-se com as considerações finais, quando se resgatam as principais ideias e resultados, de modo a sistematizar o que foi abordado durante a dissertação.

1.1 OBJETIVOS

Identificar e analisar as percepções, as motivações e as estratégias dos agricultores não convencionais do município de Canguçu/RS na condução de seus sistemas de produção e como podem influenciar na produção agrícola em diversas escalas (locais, regionais e até nacionais).

Este é complementado pelos seguintes objetivos específicos:

- a) caracterizar o contexto histórico mundial, de organização social e produção agrícola na perspectiva da agricultura não convencional;
- b) identificar as percepções e as motivações dos agricultores não convencionais no município;
- c) compreender como esses agricultores elaboram conhecimento e estratégias para potencializar a produção;
- d) identificar a heterogeneidade dos sistemas produtivos não convencionais em termos de denominações e práticas agrícolas;
- e) identificar elementos e dinâmicas que conduziram à construção de uma “consciência ecológica”.

2 CANGUÇU: A CAPITAL NACIONAL DA AGRICULTURA FAMILIAR

O atual número de estabelecimentos familiares para o município de Canguçu o faz ser reconhecido nacionalmente como a “Capital Nacional da Agricultura Familiar”. São 9.881 estabelecimentos rurais, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (2010). Este número consagra a formação da “pequena” agricultura derivada de um processo de povoamento altamente excludente.

2.1 AGRICULTURA FAMILIAR

No contexto desta dissertação, o tema da agricultura familiar não pode deixar de ser abordado. No entanto, sem a intenção de dar conta da discussão e evolução do conceito, apresenta-se a definição adotada pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO). O objetivo é que se faça uma reflexão da agricultura familiar como uma aliada na busca pela sustentabilidade.

Destaca-se inicialmente, que o agricultor familiar se trata de um termo em ascensão, embora ainda recente. Para Schneider¹ (1999), entre os estudos publicados e que deram impulso decisivo estão os de José Eli da Veiga, Ricardo Abramovay e Hugues Lamarche. Hoje, já não se discute porque o capitalismo não eliminou os “camponeses”, mas sim a produção, a modernização, as questões de abastecimento e a qualidade alimentar. Um contexto em que (re)emerge o que existe de alternativo. De certa forma, a questão ambiental une-se a um debate da sociologia e a outras áreas do conhecimento das ciências humanas, tais como Antropologia, Geografia, Psicologia, etc., assim como numa perspectiva multidisciplinar.

Ainda que não se tenha uma definição rigorosa e consensual sobre o conceito da agricultura familiar, há uma certa generalização em torno da ideia de que o agricultor familiar é todo aquele sujeito que vive e trabalha no meio rural juntamente com sua família. Desta forma, definido pelo senso comum, o agricultor reúne uma diversidade de formas de fazer agricultura diferenciada pelos tipos de famílias, pelo contexto social, interação com os diferentes ecossistemas, origem histórica, entre outras. E assim surgem as diferentes

¹ Para maiores detalhes sobre o debate brasileiro acerca do tema da Agricultura Familiar ver Cap. 1 da Tese de Doutorado de Schneider (1999).

denominações locais para os agricultores familiares de norte a sul do Brasil, como posseiro, caipira, fazendeiro, etc (SCHNEIDER; NIEDERLE, 2008).

Para a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, no ano de 1994, a variedade de termos para designar a produção familiar na agricultura foi definida a partir de opostos. Nesta década foi constituída uma classificação que serviria de guia para delimitar o público alvo das políticas agrícolas e agroindustriais diferenciadas.

De um lado a agricultura patronal é definida como aquela em que existe total separação entre gestão e trabalho, a organização é centrada na especialização e práticas agrícolas padronizadas. Nela, predomina o trabalho assalariado, um modelo que engendra forte concentração de renda e exclusão social (FAO/INCRA, 1994). De outro lado, a agricultura familiar, definida como aquela que apresenta uma relação íntima entre trabalho e gestão é conduzida pelos próprios proprietários, sendo a possibilidade da presença de trabalho assalariado complementar. Sua ênfase está na diversificação e na maleabilidade do processo de decisão, garantindo vantagens devido a estabilidade e a adaptação (FAO/INCRA, 1994).

O agricultor familiar no contexto do “não convencional” é um tema relativamente novo e vem ganhando destaque estudado pela sua formação de redes, reconhecimento das práticas, etc. O agente principal dessa produção agrícola é o agricultor familiar e recebe a centralidade em função de conhecimentos e saberes sobre as técnicas e gestão dessa modalidade. No item que segue, pretende-se explorar a união entre agricultor familiar e o que se denomina ainda como não convencional, além do contexto em que ocorre o ressurgimento de “novas”² formas de exploração familiar.

2.2 AGRICULTURA FAMILIAR “NÃO CONVENCIONAL”

Embora seja tão diversa, Maia (2009) salienta que a agricultura familiar apresenta dois traços que se mantêm constantes durante os 500 anos de história do país: sua produção ocupa papel importante de segurança alimentar no abastecimento interno e o Estado lhe dispensa tratamento marginal ou secundário. A agricultura familiar ocupa uma posição secundária dentro do modelo de desenvolvimento, desde sua origem.

² O termo *novas* merece o destaque uma vez que não se quer reduzir a longa trajetória de estudos produzidos antes da conformação assumida pelo projeto FAO/INCRA de cooperação. Pode ser compreendido como uma revalorização.

Em meados do século passado, no entanto, junto com a ampliação do espaço de manifestação social do Brasil, quando foi promulgada a Constituição Federal em 1988, o repasse de recursos federais através de conselhos municipais multiplica-se nos diferentes setores. Momento que marca a inclusão da agricultura familiar inserindo-se nos processos de gestão pública por meio de suas organizações (MAIA, 2009) representando cerca de 85% das propriedades rurais no Brasil (SILVA, 1992).

Para Navarro (1996) fatores como a retomada da liberdade política após o fim da ditadura militar no final dos anos 1970, o agravamento das condições de vida e trabalho no campo devido as mudanças ocorridas a partir da modernização agrícola, a ação catalisadora dos setores progressistas, sobretudo a Igreja Católica e as Comunidades Eclesiais de Base, convergiram e influenciaram a mobilização e a organização de populações rurais, especialmente no sul do Brasil.

A retomada da organização dos movimentos no campo, especialmente nos anos de 1980, foi de grande importância, pois a partir disso, as políticas públicas passaram a incluir os pequenos agricultores no processo de desenvolvimento do país.

A partir dos anos de 1990 a expressão agricultor familiar se difunde. E atualmente, parece haver uma dicotomia entre agricultor patronal e familiar, conforme proposta apresentada anteriormente. No entanto, embora haja a tentativa de unificar, entre os agricultores hoje identificados como familiares, ocorrem grandes contrastes e diferenças. Assim como há diferenças culturais, trajetórias de inserção ou de exclusão no projeto de desenvolvimento, há também as diferenças em termos de ecossistemas que resultam em diversas formas de relação com o meio.

Se estas diferenças foram tratadas até então de maneira secundária, atualmente percebe-se uma intercalação, ao menos por parte da sociedade. O projeto de desenvolvimento do país, aos poucos, parece incluir diferentes dimensões. Para alguns autores, isso decorre da própria evolução do pensamento ambientalista. Os esforços para a incorporação da noção de sustentabilidade para a promoção do desenvolvimento vão ficando mais visíveis, dado o contexto de crise global, fruto do aumento da população, limites da produtividade e da degradação ambiental.

Também são percebidas as diversas expectativas depositadas nos agricultores familiares, como: segurança alimentar, preservação e conservação dos recursos naturais, manutenção das paisagens, etc.

Nesta perspectiva, diversos autores defendem que a agricultura familiar aliada a agricultura ecológica pode ser capaz de superar a necessidade crescente de produção de

alimentos, com preservação ambiental, através de uma espécie de comunicação (ponte) entre ambos.

Mesmo em situação marginal, a agricultura familiar segue cumprindo papel relevante na ocupação de mão de obra, na produção de alimentos, manutenção da biodiversidade e preservação de paisagens. Nesse contexto, surgem as alternativas, as diferentes formas de adaptação e a convivência com o ecossistema trabalhado, um processo que tem a natureza como matriz geradora de conhecimentos.

Meirelles (2007) destaca algumas estratégias de intervenção dos agricultores familiares que segundo ele, permitem afirmar que a agricultura familiar com base ecológica pode constituir um alicerce para a construção de um desenvolvimento rural sustentável e integral: o desenvolvimento de sistemas de produção sustentáveis; as práticas de estímulo a reciclagem de nutrientes; o uso de sementes próprias; a relativa independência em relação a insumos externos; e a valorização da produção para auto-consumo. Os sistemas produtivos da agricultura familiar guardam, desta forma, muitas relações com os princípios ecológicos (MEIRELLES, 2007).

Da argumentação em favor da aproximação entre a agricultura familiar e a agricultura ecológica, entende-se que a pressão ambiental é sentida com mais força por aqueles que não possuíram capital para moldar determinadas condições do meio. Que as condições impostas pelo meio, o espaço onde vivem os agricultores, em termos de limitantes e potencialidades, exercem influência sobre o resultado do sistema de produção. Assim como a cultura, a racionalidade econômica, as formas de relevo, o tipo de vegetação natural, a presença ou não da água, também são assistentes ao sistema de produção alternativo³. Para Verdum e Fontoura (2009), o solo, resultado da decomposição de rochas e acumulação de matéria orgânica, vai determinar a repartição dos tipos de condições de trabalho, de tipos de utilização. A distribuição das águas é geradora de contatos sociais. Assim, “[...] a organização resultante da área de cultivo e sua comunidade representa uma situação de equilíbrio entre fatores físicos e a coletividade humana, representando sempre uma época, um tempo de coletividade e de suas potencialidades.” (VERDUM; FOUNTOURA, 2009, p. 24).

No contexto deste trabalho, que destaca as diferenças regionais e locais em meio a um mundo homogeneizador, encontrar essas diferenças significa encontrar a chave da inserção de certas camadas sociais no mundo globalizado.

³ Um dos primeiros termos que surgem para referenciar um sistema de produção não convencional.

Importante salientar aqui, também, que as práticas milenares da agricultura, baseadas nos recursos provenientes dos meios naturais são denominadas por autores como Altieri, Gliessman e Lutzemberger como a agricultura **tradicional** (entendida como não modernizada). Para estes autores, com raras exceções, a agricultura tradicional desenvolveu métodos sustentáveis, pois não utilizar agroquímicos não representa necessariamente uma agricultura ecológica, uma vez que manejos inadequados de produtos orgânicos podem contaminar o solo ou até mesmo diminuir a fertilidade.

No final do século XIX e início do século XX, uma série de descobertas científicas e tecnológicas induziram o abandono dos sistemas rotacionais e a separação da produção animal e vegetal. Foi quando teve início a nova fase da história da agricultura, a *Segunda Revolução Agrícola*, que consolidou o padrão produtivo químico, motomecânico e genético. Um padrão que mais tarde vai chamar-se agricultura **convencional**, ou clássica, e vem sendo praticado nas últimas seis ou sete décadas, culminado com a chamada Revolução Verde (EHLERS, 1996).

As ideias de práticas agrícolas que surgem concomitantemente ou após o período de intensificação da Revolução Verde, nada mais são do que alternativas ao modelo que objetivava ser único (homogeneizador). Agriculturas alternativa, ecológica, orgânica, biodinâmica, permacultura, natural, agroecológica, de base ecológica, regenerativa, entre outros, são de certa forma, impulsionadas com o padrão convencional. Elas têm em comum a valorização do papel biológico dos processos produtivos. Certamente que as diferentes expressões citadas convergem em seus diferentes contextos históricos e características específicas. Mas Ehlers (1996) caracteriza estes, como movimentos “rebeldes” surgidos a partir dos anos de 1920-30, que fortalecem em conjunto e passam a ser conhecidas como **alternativas**. Desta forma, o autor considera que só no início dos anos de 1970 forma-se um campo de oposição ao padrão produtivo agrícola moderno, que concentrado em torno de um conjunto amplo de propostas “alternativas”, recebe o nome de *agricultura alternativa*. O autor salienta ainda que em nível nacional, essas ideias disseminam-se a partir dos anos de 1970, durante o auge da “modernização agrícola”. Neste período, emergiram inúmeras organizações não governamentais, associações, etc, atores sociais com papéis importantes e que estiveram presentes, em muitas realidades nas quais o Estado esteve ausente.

Sem dúvida, no Brasil, cresceu muito o interesse e a preocupação com as questões relacionadas à produção agrícola e *meio ambiente*. Isso se reflete no número de ONG's

formadas a partir dos anos 1980, as quais cresceram exponencialmente⁴. Em Porto Alegre, a capital do estado do Rio Grande do Sul, destacaram-se as atividades em defesa ambiental, desde 1971, com a criação da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN), que prosperou e espalhou diversos frutos em todo estado.

Dentro da diferenciação exposta e da heterogeneidade a ser apresentada pretende-se destacar a emergência e o desenvolvimento de tipos agrícolas calcados nos mais diversos princípios, valores e práticas. Como não poderia deixar de ser, também objetiva-se neste capítulo localizar o município de Canguçu e apresentar algumas de suas características locais relevantes a este estudo.

2.3 A PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE CANGUÇU

O município de Canguçu está situado, segundo a divisão regional proposta nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDES), na região funcional Sul (Figura 1). Em termos das Unidades Geomorfológicas do estado, situa-se no Escudo Sul-rio-grandense (RIO GRANDE DO SUL, 2009). Nesta região há a predominância de atividades do setor primário, a criação de gado e o cultivo do arroz. Essas atividades são praticadas, em sua maioria, em propriedades rurais com grande extensão de terra (acima de 200 ha), nos compartimentos de topo e planícies aluviais. As pequenas propriedades rurais (até 20 ha), em geral, estão restritas aos setores de encosta desse escudo, de topografia acidentada, desfavorável a atividades que exijam mecanização intensa na produção agrícola.

Canguçu destaca-se, nesta microrregião e em nível estadual, pelo seu elevado número de estabelecimentos rurais. Segundo o (IBGE, 2006), são 9.881 estabelecimentos, com área média de 16 ha que fazem do município o maior minifúndio da América Latina e a Capital Nacional da Agricultura Familiar. Veja a Figura 1 que localiza o município.

⁴ A estimativa do número de ONG's até os anos de 1980 é de 5.000, enquanto que em 2005, segundo IBGE, no Brasil são 601.611 unidades locais de entidades sem fins lucrativos.

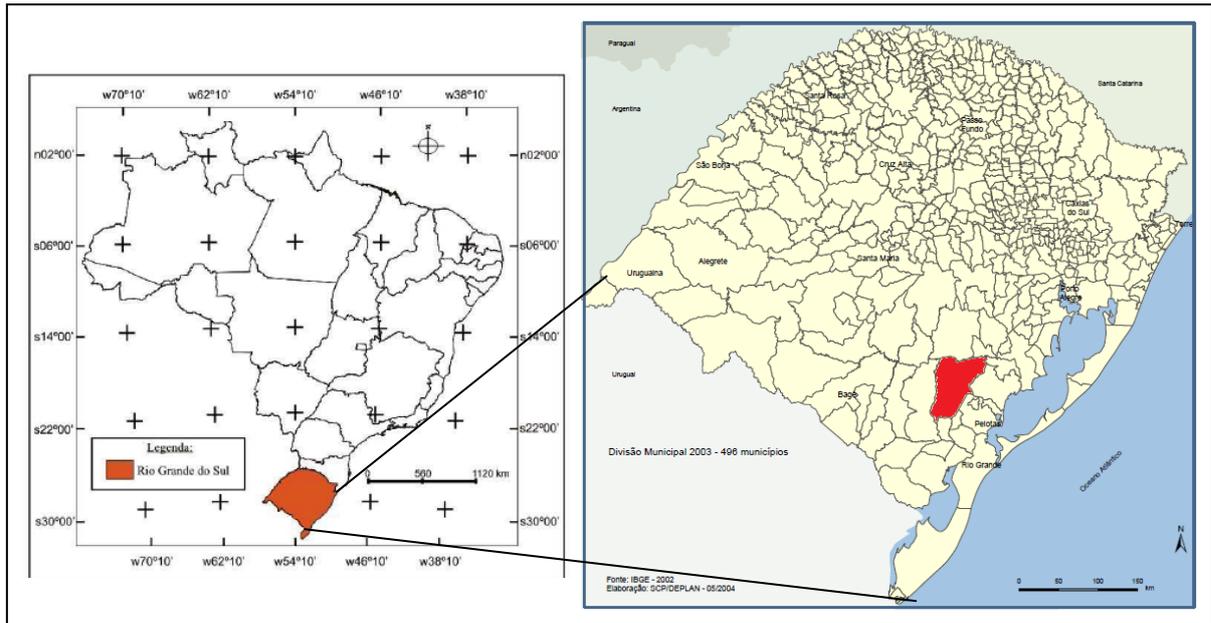


Figura 1: Localização do município de Canguçu no Estado do Rio Grande do Sul e Brasil

Fonte: IBGE (2002), elaboração DEPLAN

A produção de maior destaque, no município, em nível estadual é o tabaco⁵. Em 2004, foram produzidas 20.900 toneladas (área de 9.500 ha), o que representa 4,33% da produção nacional, sendo o terceiro maior município produtor do país (IBGE, 2004). Outros cultivos também têm destaque na economia do município como a produção de feijão, milho e pêsego, além da pecuária. A criação de gado extensivo abrange áreas planas ou de relevo suave e nas condições de Canguçu esta atividade, também, passa a ser praticada em áreas menores, caracterizando a chamada de *pecuária familiar*.

De acordo com o estudo realizado por Fialho (2005) o município tem suas origens relacionada às concessões de sesmarias e datas⁶, que foram destinadas a pecuária extensiva e a agricultura de subsistência. Com o passar dos anos parte das sesmarias, principalmente as que se localizavam em regiões que dificultam a atividade de criação ou de cultivo, foram desmembradas em função da venda ou partilha de heranças. Mais tarde, na primeira metade do século XIX, a chegada dos imigrantes italianos e alemães trouxe uma maior diversificação da atividade agrícola destinada à subsistência, com venda do excedente.

Nestas décadas foi observada a migração rural-urbana, significando que a modernização provocou a expulsão de um grande contingente populacional para as cidades. A chegada de máquinas e de pacotes tecnológicos⁷ ao campo dispensa a mão de obra.

⁵ Tabaco: nome comum dado às plantas do gênero *Nicotiana* sp.

⁶ Uma sesmaria corresponde a 13.068 ha e uma “data de terra” equivale a aproximadamente 272 ha.

⁷ Pacote tecnológico: conjunto combinações químicas e sintéticas com rápidas respostas e controle de pragas.

Um padrão tecnológico implantado transformou as relações produtivas. Visava de fato uma homogeneização da agricultura, em que os instrumentos de produção vêm de fora da propriedade, a industrialização do processo produtivo transformou em mercadorias aquilo que antes eram as ferramentas básicas para fazer agricultura. O homem do campo vira um empregado do modelo convencional de fazer agricultura.

Em algumas regiões, no entanto, seja por suas características ecológicas ou pela resistência dos agricultores, nem todos incorporaram as tecnologias do “pacote tecnológico moderno” difundido. São repercussões diferenciadas, como observa-se no Escudo Sul-riograndense e, especificamente, em Canguçu, seja pelas suas características do contexto socioeconômico, cultural ou ecológico. Para Borba (2002), a ausência das condições necessárias para a transformação produtiva de uma condição de “atraso” para a condição “moderna” caracterizou o processo de modernização da agricultura incompleto. Entende-se, com base no autor supra citado, que a transição de um padrão para outro na agricultura não ocorreu de forma homogênea e que a adoção de um padrão moderno não significou a simples eliminação das formas de agricultura tradicional.

Para Cotrim (2003) o município é caracterizado por duas zonas agroecológicas, conforme Figura 2.

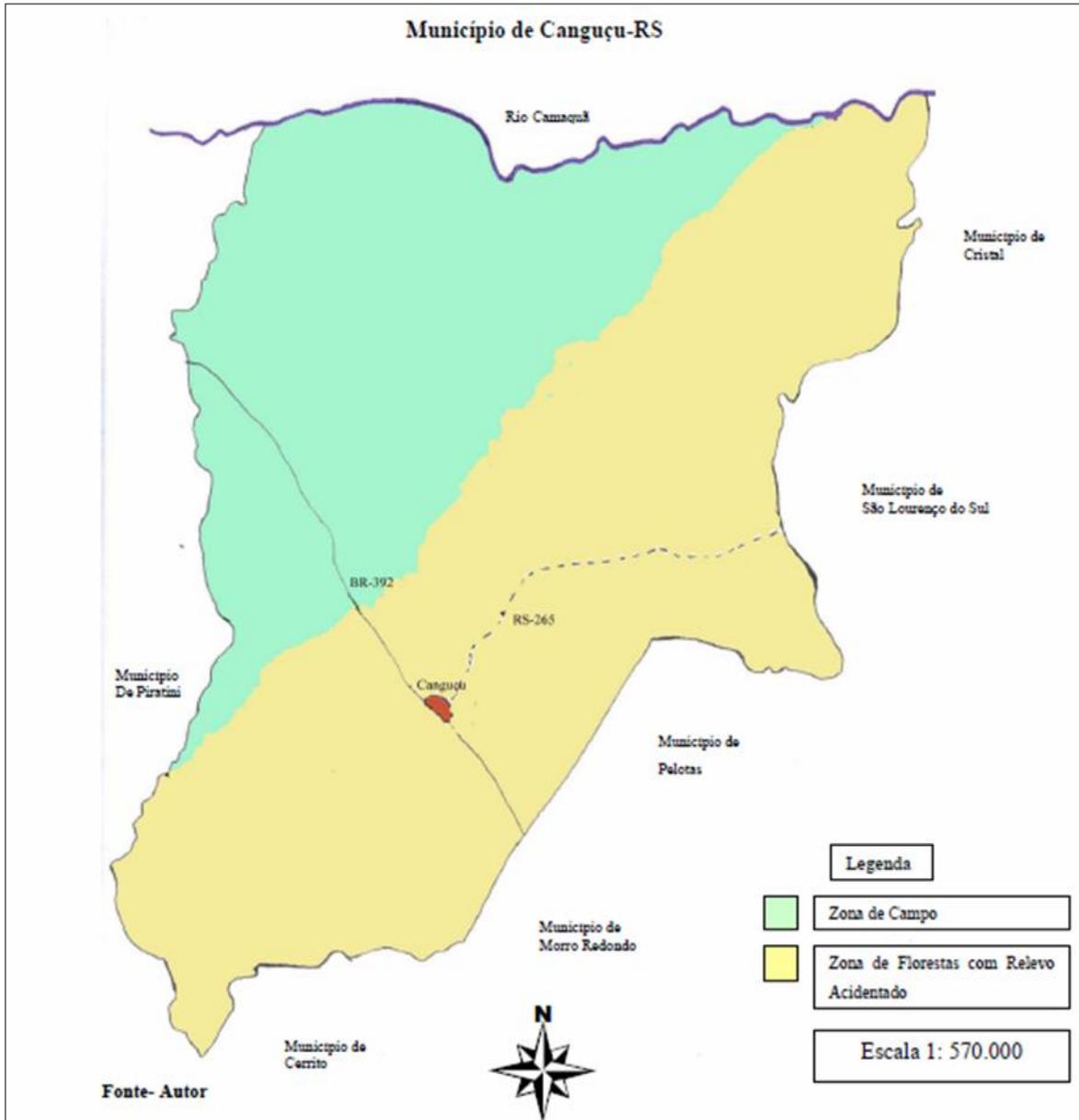


Figura 2: Zonas de coberturas vegetais e características de relevo – zonas agroecológicas - do município de Canguçu/RS

Fonte: COTRIM (2003, p.53)

O reconhecimento destas zonas é de grande importância para a análise das estruturas fundiárias, das dinâmicas de produção e da formação dos tipos de agricultores. Seguido do reconhecimento dos compartimentos do relevo em que estão inseridos estes agricultores, realizada a partir das figuras a seguir, Figura 3 e 4.

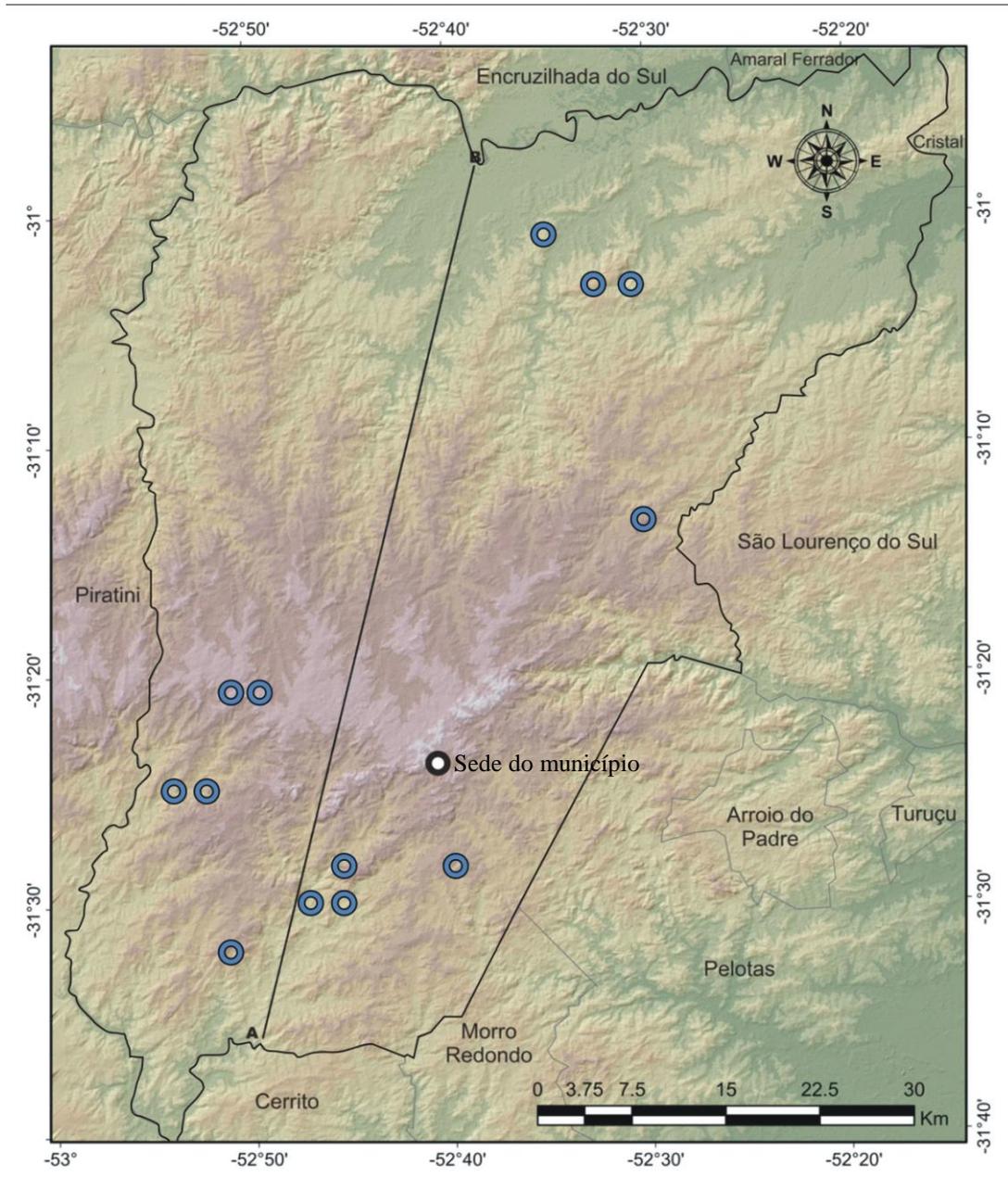


Figura 3: Município de Canguçu/RS (localização do perfil A – B) e os produtores rurais entrevistados na pesquisa localizados pelas círculos em azul.

Fonte: CUNHA et al. (1997) modificado por VIEIRA (2010)

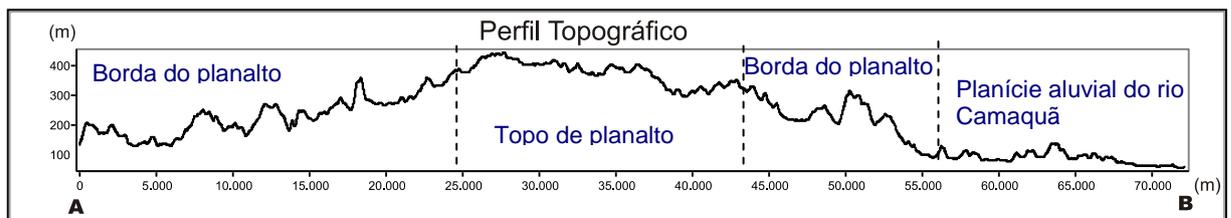


Figura 4: Perfil Topográfico (A-B) e compartimentos de relevo em Canguçu/RS

Fonte: Adaptado pela autora a partir de VIEIRA (2010)

diferencia três diferentes setores da agricultura. Um *primeiro* setor caracteriza-se, quanto ao relevo, por planícies aluviais próximas ao rio Camaquã. O *segundo* setor apresenta topografia acidentada, caracterizada por campos entremeados por pequenas aglomerações arbustivas e afloramento de rochas, identificada por uma agricultura familiar, denominada topo de planalto. O *terceiro* setor de agricultura do município de Canguçu localiza-se nos limites com os municípios de Pelotas e Morro Redondo, de relevo bastante acidentado, denominada borda do planalto restringindo a atividade de cultivo em pequenas áreas destinadas a produção de milho, feijão, batata, fumo e pêssego. As características acidentadas do terreno são melhor aproveitadas quando utilizadas com cultivos perenes. Segundo Fialho (2005), a produção de pêssego e fumo, são os mais comuns; a pecuária restringe-se a animais de tração e algumas vacas de leite, tendo o gado de corte ficado no passado distante, naturalmente excluído pelas restrições impostas pelo terreno.

Diante do exposto, descreve-se de maneira sucinta, a diversidade de sistemas de produção apresentados no município, com base nos relatórios realizados pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER, 2000) municipal, bem como outros estudos elaborados no município, como o de Cotrim (2003) e Fialho (2005).

No cenário atual, destacam-se os seguintes sistemas produtivos:

- a) *sistema de produção leite, milho e feijão*: sistema em que a produção de leite trabalha de forma integrada com a Cooperativa Sul Rio Grandense de Laticínios (CONSULATI) ou a Cooperativa dos Pequenos Agricultores Produtores de Leite da região Sul (COOPAL). O milho produzido na propriedade serve de alimento para o gado, realizando a venda do excedente. O feijão é cultivado em pequenas áreas como cultivo de subsistência e o excedente tem o objetivo da comercialização. Segundo EMATER (2000) esta matriz encontra-se em propriedades com área de 15 a 20 ha, representando cerca de 20% das propriedades do município, situada no 1º, 2º e 4º distritos, conforme pode ser visto na Figura 5. Ocupando tanto a zona de campo, quanto a de floresta, de relevo acidentado, este sistema de produção encontra-se em relevo bastante acidentado (borda de planalto), estabelecido entre campos entremeados por pequenas aglomerações arbustivas e afloramento de rochas.
- b) *sistema de produção milho e fumo*: fumo é a principal atividade econômica e caracteriza-se pela conexão com as indústrias integradoras que financiam e adquirem a produção. O milho é cultivado visando o abastecimento da família e alimentação de animais. O tamanho das propriedades varia de 10 a 15 ha,

representando cerca de 20% das propriedades do município (EMATER, 2000). Com relação a sua localização nas Figuras 3 e 4, estas propriedades situam-se na região central, próximas a sede do município (1º distrito) e a Noroeste, próximo aos limites com São Lourenço do Sul, entre as altitudes 100 e 300 metros, onde se formam as coxilhas (topo de planalto).

- c) *sistema de produção milho, feijão e soja*: esse sistema utiliza baixa tecnologia, a produção é destinada a comercialização, a qual é feita através de intermediários que transportam o produto para centros consumidores maiores. Segundo a EMATER, este sistema de produção está presente em 30% das propriedades de Canguçu, distribuídas pelos cinco distritos do município. O tamanho das propriedades neste sistema varia de 20 a 50ha. Ocupa, portanto, as áreas de campo e floresta de relevo acidentado, com solos pouco espessos e pedregosidade, em relevos ondulados e fortemente ondulados, conforme se observa na Figura 3, topo de borda de planalto.
- d) *sistema hortaliças e frutas*: as frutíferas cultivadas são comercializadas por atacadistas do município, através de mercados e feiras de produtores locais, algumas ainda são comercializadas para as agroindústrias do próprio município ou municípios vizinhos. As propriedades envolvidas possuem de 1 a 15ha. Encontram-se localizadas, principalmente, no 1º distrito (no topo do planalto), próximo a sede do município, e outras no 2º e 3º (borda do planalto), totalizando, segundo a EMATER, não mais do que 5% das propriedades do município. Localizam-se em relevo de topografia acidentada, conforme pode-se observar nas Figuras 3 e 4.
- e) *sistema de pecuária de corte, ovinos e milho*: o cultivo de milho vem complementar a alimentação animal, além da venda do excedente, pois a alimentação dos animais é baseada na pastagem nativa predominante. Além do consumo na propriedade, as carnes são comercializadas em frigoríficos, matadouros e açougues. O tamanho das propriedades fica entre 200 e 300ha. Estão situados ao Norte do município, em zona de campo e floresta de relevo pouco acidentados (borda do planalto) e plano, nas planícies aluviais do rio Camaquã (Figuras 3 e 5), no 3º e 5º distritos.
- f) *sistema de pecuária de corte e arroz*: este sistema de produção abrange um pequeno número de propriedades com áreas médias acima de 200ha. A área de cultivo situa-se as margens do rio Camaquã, ao Norte do município (Figuras 3 e 4),

em integração com a pecuária, que tem o objetivo de proporcionar maior renda. Observando o perfil topográfico apresentado, depara-se com as menores altitudes, sendo inferiores a 100m (Figuras 3 e 4) na planície aluvial do rio Camaquã.

No manejo dos cultivos a principal técnica é a tração animal, além de pequenos equipamentos (COTRIM, 2003). O que há em comum é que a base de produção é basicamente familiar. A contratação ocorre em pequena escala. Para Pinheiro (2010) a dificuldade em comercializar produtos tradicionalmente cultivados, como a cebola (*Allium* sp.), a batata-inglesa (*Solanum* sp.) e o milho (*Zea mays*) e mais recentemente o pêssego (*Prunus* sp.), estimularam o crescimento da fumicultura. Este cultivo, não demanda grandes extensões de terra e, aliado a garantia de compra oferecida pelas empresas fumageiras instaladas na região, influenciaram a consolidação do cultivo do tabaco na área de estudo, na denominada agricultura familiar.

Até a década de 1960 os agricultores de Canguçu continuavam a produzir sem que houvesse tamanha intervenção no formato de suas técnicas. Mas com o começo da chamada Revolução Verde inicia-se a difusão de novas técnicas produtivas, com o objetivo de aumentar a produtividade através da “modernização” (padronização) das técnicas de produção utilizadas. Estas técnicas estavam baseadas no emprego intensivo de insumos industriais, padrão que passa a ser denominado como **convencional**.

A década de 1970, período em que houve um crescimento na produção da indústria de conservas em Pelotas, município vizinho de Canguçu, foi resultado das políticas de incentivo ao setor e modernização das atividades primárias (FIALHO, 2005). Os grandes pomares foram implantados, segundo o autor citado, por volta dos anos de 1974, pelas próprias empresas, que priorizavam a sua produção, deixando os agricultores familiares para uma negociação secundária. Aqueles que não adotaram tais inovações, que eram desprovidos de terra para tal, tornaram-se menos competitivos no mercado e, portanto, descapitalizaram-se. Isso promoveu um forte impacto no meio rural, especialmente devido à degradação social, expressada pelo êxodo rural.

Neste momento, conforme Fialho (2005) os agricultores foram assediados pelas empresas de tabaco para plantar fumo, que oferecem uma série de incentivos como assistência técnica, garantia de compra, seguro agrícola e financiamento para o custeio e investimentos.

O município conta também com 16 assentamentos da reforma agrária, envolvendo cerca de 460 famílias. De maneira geral desenvolvem a agricultura familiar, visando inicialmente o sustento da família. Entretanto, não compõem uma classe homogênea,

encontrando-se inseridos nas diversas formas de se conduzir a agricultura, nos sistemas citados acima.

A diversidade étnica com suas diferentes culturas, conhecimentos e habilidades junto com as diferentes características do meio (relevo, solo e cobertura vegetal) molda a diversidade de tipos de agricultura. Agricultores familiares, assentados da reforma agrária e comunidades quilombolas conferem ao município a situação de maior minifúndio da América Latina (o que não significa dizer que estamos numa situação igualitária de divisão de terras, pois ainda muitos têm pouco e poucos têm muito).

2.4 PERSPECTIVA ECOLÓGICA EM CANGUÇU

A apresentação anterior tratou de expor os sistemas de cultivo e criação que fazem parte do meio rural em Canguçu. Mesmo que não enfatizado, em relação ao processo de modernização da agricultura (o qual contém pressupostos que são questionados pelos movimentos alternativos) da agricultura sabe-se que as atuais técnicas que prevalecem do meio rural são as técnicas convencionais. Estas são entendidas como aquelas práticas construídas em torno de dois objetivos que se relacionam: a maximização da produção e o lucro. Para Gliessman (2009) as seis práticas básicas que formam a espinha dorsal da agricultura moderna ou convencional são: cultivo intensivo do solo, monocultura, irrigação, aplicação de fertilizante inorgânico, controle químico de pragas e manipulação genética de plantas cultivadas.

Desta forma, salienta-se novamente que a utilização do termo “não convencional” refere-se a uma visão contrária, seja total ou parcial, dos princípios e das técnicas em que se constroem a agricultura convencional.

Sem negar os avanços técnicos e científicos ocorridos ao longo do século XIX e XX, os quais permitiram muitas conquistas importantes na agricultura, sabe-se que a modernização da agricultura, e mais tarde os princípios e técnicas da Revolução Verde, desencadeou inúmeros problemas sociais, econômicos e ambientais. Conjectura em que surgem formas alternativas⁸ ou estilos particulares de se conduzir a agricultura, mas que não são necessariamente um contraponto ao modelo dominante.

⁸ O termo “agricultura alternativa” é utilizada por Altieri (1989) entendendo-a como aquela com base ecológica e que tem por objetivo “um meio ambiente equilibrado, produtividade e fertilidade dos solos sustentados e

Para autores como Ehlers (1996) anteriormente a difusão intensa das técnicas da agricultura convencional, quando já aconteciam alguns incidentes demonstrando o desgaste de solo que tais técnicas ocasionavam, as agriculturas biodinâmica, natural, orgânica passam a existir como um contramovimento. Este contramovimento abrange uma heterogeneidade de visões e denominações.

No Rio Grande do Sul, com pouca ou nenhuma assistência técnica, num contexto de exclusão do processo de produção, os agricultores que permaneceram ou resistiram no rural, ligam-se a Igreja Católica, as então denominadas Comissões Pastorais da Terra (CPT)⁹, que desenvolvem trabalhos juntos aos agricultores. Segundo Petersen e Almeida (2006) uma implementação que abriu espaço para a inteligência criativa de produtores e produtoras familiares na experimentação de variadas alternativas sócio-organizativas e técnicas. Para Schmitt (2010) o trabalho da Igreja Católica, dos setores progressistas da Igreja Luterana, dos sindicatos combativos de trabalhadores do campo e dos movimentos de luta pela terra deram seu primeiro impulso para o trabalho ecológico nesta região. Seguido da importância das ONG's e da assessoria técnica que favorecem o processo de transição para a agricultura ecológica.

Segundo o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) o início dos trabalhos com agricultura ecológica na região sul datam de 1978, quando da fundação da ONG, nos municípios de Pelotas, Canguçu e São Lourenço do Sul. Os autores Becker, Caldas e Sacco dos Anjos (2007) chamam atenção para o auxílio desta organização aos pequenos agricultores; o CAPA, aliado à CPT, durante as décadas de 1970-80 implementaram importantes avanços para a Agroecologia, tendo seu trabalho gerado bons frutos e provocado a organização de dezenas de associações comunitárias. Petersen e Almeida (2006) afirmam que as organizações de assessoria aos movimentos sociais no campo, criadas em sua grande maioria no início da década de 1980, surgiram de dentro dos movimentos pastorais das igrejas católica e protestantes ou foram por eles estimuladas.

A União das Associações Comunitárias no Interior de Canguçu e Região (UNAIC) foi fundada em 1988, um dos primeiros órgãos fruto do trabalho do CAPA. É sob a orientação do CAPA e da CPT, por conseguinte, que se organizam diversos núcleos na produção de alimentos sem o uso de agrotóxicos, a então chamada produção de base ecológica.

controle natural de pragas, diante o desenho de agroecossistemas diversificados e o emprego de tecnologias auto-sustentáveis”.

⁹ A criação da CPT, em 1975, tornou sistemático o processo de mobilização junto ao campesinato em vários estados da federação (PETERSEN; ALMEIDA, 2006).

A Associação Regional de Produtores Agroecológicos da Região Sul (ARPA-SUL), a Sul-Ecológica são também entidades fruto do CAPA, que abrigam famílias dedicadas à produção agroecológica buscando espaços de comercialização direta. O CAPA tem um forte histórico de fomento de organizações associativas.

A Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos (COPTec) fundada em 1996, presta assistência especificamente aos assentados rurais, com seu propósito fundado ao seu desenvolvimento sustentável. Os assentados também têm e criam suas próprias cooperativas e associações, principalmente no contexto em que persistem com o propósito da organização coletiva e produção de alimentos. As cooperativas Sepé Tiaraju e Terra Nova são exemplos, assim como a Cooperativa de Crédito Rural Horizontes Novos de Canguçu (CREHNOR) uma cooperativa de crédito que conta com a presença de assentados.

Para Schmitt (2010), no entanto, é difícil obter dados numéricos sobre esta população, até mesmo dependendo do entendimento que se tem para sua definição. O CAPA contabiliza a existência de cerca de 3.000 famílias.

Para o IBGE (2010) em publicação do Censo Agropecuário de 2006, a **agricultura orgânica** é aquela a qual os estabelecimentos adotam práticas de produção agropecuária que não utiliza insumos artificiais (adubos químicos, agrotóxicos, organismos geneticamente modificados pelo homem - organismos geneticamente modificados ou outros), ou outra medida para a conservação dos recursos naturais e do meio ambiente. Porém, foram assim considerados aqueles agricultores que detém uma certificação, ou se encontravam com processo em andamento, excluindo os casos em que os agricultores desconheciam ou não tinham interesse em certificações.

A investigação acerca do uso ou não de agrotóxicos nos estabelecimentos rurais foi inédita. Com base nesta investigação e os critérios estabelecidos, o IBGE afirma que 1,8% do total de estabelecimentos agropecuários brasileiros investigados no Censo de 2006 são orgânicos. A Tabela 1 apresenta detalhes do estudo apresentado, estabelecimentos de produtores orgânicos por grupo de atividade econômica do Brasil.

Tabela 1: Distribuição dos estabelecimentos produtores de orgânicos, segundo os grupos da atividade econômica – Brasil – 2006

Grupos da atividade econômica	Distribuição dos estabelecimentos de produtores orgânicos	
	Absoluta	Percentual (%)
Total	90.497	100
Produção de lavouras temporárias	30.168	33,34
Horticultura e floricultura	8.900	9,83
Produção de lavouras permanentes	9.557	10,56
Produção de sementes, mudas e outras formas de propagação vegetal	52	0,06
Pecuária e criação de outros animais	38.014	42,01
Produção florestal – florestas plantadas	1.638	1,81
Produção florestal – florestas nativas	1.644	1,82
Pesca	153	0,17
Aqüicultura	371	0,41

Fonte: IBGE, 2010, Censo de 2006.

A atividade predominante é a pecuária e a criação de outros animais, seguido da produção de lavouras temporárias. O IBGE ainda publicou o número de estabelecimentos por unidade federativa que praticam a agricultura orgânica, na Tabela 2 pode-se ver os dados referentes aos estados da região Sul.

Tabela 2: Uso de agricultura orgânica nos estabelecimentos, segundo as Grandes Regiões da Federação Brasil – 2006

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Total de estabelecimentos	Uso de agricultura orgânica nos estabelecimentos			
		Total	Faz e é certificado por entidade credenciada	Faz e não é certificado por entidade credenciada	Não faz
Brasil	5.175.489	90.497	5.106	85.391	5.084.992
Norte	475.775	6.133	351	5.782	469.642
Nordeste	2.454.006	42.236	1.218	41.018	2.411.770
Sudeste	922.049	18.715	1.366	17.349	903.334
Sul	1.006.181	19.275	1.924	17.351	986.906
Paraná	371.051	7.527	909	6.618	363.524
Santa Catarina	193.663	3.216	353	2.863	190.447
Rio Grande do Sul	441.467	8.532	662	7.870	432.935
Centro-Oeste	317.478	4.138	247	3.891	313.340

Fonte: IBGE, 2010, Censo de 2006

O Rio Grande do Sul tem 1,9% destes estabelecimentos, algo acima da média nacional, levando-se em consideração os critérios estabelecidos pelo IBGE.

O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), criado em 2003 pelo Governo Federal como política de articulação entre produção, comercialização e consumo tem por objetivo incentivar a agricultura familiar por meio da aquisição de produtos agropecuários destinados a pessoas em situação de insegurança alimentar. O PAA adquire produtos dos agricultores familiares que se enquadrem nas regras de políticas do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Também proporciona acesso a uma alimentação diversificada para uma população em insegurança alimentar e nutricional, valorizando a produção e a cultura alimentar das populações dinamizando a economia local, com repercussões sobre a auto-estima tanto de fornecedores quanto de consumidores. O PAA é administrado pelo CAPA de Pelotas que tem a responsabilidade administrativa e técnica sobre os processos de produção, comercialização e doação dos produtos da agricultura familiar.

O Ministério do Meio Ambiente dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal (MMA) cita os três estados da região Sul como os mais desenvolvidos com relação a organização social, já que dispõem de eficientes associações e cooperativas de agricultores familiares que abastecem o mercado com uma grande variedade de produtos certificados.

2.5 A EXPANSÃO E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ECOLÓGICO

O movimento ecológico é um movimento de contraponto ao domínio existente da lógica da indústria de produção. Este movimento abrange todas as formas associadas desde a sua origem, enquanto **agricultura alternativa**¹⁰, como também as “novas” e diversas formas que reconfiguram o rural, em função de movimentos ecológicos mais recentes.

Para Brandenburg (2002), após um período de estagnação, a agricultura alternativa ou ecológica¹¹ passa por uma fase de expansão, ainda que diante de um difícil reconhecimento de seus números. Certamente que desde seu início, influenciado por diversos acontecimentos, a agricultura ecológica sofreu modificações. E, nesse sentido, o autor argumenta que desde o seu aparecimento, ela agricultura ecológica ou alternativa passou por três momentos distintos,

¹⁰ Na vasta literatura sobre o tema, Agricultura Alternativa, aparece como um dos primeiros termos a designar um sistema de produção com características técnicas, econômicas e sociais “diferentes” daquilo que estava sendo implantado e denominado como convencional.

¹¹ Ecológica e alternativa são termos utilizados como sinônimos pelo autor.

porém não excludentes. O autor destaca um *primeiro* momento como aquele que corresponde a sua gênese, representando um contramovimento. Ao mesmo tempo em que visa potencializar os recursos produtivos, a agricultura alternativa é portadora de uma mensagem ambiental e ecológica (inclusive influenciada pelo movimento *hippie*). Nesse sentido, a produção agrícola não é apenas racional, mas carregada por dimensões místicas ou de religiosidade, ela não vai privilegiar a dimensão econômica. Num *segundo* momento, o mesmo autor destaca como característica o surgimento de novos grupos, novas formas de organização comercial, quando se amplia o apoio dos consumidores. É o momento de expansão de forma articulada como redes, no entanto, mantendo-se afastado de instituições governamentais. E um *terceiro* momento como aquele marcado pela institucionalização da agricultura ecológica. A crescente crise ecológica sensibiliza a população e isso requer uma reorganização das formas de comercialização e beneficiamento da produção. Os produtos passam a ser certificados e identificados.

Para Petersen e Almeida (2006), a construção da agricultura alternativa só veio a se delinear nos primeiros anos da década de 1980, a partir do encontro de dinâmicas locais inovadoras com um setor mais intelectualizado da sociedade. Em uma conjuntura favorável pelo enfraquecimento da ditadura militar intensifica-se o debate sobre as alternativas para o desenvolvimento democrático da sociedade. Além da dimensão social, a preocupação com os impactos ambientais começou a se fazer presente em formulações políticas.

Os autores acima citados enfatizam que em 2002, na ocasião do Encontro Nacional de Agroecologia, destacava-se embora mitos da modernidade tecnológica ainda estivessem bastante presentes no imaginário da população, novos valores relacionados a um ambientalismo difuso, e à qualidade dos alimentos ganhavam força. O crescimento vertiginoso dos mercados de alimentos orgânicos no Brasil é uma expressão desse fato. Além do mais, a imagem negativa da agricultura familiar como sinônimo do atraso e da baixa eficiência vinha aos poucos sendo desconstruída. Essa tendência de mudança na percepção, explica a expressiva aprovação popular aos movimentos sociais no campo.

Falar de uma expansão da agricultura não convencional com base no que se apanhou até aqui, talvez seja exagerado (uma vez que ainda é restrita a pequenos grupos de produtores). E assim, como aborda Guzmán (1998), a tentativa de abordar uma origem, evolução e perspectivas do desenvolvimento rural sustentável, trata-se de uma tarefa complexa, pois não há um consenso mínimo sobre a caracterização de uma estratégia de mudança.

Na perspectiva agroecológica adotada por Petersen e Almeida (2006, p. 6) prevalece:

[...] uma característica distinta do atual momento histórico dos movimentos sociais do campo a emergência de um movimento de dimensão nacional a partir dos processos locais autônomos voltados para a promoção de alternativas técnicas, econômicas e políticas para a produção familiar.

Embora ainda localizados e pouco visíveis para o conjunto da sociedade, esses processos locais inovadores vêm permitindo que novos atores, individuais e coletivos, despontem no cenário dos movimentos sociais no campo, revigorando-os. E nessas experiências concretas enraizadas em distintos contextos locais e regionais que se vêm construindo novos referenciais técnicos, metodológicos e conceituais orientadores de projetos para o desenvolvimento sustentado da produção familiar no Brasil (PETERSEN; ALMEIDA 2006).

Os autores (acima citados) chamam atenção para a **diversidade** dos atores sociais envolvidos e dos contextos ambientais nos quais estas experiências vêm sendo gestadas, mas que por apresentam entre si identidades de um plano nacional, permite referenciar a existência de um “movimento agroecológico brasileiro”. Defende ainda que não se trata de um movimento institucionalizado, por não se organizar em torno de estruturas formais.

De fato o que se tem é que a partir dos indícios, depois das evidências e dos fatos, de que a agricultura convencional vem causando diversos danos, as formas alternativas a ela vêm ascendendo. Alguns eventos fizeram parte do processo de construção desta dissertação e, por isso, foram citados na sua introdução. Foram acontecimentos que de certa forma conseguiram sensibilizar a opinião pública. Eventos que para Carvalho (2002) são ativamente produzidos e se estes ganham o *status* de desencadeadores de um processo é porque os sujeitos se engajam neles e lhes conferem efetividade. Sejam instituições governamentais, sejam políticas públicas ou qual for a escala dos eventos, estes não nascem do vazio (não tem geração espontânea), o que há são questões sem resposta, grupos reivindicando e, ideias orientando. Assim, não por acaso, configura-se um ambiente contestatório que põe em questão vários aspectos comportamentais das sociedades modernas, principalmente de seus padrões de consumo.

O interesse não é restrito a opinião pública, a adesão de pesquisadores dá maior legitimidade ao movimento contracultural. A busca por fundamentação científica, no caso da agroecologia, por exemplo, ocorre de forma intensiva na década de 1980. Todavia, os estudos ecológicos datam de um período mais remoto. Na década de 1960, trabalhos como os de Odum (1963) ajudaram a explicar os mecanismos de ciclo de nutrientes em florestas nativas e áreas descobertas, o avanço das técnicas de controle biológico, entre outras. Na sua proposta

de integração com a Teoria Geral dos Sistemas, a ecologia integrava-se a outras áreas do conhecimento.

A agroecologia, cujo principal expoente (ou sintetizador) nos anos 1980 foi M. Altieri tem como meta a resolução de problemas da sustentabilidade, destacando a necessidade de uma visão integrada dos problemas ambientais, econômicos, sociais e tecnológicos.

No Rio Grande do Sul, o ambientalista José Lutzenberger por volta de 1975-80, formulava críticas severas aos problemas ecológicos causados pelo industrialismo, incluindo a agricultura convencional. Sua proposta de uma agricultura mais “ecológica” influenciou muitos profissionais, pesquisadores, produtores e de certa forma a opinião pública em geral. As ideias de ativistas como Lutzenberger levaram a formação de grupos, especialmente ONG’s, que passaram a discutir os problemas ambientais da agricultura convencional.

A atuação do terceiro setor cresce nos anos 1980, como exemplificado com as próprias organizações de Canguçu. Esta conjuntura impulsiona o avanço no campo legislativo. Em 1997, o Rio Grande do Sul foi o primeiro estado do país a criar uma regulamentação para tentar reduzir o uso agrícola de substâncias tóxicas e poluentes, seguido da primeira lei estadual de agrotóxicos do Brasil. Nessa época, também na gestão do governador Olívio Dutra (1999-2002) governos municipais e estadual empregaram as práticas da agroecologia, fortalecendo movimentos sociais a partir de projetos.

Em nível de governo federal, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) também inovou e garantiu a disseminação do comércio de produtos orgânicos. Em 2009 criou o selo “Produto Orgânico Brasil” criado pelo Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica (SISORG). Diante da imensa diversidade no país, contudo seus limites, busca garantir a qualidade dos produtos orgânicos de três diferentes maneiras: através da certificação, dos Sistemas Participativos de Garantia e do Controle Social para venda direta sem certificação¹².

Assim, neste capítulo destacaram-se alguns elementos que contribuam para complementar os dados e as informações coletados, a fim de contextualizar o cenário de formação, estratégias e ações dos agricultores objeto de estudo. Este referencial, que tratou de mostrar alguns elementos do cenário da construção da agricultura ecológica no Rio Grande do Sul e em Canguçu, deve dar suporte aos objetivos desta dissertação, bem como para construir os procedimentos metodológicos.

¹² A legislação brasileira aceita que a venda seja feita por um produtor que participe da produção, desde que faça parte do grupo vinculado à Organização de Controle Social, cadastrados no MAPA ou em outros órgãos fiscalizadores do governo federal ou estadual.

No capítulo que segue será abordada a perspectiva teórica que ajuda a explicar a diversidade de formas de agriculturas. Uma abordagem que traz elementos interconectados para explicar as heterogeneidades da agricultura, mesmo em regiões aparentemente homogêneas. Inspira-se nesta teoria, ponderando que há uma diversidade de denominações e práticas agrícolas num mesmo estilo de agricultura.

3 ESTILOS DE AGRICULTURA

Na tentativa de superar limites de outras perspectivas teóricas, como a da modernização e, de explicar a existência da diversidade de formas de agricultura, mesmo em regiões aparentemente homogêneas, surge a referência analítica dos **estilos de agricultura**. De acordo com Commandeur (2003) inicialmente o conceito foi empregado por Hofstee no ano de 1946, autor que buscou determinar as causas da diversidade da agricultura Alemã, procurando por fatores culturais que determinavam a diferença entre os chamados “progressistas” e “conservadores”. Buscando este objetivo ele concluiu que se tratava de algo bem mais complicado, que certos aspectos culturais tinham aspecto variável em função do contexto.

Mais tarde Ploeg (1993), com base nos estudos de Hofstee, retoma o conceito e desenvolve trabalhos nesta linha. Ele acentua outras dimensões, como a de repertório cultural, de Norman Long (SCHNEIDER; NIEDERLE, 2008). Inclui também, a discussão sobre diferentes graus de mercantilização a fim de dar conta da discussão. O resultado mais elaborado da definição de estilo de agricultura refere-se:

[...] a um repertório cultural, uma composição de ideias normativas e estratégicas sobre como a agricultura será feita. Um estilo envolve um modo específico de organização da empresa agrícola: prática agrícola e desenvolvimento são definidos pelo repertório cultural, o qual por sua vez é testado, afirmado e, se necessário, ajustado pela prática. Por conseguinte, um estilo de agricultura é uma forma concreta da práxis, uma unidade particular de pensamento e ação, de teoria e prática (PLOEG, 1993¹, p. 241 apud SCHNEIDER; NIEDERLE, 2008, p. 52).

Percebe-se neste conceito que a variedade na agricultura não pode ser entendida sem os padrões culturais locais. Para Ploeg (1994) esses padrões culturais locais foram entendidos como respostas ativamente construídas para ecossistemas locais, relacionamentos locais entre rural e urbano e a inserção da localidade nos padrões comerciais locais, etc. O autor também chama atenção para o ambiente externo quando afirma que os estilos de agricultura constituem respostas à estrutura dominante, que emergem conseqüentemente como respostas dos agricultores às políticas agrárias nacionais e internacionais.

¹ PLOEG J. D. van der. Rural sociology and the new agrarian question: a perspective from the Netherlands. *Sociologia Ruralis*, v. 32, n. 2, p. 240-246, 1993.

O ponto central para Ploeg é que há espaço para os diferentes estilos de agricultura e de que o processo de modernização tecnológica estaria desconectando a agricultura, como prática construída socialmente, da natureza e da ecologia, da estrutura e do trabalho familiar, da organização social e até da própria família. Na sua proposta de estilos de agricultura os três principais eixos são o normativo, o prático e o do mercado (CONTERATO, 2008; MIOR, 2009). Estes três componentes, normas, práticas e relações com o mercado estão presentes nas suas proposições referentes a estilos de agricultura. Essa noção de estilos de agricultura é de grande importância para a compreensão da diversidade da agricultura.

Em 1995, Ploeg propõe uma síntese sobre os estilos de agricultura através de três elementos interconectados:

- a) um conjunto de noções estratégicas, valores e percepções que um grupo particular de agricultores utiliza para organizar sua unidade de produção em um determinado caminho;
- b) uma estruturação específica da prática agrícola que corresponde a uma noção estratégica ou “repertório cultural” usado por esses agricultores;
- c) um conjunto específico de interações entre a unidade de produção e os mercados.

De acordo com Schneider e Niederle (2008) esses três componentes têm estado presentes em praticamente todas as suas proposições referentes a estilos de agricultura.

Com relação ao suporte empírico para o conceito, Commandeur (2003) apresenta uma relação dos estudos realizados. Segundo a autora, a popularidade do estudo vem aumentando nos últimos anos em diversos países (observa-se que são basicamente Europeus, exceto os Estados Unidos). A autora observa que a ênfase dos estudos holandeses está na diversidade de atividades na exploração agrícola (multifuncionalidade) e a abertura de novos mercados por parte dos agricultores. Commandeur (2003) em sua tese observou quatro estilos diferentes entre os criadores de suínos holandeses. Ela percebeu que as diferenças de produtividade, intensidade, escala e afins são parâmetros base para a classificação das explorações em estilos de agricultura. A equipe de Ploeg, também estudou o conceito dentro de um ramo agrícola específico e dentro de certo tipo de integração com o mercado. Outras discussões, com base em dados empíricos, no Rio Grande do Sul são apresentados por Niederle (2007), Conterato (2008), Neske (2009) e Conterato, Schneider e Waquil (2010).

A abordagem de estilos de agricultura vê o processo como individual, ainda que dentro de um ambiente cultural. Salienta a racionalidade empírica dos agricultores e conhecimentos locais. A abertura para se estudar este conceito pode ser variada. Para Conterato (2008), o conceito é, em boa medida, uma proposta para definir operacionalmente a natureza da

agricultura familiar através do tipo de tecnologia utilizada e do grau de inserção mercantil que esta possui. Constitui também um elemento teórico para medir o desenho de métodos de desenvolvimento que sejam mais endógenos ou exógenos.

O ponto de entrada aqui é esta noção de estilos de agricultura. Através dela acredita-se ser possível compreender a diversidade da agricultura familiar, nas diferentes perspectivas e como elas coexistem.

No ramo da agricultura não convencional, dando enfoque as estratégias dos agricultores e confrontando prática e discurso que as tornam existentes é possível obter uma base sólida de evidências para apreender esta diversidade. E para isto é necessário alcançar um nível de compreensão que não separe conhecimento (pelo valor que tem em esclarecer as formas que os agricultores percebem, conceber e atuam sobre os ecossistemas que dependem) das atividades práticas, daquilo que é concreto para os agricultores.

3.1 ESPAÇOS DE MANOBRA E RESPOSTAS CONSTRUÍDAS

O interessante da proposta de estilos de agricultura é o entendimento da diversidade de estratégias de se conduzir a agricultura. Isso significa que a complexidade dentro de um ramo da agricultura, apenas para citar um, a agricultura alternativa, não significa um caos ou uma transição que ainda não está completa em direção à modernização, ou em direção a competitividade, como destaca Ploeg (1994), mas sim, a um conjunto de diferentes respostas que compõem estilos diferentes. De certa forma, esta noção de estilos também demonstra a incapacidade do modelo de modernização da agricultura, já que no seu sentido amplo tentou transformar sociedades tradicionais em “modernas”, homogeneizando processos produtivos, modos de vida e saberes culturais.

Entendendo como respostas construídas pelos agricultores, Ploeg (2003) observa dois caminhos de desenvolvimento dos estilos de agricultura e como estão associados às situações de maior autonomia ou dependência, portanto, situações de maior ou menor diversidade. O autor chama atenção de que alguns estilos representam e reproduzem a internalização do projeto de modernização e são dependentes da sua continuidade, e outros, no entanto, demonstram um distanciamento e uma desconstrução de toda limitação e controle do projeto de modernização.

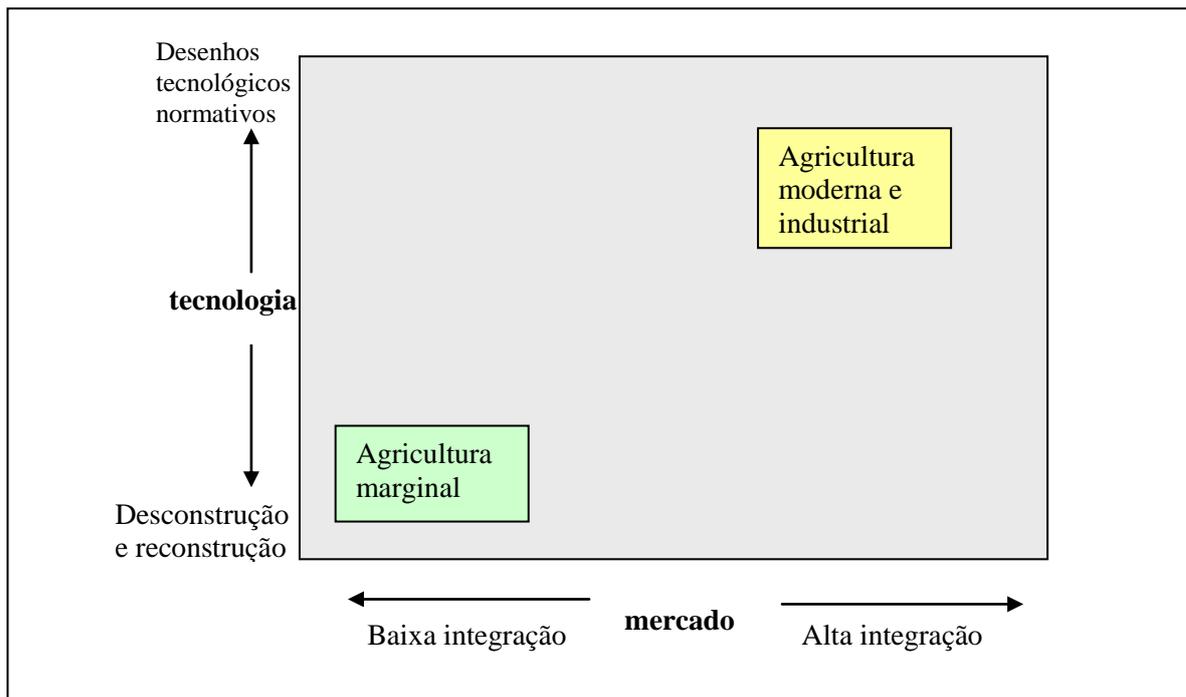


Figura 6: Espaços de manobra

Fonte: Adaptado de PLOEG (1994, p. 9)

A Figura 6 apresenta um diagrama em que a mobilização dos recursos e a consequente, conversão em *commodities* sugerem uma relação entre atores e instituições externas. Essas relações constituem na prática, específicas relações sociais de produção. No eixo horizontal, Ploeg (1994) apresenta a mobilização de recursos. Mercados e tecnologia não determinam como a agricultura vai ser realizada, mas fornecem o contexto no qual as diferentes posições são possíveis e juntos, fornecem os espaços de manobra. Os próprios agricultores são capazes de definir e influenciar o modo como relacionam suas atividades agrícolas com os mercados e as tecnologias. Distanciar-se ou integrar-se aos mercados e tecnologia não é uma decisão simples, é o objeto do raciocínio estratégico incorporado na história e ecologia local, com o predomínio das relações político econômico. Simultaneamente, é através dos raciocínios estratégicos que posições particulares são criadas, que relações sociais específicas de produção são produzidas e reproduzidas (PLOEG, 1994).

A **diversidade** de estratégias utilizadas refere-se a uma ampla gama de elementos que são utilizados e estão fora dos mercados. Estes elementos refletem os “espaços de manobra” criados, segundo Ploeg (2003) a fim de manter uma relativa autonomia para a unidade de produção. Ponderam Conterato, Schneider e Waquil (2010) que mercados e tecnologia não são necessariamente antônimos e que a diversidade é tanto resultado da influência externa como da negociação interna para a alocação dos recursos produtivos.

Ao detalhar o empírico do que se refere ao canto inferior esquerdo na Figura 6, o autor percebeu algumas especificidades como a resistência social, a relação com nichos específicos do mercado, padrões de divisão de trabalho social como cooperação e a pluriatividade como uma expressão “extra” da agricultura. A utilização do diagrama proposto facilita a compreensão de como estes agricultores podem circular entre as diferentes posições, e até mostrando as vantagens na “passagem” para outros estilos.

Entre os exemplos citados por Ploeg (1994) estão os agricultores, que em período de crise, buscam negociar e gerenciar por novos caminhos: aumentando o valor total produzido e reduzindo os custos. Os tópicos explorados pelos agricultores para negociação incluíam qualidade na produção, novas formas de comercialização, respostas aos problemas ambientais, participação dos agricultores na manutenção da paisagem e novas interrelações entre indústria e agricultura. A partir disso, ocorrem então, uma série de novas respostas à modernização, que emergem e representam novos caminhos. Na visão do autor, estaria começando a acontecer um maior desenvolvimento endógeno, que contrasta drasticamente com a lógica da modernização, em que o central é a reorganização dos agricultores.

Nesse contexto a diversificação é vista como uma alternativa, tornando-se uma alternativa consistente, pois ela garante maior autonomia e um espaço de manobra frente aos contextos socioeconômicos adversos. Aqui, a diversificação refere-se ao que geralmente ocorre no interior das unidades de produção e possibilitam a diminuição da dependência. Para Ploeg (2003) a diversificação pode diminuir o nível de externalização do processo produtivo, garantindo maior autonomia e controle sobre o processo de reprodução social.

Na obra, *Camponeses e Impérios Alimentares*, Ploeg (2008) sustenta que a construção e a manutenção de uma base de recursos autônoma é a chave para a reprodução do *modo de produção camponês*, o qual é orientado para a criação de valor agregado e emprego produtivo. A “condição camponesa”, que em nada pode ser comparada ao atraso ou a pobreza, reflete a luta constante e infindável das formas familiares de produção por autonomia, a qual se realiza em um contexto caracterizado por relações de dependência e privações. Essa luta tem como objetivo a criação de uma base de recursos auto-controlada, integrada e de múltiplo uso, que confere ao agricultor sua condição de agente no desenvolvimento rural. Ademais, este processo permite uma re-fundação ampliada da base de recursos da agricultura e a re-introdução da natureza nos processos produtivos, denominando como coprodução. A coprodução é a chave para a internalização de recursos, conseqüentemente, para a autonomia.

Nesses termos, convém chamar atenção para o processo de *recampesinização* trabalhado por Ploeg (2008), que trata fundamentalmente da busca por maior autonomia e

controle dos processos de produção e trabalho. Um caminho para sair do *squeeze*, um “aperto” ocasionado pelo aumento dos custos de produção e estagnação dos preços dos produtos, ou seja, do lucro na agricultura.

O conceito de camponês utilizado pelo autor não significa uma aversão aos mercados, tão pouco um retorno ao passado. O que ocorre é um afastamento estratégico de certos circuitos de comércio, um distanciamento de mercados industrializados, mas vinculação aos novos mercados, que busquem geração de valor agregado e emprego produtivo. Esse processo é evidente na agroecologia, onde o trabalho se torna mais intenso.

3.1.1 A relação entre as condições do meio e as ações da atividade humana

Observou-se a partir da proposição de Ploeg (1994) para estilos de agricultura, que normas, práticas e relações com mercados formam um jogo complexo, não podendo, portanto, ser desconectados. Porém, o que desperta maior interesse é compreender quais são as motivações e as percepções dos agricultores para organizar seus sistemas produtivos em determinados caminhos, que diferem do contexto da agricultura convencional baseada nos princípios da Revolução Verde. A transição para a agricultura ecológica/alternativa torna-se (cada vez mais) presente diante de **ambientes instáveis**. As condições do meio, por exemplo, são o “material” que impõem limites e dificuldades as quais os atores devem trabalhar com situações para contorná-las ou suplantá-las.

A situação suplantada pelos atores trata de como o indivíduo lida com a condição e dá um papel importante a ele. Pensar em condições e situações é tratar o material e o imaterial juntos. É refletir sobre uma variedade de outros aspectos da sua existência como oportunidades e decisões, a capacidade de se reproduzirem socialmente, fisicamente e de formular projetos. Quando os atores sociais reinterpretem suas condições, dando “vida” a uma nova realidade, então, ele se dá conta de sua situação.

Para entender a diversidade de estilos de agricultura, em especial o caminho que tomam agricultores que optam pela busca por maior autonomia e a diversificação de suas unidades de produção, não basta investigar apenas as relações referentes às condições, mas entender as relações que se referem às situações que integram a ação, e a prática desenvolvida pelos atores.

Apesar das características ambientais serem as mais adversas e determinarem, de alguma forma, alguns tipos de condições de trabalho, elas certamente não são apenas uma condição direta. A diversificação da agricultura perpassa também a percepção dos indivíduos. Neste bojo, busca-se o conceito de Tuan (1974) que elabora a percepção como algo que depende do indivíduo, do meio e da cultura. Apesar de ser um trabalho, de certa forma, subjetivo, acredita-se ser interessante compreender como ela é construída, pelo caráter gerador de atitudes, que acaba por manifestar-se nas práticas agrícolas dos sujeitos. Em nível de atitudes também é necessário conhecer a história cultural e a experiência dos sujeitos no contexto de seu ambiente físico. Meios, formas de organização coletiva e história de vida dos indivíduos estão constantemente influenciando na percepção e vice-versa.

Tuan (1974) chama atenção para a evolução da sociedade como um todo ao longo do tempo, a medida que a sociedade e a cultura evoluem, mudam as atitudes para com o ambiente. Um quadro que não se pode deixar de considerar a crise ecológica em que vivemos. A “invenção do ecológico”, a expansão de uma “consciência ecológica planetária” surgem, muito timidamente, desde o início do século XX, quando os primeiros desastres ambientais (mesmo de escala pontual) afetavam a qualidade de vida e dos recursos naturais. Mas, mais tarde, ela é reconhecida mundialmente, pela mudança de escala dos problemas ambientais.

A partir da mudança de escala dos problemas ambientais, se reconhece a crise ecológica, inclusive por estudos científicos. O objeto da ciência passa a ser então, a própria biosfera. Para Morin (2005) a ameaça atômica global, a escala global das degradações, a entrada dos problemas do terceiro mundo, no próprio mundo, sugerem que há um esboço de consciência² planetária. Do ponto de vista otimista, poderia se dizer que os problemas ambientais e suas manifestações sociais e econômicas podem estar sendo percebidas e rejeitadas por alguns grupos sociais, podendo assim gerar mudanças significativas.

3.1.2 Transição de sistemas de produção

Embora o desenvolvimento rural seja um processo de muitos atores, o papel estratégico dos agricultores no aperfeiçoamento de suas práticas é de extrema importância, pois eles dispõem da terra, construções, produtos etc, e principalmente, a capacidade de recombinar e reconfigurar os recursos disponíveis a sua disposição.

² Consciência ecológica conceito discutido ainda neste capítulo.

Com o objetivo de diversificar a produção agrícola, observam-se diferentes estratégias, como combinar atividades agrícolas e não-agrícolas, fazer a associação de cultivos, vegetal/vegetal, vegetal/animal, centrar-se na produção de produtos de um nicho específico do mercado etc. A autonomia e a redução da subordinação técnica e econômica estão sendo buscadas através de estratégias variadas no meio rural. A transição para uma agricultura com base ecológica atinge, segundo Gliessman (2009), três níveis fundamentais:

- a) incremento na eficiência de práticas convencionais para reduzir o uso de insumos externos, caros, escassos e danosos ao meio;
- b) a substituição de *inputs* e práticas convencionais com práticas alternativas, como uma readequação de práticas intensivas com outras mais benignas, um nível que a estrutura básica do ecossistema é pouco alterada e;
- c) redesenho do agroecossistema para que funcione na base de um novo conjunto de processos ecológicos.

Esses passos propostos pelo autor sugerem a distância do sistema produtivo convencional a uma sustentabilidade. Sendo que o processo de transição inicia internamente ao sistema produtivo, até o externo, partindo-se de sistemas convencionais como base. Nesse processo seria conveniente observar se ocorrem mudanças naqueles parâmetros os quais caracterizam um novo estilo de agricultura.

É importante deixar claro aqui o que se entende como **transição**. A compreensão deste conceito deu suporte para a investigação presente nos objetivos desta dissertação, bem como os procedimentos metodológicos de coleta de dados. Entende-se a transição como um processo, uma mudança, nos termos de Costabeber (1998, p. 249), “[...] ação ou efeito de passar de um modo de ser ou estar para outro distinto”. Ela também não representa um retorno romântico às tecnologias primitivas, como por muitos é entendida. Pelo contrário, resultaria absurda a tentativa de regressar as tecnologias agrárias tradicionais, embora a sua revalorização pudesse gerar novos conhecimentos orientados ao desenvolvimento de agriculturas sustentadas em base ecológicas. Enfim, concorda-se com o autor que define uma transição como um processo de mudança através do tempo nas formas de manejo e gestão dos agroecossistemas, no entanto, diante dos objetivos desta dissertação, o termo não será qualificado, uma vez que o objetivo é buscar a diversidade de denominações para este estilo de agricultura não convencional.

Busca-se abarcar as estratégias, os contextos em que ocorre a transição. As metas que se seguem, o que se modifica em termos de condições do meio, visando quais objetivos.

Quando o agricultor tem sua produção guiada pela utilização de insumos externos, agrotóxicos suas práticas agrícolas estarão direcionadas de uma determinada forma. Ao alterar, buscar outras formas, maior autonomia, por exemplo, a meta traçada é outra e as práticas começam a incorporar os princípios e as técnicas de outro sistema de produção. O processo de transição na agroecologia é citado como não tendo um fim, nunca se chega ao ideal, por este motivo não se fala em modelo na agricultura.

Este entendimento torna possível o processo, a mudança e conforme abordado por Costabeber (1998), um conhecimento colocado em prática que assume diversas possibilidades, um caminho a ser percorrido pelos agricultores, mas que não quer dizer que hajam linhas a serem seguidas, caminhos já traçados. Afinal, como se poderá ver no detalhamento dos dados, embora hajam contrapontos bem definidos, gerando inclusive conflitos (onde há fumo não há agroecologia, por exemplo), o inverso também pode acontecer.

Se a questão inicial incorpora o motivo para que agricultores adotem estratégias diferenciadas ao seguir para um mesmo ramo de agricultura, então Ploeg e Renting (2000) chamam atenção de que as práticas utilizadas pelos sujeitos são também práticas de satisfação de trabalho. Nesse sentido, para Brandenburg (2009), duas dimensões orientam as ações do ator: a racionalidade e a subjetividade.

O subjetivo relaciona-se com os interesses individuais de realização do ator: relaciona-se com os sonhos, os desejos, as expectativas culturais, o sentido da saúde do bem-estar. O instrumental relaciona-se com os meios, que de forma calculada levam aos objetivos finalísticos da rentabilidade econômica ou da acumulação de bens. As técnicas e as práticas agrícolas constituem, por excelência, instrumentos estratégicos de busca de rentabilidade. Inspirado nessa perspectiva, o agricultor não estaria apenas substituindo suas práticas de produção agrícola convencionais, ou de base industrial, mas motivados por interesses vinculados a outras racionalidades ou subjetividades realizando um projeto de vida de múltiplos interesses (BRANDENBURG, 2009, p. 6).

A repulsa ao modelo agrícola convencional, a preocupação com a construção de uma consciência ecológica são elementos e expectativas envolvidas nos projetos dos agricultores. No entanto, seria ingenuidade esperar que os agricultores buscassem a transição para sistemas mais sustentáveis por interesses únicos da sociedade, como de “proteger a natureza”. Certamente que suas estratégias estão embutidas de interesses próprios da unidade familiar e permeadas por distintas percepções. Para Costabeber e Moyano (2000), a escolha dentro dos inúmeros estilos possíveis varia segundo a percepção da crise do modelo dominante, e

segundo, as possibilidades e limitações que tenham os agricultores em termos de recursos e apoio externo. No entender de Ellis³ (2000 apud CONTERATO, 2008), é possível considerar que as motivações que levam os agricultores a constituírem determinados estilos de agricultura, vinculam-se amplamente ao modelo ou padrão de desenvolvimento rural predominante em determinado recorte territorial (do local ao internacional).

O esquema apresentado na Figura 7 e extraído de Darolt⁴ (2002 apud Ruszczyk, 2007), aponta as principais correntes de pensamento e seus desdobramentos, o que para o autor, estruturam em maior ou menor intensidade os estilos atuais de “outras agriculturas”.

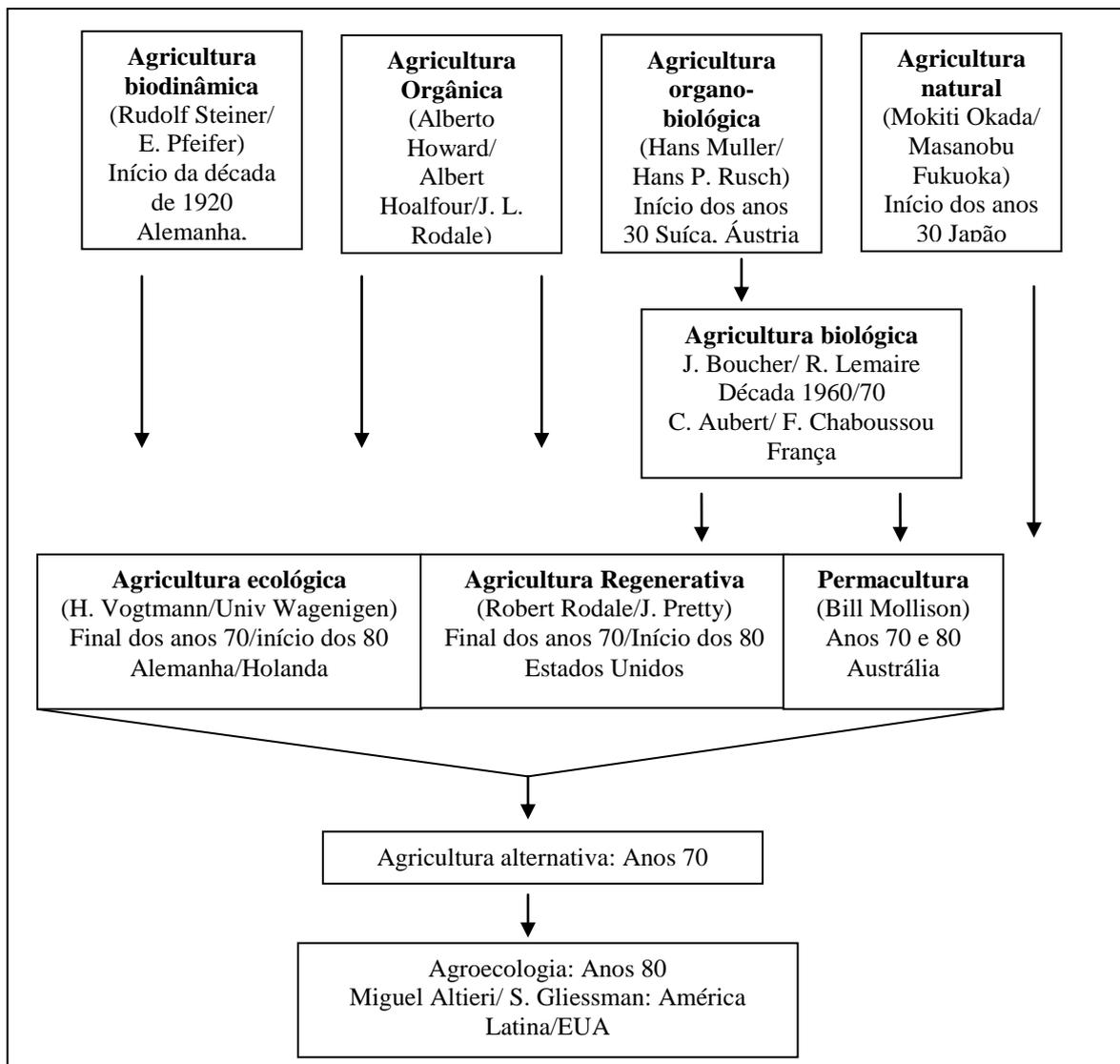


Figura 7: Organograma dos movimentos rebeldes e/ou alternativos

Fonte: DAROLT (2002 apud RUSZCYK, 2007, p. 60)

³ ELLIS, F. **Rural livelihoods and diversity in developing countries**. Oxford: Oxford University, 2000.

⁴ DAROLT, Moacir. **As dimensões da sustentabilidade: um estudo da agricultura orgânica na região metropolitana de Curitiba, Paraná**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento em Meio Ambiente) - Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

Esses movimentos ao serem discutidos e implementados no Brasil e mais especificamente no Rio Grande do Sul, certamente adaptaram-se as realidades locais, com suas concepções, crenças e opções políticas. Embora as respostas aos problemas ambientais variem na sua intensidade, elas de alguma forma disseminam métodos da ecologia para um variado público, que no seu processo gera uma diversidade de estilos. Ou seja, ainda que tenham significados e referências em comum (imaginário de confronto da degradação do meio), o que ocorre é uma diversidade de estilos, também em função de distintas características locais ou regionais.

Assim, a fim de identificar no sentido de uma afirmação adota-se a terminologia **agricultura ecológica** a fim de abraçar as diferentes formas de conduzir o não convencional no município de Canguçu. O termo ecologia, segundo Odum (1983) torna-se um campo reconhecidamente distinto da ciência a partir dos anos de 1900. Mas, o vocábulo foi proposto pelo biólogo Ernest Haeckel, em 1869, e antes disso, personagens⁵ do renascimento biológico dos séculos XVIII e XIX já haviam contribuído nesse tema, mesmo sem a utilização do termo. Desta forma, baseia-se num termo que foi recorrente entre os entrevistados, que reflete um conhecimento acadêmico e um contramovimento (sobretudo popular), que se fortalece e toma uma envergadura, agrupando-se em **agricultores ecológicos** aqueles que são o objeto desta pesquisa.

O conceito de transição foi abordado nesta dissertação entendendo-o como necessário no contexto em que se insere esta pesquisa. Ele abrange diversas possibilidades, as quais foram investigadas na área de estudo e serão retomadas no capítulo cinco, quando ocorrerá o detalhamento dos dados.

No item que segue, o texto apresenta o conceito de percepção. Este conceito deve auxiliar no entendimento de que tipos (ou não) de agricultura se está abordando, dentro dos objetivos da investigação.

⁵ Apenas para citar um exemplo, Anton van Leeuwenhoek (conhecido como o primeiro microscopista), no final do século XVI, já revelava através de seus estudos de cadeias alimentares e regulação de populações, uma compreensão da produtividade biológica (ODUM, 1983).

3.2 PERCEPÇÃO COMO FERRAMENTA DE APOIO A CARACTERIZAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS ADOTADAS NA AGRICULTURA

Entende-se neste contexto, que o conceito de **percepção** auxilia no entendimento da diversidade no ramo da agricultura não convencional, uma vez que este conceito fez parte da construção metodológica, para “acessar” possíveis ideais em torno das motivações e estratégias da agricultura praticada entre os agricultores objeto deste estudo. Trata-se de uma articulação entre os conceitos, uma vez que o conceito de estilos de agricultura capta a diversidade de tipos (desde pequenos camponeses a agricultores empresariais), mas não aprofunda o contexto ambiental em que se aplicam tais estratégias.

A maioria dos debates atuais demonstra que, de alguma forma, os seres humanos permanecem afastados do ambiente natural, inserindo-se cada vez mais no contexto do ambiente construído. Nestas circunstâncias, a relação sociedade-natureza é apontada como uma das principais causas dos problemas da degradação acentuada no nosso planeta. Para Tuan (1974) a possibilidade de resolução dos problemas ambientais passa pela apreensão da percepção dos valores que encaminham os sujeitos para seus objetivos. Uma perspectiva que busca o que está no centro da tomada de decisões e da motivação dos atores.

Neste aspecto Tuan (1974, p. 5) nos traz o conceito de **topofilia** “[...] elo afetivo entre a pessoa, o lugar e o ambiente”. Para o autor, percepção é a base, o primeiro acesso as atitudes, aos valores e à visão de mundo.

Sendo assim, quando se estuda a percepção é importante considerar o meio, que é o mundo onde o sujeito perceptor está inserido e é influenciado. O meio influencia diretamente na construção das percepções que vai refletir nas atitudes dos sujeitos (atitudes e percepções mudam ao longo do tempo). Esta última abordagem vem influenciada por outro ponto de vista, o da fenomenologia da percepção, fundamentalmente por Merleau-Ponty⁶ (1999 apud SOUZA, 2009).

Do ponto de vista biológico e fisiológico a percepção nada mais é do que uma resposta do corpo ao seu ambiente externo, uma resposta aos estímulos provocados por órgãos sensoriais, o tato, por exemplo. Entretanto, ligando o significado da palavra a sua origem na psicologia e filosofia, reserva-se o entendimento físico (direto) dado pela biologia, e engloba-se os mecanismos cognitivos, permitindo as interpretações do indivíduo.

⁶ MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Ao dar ênfase no efeito do ambiente na percepção, Tuan (1974) afirma que as pessoas podem desenvolver uma acuidade perceptiva excepcional no processo de adaptar-se, com sucesso, ao desafio de um ambiente severo. “A visão de mundo, quando não é derivada de uma cultura estranha, é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo” (TUAN, 1974, p. 91). Nas sociedades não tecnológicas, o ambiente, como meio de vida, reflete os ritmos e as limitações do ambiente natural. Um ecossistema como o deserto, por exemplo, de solo muito árido e pluviosidade baixa e irregular não pode abrigar agricultura sem algum tipo de irrigação.

Mas, é com um conglomerado de temas que acontece a complexa ideia de topofilia defendida por Tuan (1974). Sentimento e objeto são, muitas vezes, inseparáveis. A vida de um agricultor, por mais “tecnológica” que seja, está fortemente atrelada aos ciclos da natureza. O autor reconhece que o sentimento topofílico dos agricultores pode diferenciar enormemente de acordo com seu *status* socioeconômico. O pequeno agricultor, dono de sua terra, pode nutrir uma atitude devota para com a terra que o mantém. Já o agricultor de uma fazenda próspera, poderá revelar orgulho de ser o dono de uma propriedade e pela transformação da natureza (entendida como as condições do meio), dando a ela uma condição de funcionalidade de suas práticas agrícolas, sem necessariamente atrelar uma devoção a sua natureza.

Nesta conjuntura, a conduta de cada agricultor parece ser determinada pela maneira como ele vê e interpreta a realidade. Afinal, as trajetórias são individuais, únicas, mas também inseridas no contexto sociocultural do coletivo. E, à medida que a percepção passa por interesses próprios da realidade que os circula, ela se torna motivadora de atitudes, de práticas agrícolas. Sendo, portanto, tratadas como estratégias visíveis e observáveis.

A ideia de percepção apresentada dá pistas a uma compreensão de como os agricultores se relacionam como o meio. Ao mudar de um sistema de produção para outro, os agricultores estão imbuídos de uma nova relação com a natureza? Quais são as estratégias adotadas pelos agricultores não convencionais no processo de transição de formas de conduzir seus sistemas de produção? As respostas destas questões deverão ser abordadas no detalhamento dos dados de campos e nas discussões analíticas.

Na sequencia, propõe-se explorar o conceito de consciência ecológica entendendo-o acoplado a ideia de percepção.

3.3 CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

No contexto do despertar da questão ambiental a qual é desenvolvida esta dissertação, diante da proliferação dos movimentos sociais e, mais tarde ecologistas, entende-se que o conceito de Edgar Morin (1977, 1984), sobre consciência ecológica se trata de um referencial importante para o estudo que enriquece a discussão.

Compreender o que motiva e sustenta a agricultura ecológica, de certa forma, nos mostra os caminhos que se aprontam para distintos estilos de agricultura. Mas, as pessoas (só) percebem que são capazes de mudar a sua realidade, de reconciliar-se entre si e com a natureza pela construção coletiva de valores, pelo exercício da conscientização (ABBAGNANO, 1998).

Para Morin (1977) consciência ecológica é:

[...] historicamente uma maneira radicalmente nova de apresentar problemas de insalubridade, nocividade e de poluição, até então julgados excêntricos, com relação aos verdadeiros temas políticos; esta tendência se torna um projeto político global, já que ele critica e rejeita, tanto os fundamentos do humanismo ocidental, quanto os princípios de crescimento e do desenvolvimento que propulsam a civilização tecnocrática (MORIN, 1977).

Do conceito apresentado por Morin (acima citado), entende-se que a expressão do homem sobre os impactos destrutivos provocados pelo desenvolvimento tecnocientífico e urbano industrial sobre a natureza representa um despertar. Inicialmente, uma sensibilização ao processo de degradação que afeta a qualidade de vida humana e das espécies como um todo.

Sensibilização para as questões ambientais são entendidas como elementos do processo de conscientização dentro do conceito de Morin. Uma sensibilização que deve ser parcial, nunca completa, pelos limites do ser humano, ou seja, não há formação de um círculo vicioso entre, quanto maior for a degradação ambiental, maior será resposta dos agentes e melhores serão os resultados para o ambiente. Até porque não existe um delineamento claro do que é consciência ecológica e, no decorrer de um processo de conscientização, condições e referências são modificadas.

A partir do conceito de **consciência ecológica** de Morin (acima citado) e do contexto mundial de expansão do ecológico, e da própria “questão ambiental”, esta investigação não

objetiva saber se os agricultores são ou não conscientes. A investigação busca os elementos e as ações que indiquem a presença de uma sensibilização para as questões ambientais que podem ser concretamente delineadas pelas suas práticas quotidianas no produzir, preservar o meio e de se relacionar na perspectiva da agricultura ecológica no âmbito das organizações sociais, que são concebidas com a finalidade de desenvolvimento rural.

A “tomada de consciência” a que a humanidade está ainda longe de torná-la uma realidade, não significa uma tomada de consciência de cada indivíduo na sua totalidade. Mas de fato, o que diversos autores vem discutindo é que a crise ambiental está provocando alguns grupos sociais a reverem a ilusão de dominação sem ressalvas da sociedade humana sobre a natureza.

O conceito de Morin, integra não só a vivência do homem, mas o momento histórico em que ele vive. A consciência ecológica representa uma relação com a natureza e não apenas a tomada de consciência de que a natureza está degradada. Ou seja, para o autor, a consciência ecológica é quando o homem se dá conta de como se relaciona com o meio, de que é dependente de uma organização natural e de que a natureza está comprometida pelos nossos processos sociais, o que conseqüentemente, leva o pensamento ou a prática de diferentes relações.

Morin (1996) propõe o **princípio da complexidade**, na pretensão de superar o conhecimento em mundos separados da ciência clássica e chamar atenção para estratégias que não tenham incorporado outras racionalidades, que não a meramente econômica. O pensamento complexo de Morin supera a “convencionalidade” e abstrai, ou seja, extrai um objeto do seu contexto, contemplando laços e interrelações com o meio.

A proliferação de novas disciplinas ou sub-disciplinas da ciência demonstra uma incapacidade do olhar disciplinar, e um desafio em tentar restituir, ainda que de maneira parcial, o caráter da totalidade e da complexidade do mundo real dentro do qual e sobre o qual todos pretendemos atuar (informação verbal⁷). Muito embora, o esforço das disciplinas tenha sido um movimento histórico do pensamento humano que viabilizou o surgimento e o desenvolvimento do pensamento científico.

De maneira geral, uma corrente da Educação Ambiental acredita que os marcos mais importantes no que tange o despertar da consciência ecológica vêm das grandes catástrofes, como o lançamento da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki, e dos acidentes de Seveso, Bhopal e Chernobyl. Fatos que desencadeiam uma série de eventos, pela preocupação com os

⁷ Conferência **Ideal e material, em busca de novos paradigmas**: o papel da interdisciplinaridade ministrada por Claude Raynaud, no Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR em março 2006.

recursos naturais. Além da Conferência de Estocolmo, o Informe Meadows, com o livro “Os limites do crescimento” que, de acordo com Gonçalves (2001) ganha fama rapidamente, alertando para o caráter finito dos recursos naturais e os riscos dos diferentes contaminantes para a sobrevivência do planeta e da humanidade. Também o Relatório Brundtland, em 1987, quando foi publicado o relatório “Nosso futuro comum” que apresenta uma nova definição para o processo de desenvolvimento.

Décadas apontadas por seus eventos marcantes e por desastres ambientais que certamente contribuíram para o despertar da necessidade de consciência ambiental (especialmente da Europa). Um período de grande contestação do sistema vigente, em que a organização da sociedade civil, influenciada, em parte pelo avanço da ciência, exerce seu papel reivindicatório e contestatório.

Mas, a perspectiva de que o campo ambiental nasceria de falhas ou contradições inerentes ao modelo de produção convencional é relativizada por Gerhardt (2002). Para o autor, a problemática ambiental é uma “questão socialmente construída”, isto é, uma espécie de núcleo aglutinador de um fato social que é, ao mesmo tempo, produto de um constante processo de definição coletiva e de reelaboração dos valores da sociedade.

As reflexões e as ações sobre a realidade local, quando debatidas estabelecendo relação com o modelo de desenvolvimento nacional, por exemplo, são uma forma de abordagem de dimensões mais amplas a partir da análise de suas manifestações locais. Uma forma de estabelecer um vínculo entre o local e o mundial que favorece o desenvolvimento de uma consciência crítica nas comunidades. Também, no que se refere aos avanços proporcionados com relação ao conceito de desenvolvimento (a partir da década de 1970) as políticas recentes demonstram não estar somente fixadas na intocabilidade da natureza, mas valorizando ou discutindo as funções do setor agrícola.

No problema de pesquisa formulado neste trabalho contemplou-se a ideia de transição, abraçada as motivações, percepções e estratégias da agricultura familiar. No bojo de uma abordagem sistêmica o importante é o processo, as interrelações entre os meios e os resultados, aproximando-se de uma análise plurirracional e multicriterial. O percurso metodológico, através da elaboração de perguntas abertas, pretende analisar as percepções a partir de escolhas nas práticas agrícolas e formas de relacionamento com a natureza e a sociedade. Os assuntos abordados pelos entrevistados poderão ser variados, dependendo do momento e do contexto em que se encontram entrevistado e pesquisador. Todavia, um possível movimento reflexivo no esforço de pensar em diferentes escalas a complexidade de sistemas amplos, abrangendo diversos objetos e seres, será objeto da análise de conteúdo.

Os estudos sobre consciência, embora objeto de estudo, predominantemente, das ciências cognitivas, são entendidos aqui como parte de uma relação a ser estudada: a relação sociedade-natureza. Assim como aborda Freire (1996) a tomada de consciência não acontece fora da práxis, ela é uma operação própria do homem que resulta na sua defrontação com o mundo, com a realidade concreta.

Identificar no discurso de agricultores ecológicos, as diferentes escalas de intervenção frente aos problemas ambientais e de suas capacidades de construção de novos estilos de agricultura compreende esta noção de percepção-consciência ecológica. Com base no referencial apresentado ao longo dos dois anteriores capítulos, estabeleceram-se as bases para ir a campo, eles compõem os principais instrumentos de análise utilizados na articulação da teoria com os dados de campo.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo pretende detalhar o caminho metodológico percorrido para o desenvolvimento desse estudo. Serão apresentadas as técnicas utilizadas para a coleta¹ de dados, bem como as limitações que surgiram ao longo da pesquisa de campo. O principal objetivo é o de reconstituir a trajetória para o leitor apreender e avaliar as considerações realizadas.

Cabe também uma consideração no que diz respeito a escolha da metodologia qualitativa na perspectiva dos estilos de agricultura familiar. Sendo a pesquisa qualitativa de relevância específica para o estudo das relações sociais pelo fato da pluralização das esferas de vida (FLICK, 2007) é possível considerar que a pesquisa é cada vez mais obrigada a partir de contextos específicos, ou seja, teorias são pensadas a partir do empírico. Muito embora, esses conceitos sempre estarão influenciados por um conhecimento teórico anterior. Por isso, os procedimentos metodológicos que orientam esta pesquisa só reforçam que a agricultura familiar se dá a partir de bases, manejos de recursos produtivos e relações absolutamente diversas. Assim sendo, o agrupamento proposto constitui um avanço empírico no reconhecimento destas unidades familiares.

4.1 CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

A construção inicial desta pesquisa parte de um convite do orientador Professor Doutor Roberto Verdum a conhecer o PROINTER do PGDR/Faculdade de Economia/UFRGS. Sua problemática de estudo, relacionada às dinâmicas entre sociedade e natureza despertava interesse pessoal, assim, em maio de 2009, ocorreu a primeira saída a campo, que serviu como um reconhecimento geral. Num primeiro contato, enquanto um colega realizava seu estudo exploratório, percebeu-se a receptividade e o apoio das entidades envolvidas em Canguçu. Nesta primeira aproximação, diante das curiosidades observadas no município, especialmente no que tange a agricultura familiar, houve uma aproximação com a temática do “não convencional”.

¹ Neste caso poderíamos utilizar a palavra “gerar” dados.

No retorno ao PGDR, mesmo que com uma temática ainda abrangente, a problemática do grupo interdisciplinar se tornava mais clara e passível de fazer um recorte. A revisão geral da literatura, de estudos que tratam da agricultura familiar não convencional foi um primeiro passo.

A aproximação com o campo continuou em dezembro de 2009, quando foi realizada a Feira Estadual de Sementes Crioulas e Tecnologias Populares em Canguçu. Neste momento, com o interesse de investigar os casos de agricultores que organizavam seus sistemas de produção na linha do não convencional (assim denominado, para buscar suas próprias denominações) inicia-se a busca por informantes que dispunham de elementos sobre o universo de estudo, realizando um breve mapeamento e uma compreensão da “estrutura”. O instrumento utilizado neste momento encontra-se em Apêndice A, ao final desta dissertação.

Este primeiro contato guiou alguns caminhos a serem percorridos e, no primeiro semestre de 2010, iniciou-se o estudo exploratório através de contatos telefônicos e entrevistas informais em duas entidades contatadas. A União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu (UNAIC) e a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) foram as entidades que forneceram dados importantes para um mapeamento inicial das posições de outras entidades e dos agricultores que poderiam participar deste estudo.

Estes contatos nortearam as primeiras entrevistas, que sucessivamente nortearam outras. O contato com as organizações e os próprios agricultores aconteceu ao mesmo tempo, visando compreender e perceber a aceitação de cada agricultor com as entidades. Dessa forma, o trabalho tornava-se transparente e o acesso aos agricultores facilitados. Todas as entidades indicadas e possíveis foram visitadas. A visitação da Feira Ecológica que acontece todas as quintas-feiras na praça municipal de Canguçu foi o primeiro contato direto com os agricultores. O contato com a Cooperativa de Crédito Rural Horizontes Novos de Canguçu (CREHNOR), uma cooperativa de crédito rural com foco para os pequenos agricultores e assentados da reforma agrária, também apontava como poderia seguir a investigação. O Sistema Cooperativo de Crédito Rural com Interação Solidária (CRESOL) com sede e atuação em Canguçu, também apontou a diversidade da agricultura familiar no ramo do não convencional.

Neste momento, alguns dados secundários do município também foram coletados, sejam em sítios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), bem como os relatórios e os planos

fornecidos pelas organizações citadas acima. Estes buscavam compreender a realidade, ou as características do local.

A presença de um pólo da UAB (Universidade Aberta do Brasil) associado à UFRGS no município vizinho de São Lourenço do Sul, também auxiliou nesta etapa exploratória. Neste polo, ocorre o curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER/UFRGS), um curso voltado a leitura das realidades locais em prol do desenvolvimento rural. Alguns alunos que participam deste curso residem em Canguçu e tem uma participação ativa na comunidade.

Este estudo exploratório possibilitou aclarar e encaminhar a pesquisa para definir o recorte empírico. O período de campo exploratório possibilitou refletir sobre as escolhas feitas, sobre as dificuldades encontradas e enfrentadas e também, encarar a realidade descoberta, com o arcabouço teórico. No sentido do “encontro” entre teoria e empiria, Minayo (1998) destaca que os sujeitos de investigação são construídos teoricamente enquanto objeto de estudo. No campo, fazem parte de uma relação de intersubjetividade de interação social com o pesquisador, para daí resultar num novo produto confrontante com a realidade concreta e com os pressupostos teóricos, dentro de um processo amplo de construção do conhecimento.

Esta fase descrita até aqui foi sendo construída e permitiu uma reconstrução do projeto inicial. Com sentido do que é destacado por Creswell (2007) que caracteriza a pesquisa qualitativa como emergente, ao invés de estritamente pré-configurada. Para o autor, diversos aspectos surgem durante este tipo de estudo, a questão de pesquisa pode mudar e ser refinada à medida que o pesquisador descobre o que perguntar e para quem fazer as perguntas. À medida em que se percebeu que as portas abriram-se para a investigação dos diversos tipos de agricultores, buscou-se investigar os diversos locais, pensando numa amostra significativa do que poderia ser a agricultura não convencional em Canguçu. Em que contextos se inserem, quais suas próprias denominações, como são capazes de superar limitantes e buscar a uma produção agrícola “diferente”.

A problemática de pesquisa passa, então, a servir de guia, além do referencial teórico conceitual que vai definir os procedimentos de coleta e análise de dados necessários para a busca das respostas às indagações.

A presente pesquisa buscou analisar qualitativamente o universo empírico. Este enfoque é adequado uma vez que o empírico deste estudo são áreas marginais, aquelas que fogem da “mira” do que é convencional ou normal e, portanto, menos atraentes para um estudo quantitativo. Segundo Creswel (2007) a metodologia qualitativa é aquela que o pesquisador deve desenvolver um nível de detalhes, buscando o envolvimento dos

participantes na coleta de dados. Trata-se de uma pesquisa fundamentalmente interpretativa. Este estudo ainda examina em profundidade e extensão as qualidades de um fenômeno e para Brumer et al. (2008) identifica e compreende dimensões subjetivas da ação humana.

A definição dos procedimentos metodológicos demanda a organização de uma estratégia de pesquisa, com todos os passos necessários para sua execução, a fim de responder a problemática dela (BRUMER et al., 2008). O detalhamento dos procedimentos previstos permite o planejamento operacional da pesquisa, avaliação de exequibilidade e sua viabilidade. Contudo, sem a intenção de reduzir o método a uma receita, buscamos levar em consideração alguns apontamentos de Edgar Morin, que parte de interrogação e do questionamento, seguindo pela reorganização conceitual e teórica, parte-se do princípio de complexidade, unindo o que se encontra desconectado (MORIN, 1993).

4.2 TÉCNICAS DE PESQUISA E REGISTRO DOS DADOS

Além das características gerais, há estratégias mais específicas de investigação (CRESWELL, 2007). Existem diversas estratégias ou técnicas a serem utilizadas na pesquisa qualitativa. O uso da entrevista semiestruturada foi organizado pensando na elaboração de perguntas abertas e fechadas (ver Apêndice B), em que o entrevistado teria a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão. Como Apêndice C, seguem alguns pontos que serviram como um breve roteiro a ser seguido, para o bom êxito de cada entrevista. Como objetivo desta técnica destacam-se para o caso: a obtenção de dados, averiguação de fatos, determinação de opiniões sobre os fatos, de sentimentos, conduta atual ou passada, motivos conscientes para opiniões e sentimentos. Também Haguette (1992) salienta a importância deste procedimento com vistas à obtenção de dados de duas naturezas, primeiro a concreta/objetiva, no que se refere ao tamanho da propriedade, os cultivos, a participação na comunidade, etc; e a subjetiva, refere-se as razões, motivações, valores, opiniões, atitudes, comportamentos presentes e passados, bem como expectativas futuras dos entrevistados. Nesta etapa objetiva-se compreender o porquê das diferentes posições naquele contexto empírico.

O diário de campo foi outra técnica utilizada, com o objetivo de organizar e registrar aquilo que se pôde ver. Para Gerhardt et al. (2005), esta ferramenta é um importante registro que demonstra a progressão da pesquisa. Ela permitiu o registro de pensamentos ao final de

cada dia, ou entrevista. Este documento não é neutro, mas carregado de valores, ideias e posições na elaboração da realidade por parte do pesquisador.

O primeiro registro de dados foi guiado pela entrevista semiestruturada do estudo exploratório. Neste documento percebemos a necessidade de separar aquilo que era dito pelo entrevistado e as observações do pesquisador. Estas observações (descrição do cenário físico, palavras-chave, etc) foram inicialmente registradas na página final da entrevista, como uma síntese da entrevista, para o caso de falha na gravação. Depois, estas informações eram complementadas no diário de campo, peça chave para registro de dados, sejam eles as observações da entrevista realizada, como dos contatos realizados e os que ainda seriam realizados. O diário também foi importante para o uso de notas reflexivas da pesquisadora, como percepções, ideias, sentimentos.

4.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Após o trabalho de campo, a intensa coleta de dados que perdurou por seis idas a campo, a “montanha” de dados se encontra nas mãos do pesquisador. O primeiro passo é preparar os dados para a análise. O montante de 13 entrevistas foram transcritas e inseridas no *software* de análise de dados qualitativos QSR *International NVivo 8.0*.

A fim de analisar o processo de entrevista da maneira mais eficaz Creswel (2007) sugere: extrair o sentido do todo, o sentido implícito; fazer uma lista dos tópicos encontrados agrupando os similares; encontrar uma redação adequada e descritiva para cada tópico, transformando-os em categorias e finalmente averiguar as interrelações entre elas. Assim, o material está pronto para uma análise preliminar.

Para Bardin (2009), é necessário fazer uma leitura flutuante. Compreendida como aquela primeira atividade que consiste em estabelecer contato com os documentos (no caso entrevistas), analisar e conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações. Esta primeira leitura é muito importante, pois dará a(s) direção(ões) da análise.

A codificação em NVivo correspondeu a uma leitura do material organizado e inserido no *software*. Para Bardin (2009), tratar o material é codificá-lo, os dados do texto são agregados em unidades para atingir uma representação do conteúdo. Inicialmente soltos, esta codificação gerou **categorias livres**. Estas categorias foram pensadas pelas seguintes qualidades indicadas pela autora: exclusão mútua, homogeneidade (um único princípio de

classificação deve governar a organização), pertinência (refletem as intenções de investigação), objetividade e fidelidade (o mesmo critério para codificação ao longo de todo material) e produtividade (fornece resultados férteis).

Desta forma, a codificação inicial levou a formação de “nós” (categorias) livres no *software* utilizado. O aprofundamento da análise levou ao agrupamento destes “nós” com base em critérios definidos, aqueles em que foi organizada a estrutura da entrevista. Bardin (2009) afirma que as **categorias** são rubricas que reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupado em razão das características comuns destes elementos. Desta forma, as categorias até então livres reuniram-se formando uma “árvore de nós”. A autora denomina esta etapa como a de transformação de “dados em bruto para os dados organizados”.

No contexto sobre a elaboração das entrevistas é pertinente o comentário sobre os procedimentos éticos utilizados. Optou-se por elaborar o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** (TCLE) com base da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que dá as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos (ver Apêndice D). Compreende-se que a entrevista é uma relação social em que o pesquisador faz perguntas às pessoas, demandando sua atenção, seu tempo, e isso requer o respeito dos sujeitos envolvidos. Aos participantes das entrevistas, foi assegurado o anonimato e a liberdade de encerrar a participação quando julgassem pertinente, bem como o comprometimento do pesquisador que ali se encontrava.

O uso deste termo não foi utilizado no estudo exploratório, realizado na sua maioria com entrevistas informais, apesar de haver um guia organizado. Mas, foi utilizado em todas as entrevistas diretas com os agricultores. Com certa desconfiança de que poderia ser um impasse na realização de algumas entrevistas, conforme relatos de outros casos, optou-se pela estratégia utilizada por Fleury (2009) após as limitações constatadas do uso de tal termo. Especialmente, em entrevistados que não eram plenamente alfabetizados, suspendeu-se a aplicação e utilizou-se da comunicação oral que abordava os tópicos presentes no termo e registrados em gravação. Isto exige a assinatura do pesquisador, mas não exige a do entrevistado.

A preocupação que se teve em elaborar perguntas prévias para as entrevistas ocorreu no sentido de facilitar a organização do trabalho e da categorização que foi feita a *posteriori*. O que se pretende manifestar aqui é que não se trata de quantificar a pesquisa qualitativa, mas sim definir a *priori* os dados a serem coletados (e/ou gerados), de sistematizar as idéias, construir e expor a proposta metodológica da pesquisa. Muitas vezes depara-se com pesquisas

de resultados muito bem elaborados, no entanto, fica obscuro como estes dados foram obtidos, tampouco a seriedade do estudo.

4.4 DELIMITAÇÃO DA POPULAÇÃO DO ESTUDO

Na abordagem da pesquisa qualitativa as pessoas são propositalmente selecionadas como afirma Creswell (2007), portanto, o número de entrevistados não pode ser definido a *priori*. Nesse contexto, Bauer e Gaskell (2005, p. 68) afirmam que “[...] a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão”. Portanto, a seleção dos entrevistados para esta pesquisa seguiu o critério primeiro de diversificação dos casos, seguido da saturação, pensando numa representatividade amostral no contexto do município.

A ideia foi selecionar aqueles participantes mais indicados para ajudar a entender o problema e a questão de pesquisa. Desta forma, se conheceu a amostra total de estudo, apenas ao término do campo. Pois, esta foi sendo construída e localizada no município ao longo da realização das entrevistas. Esgotaram-se as entrevistas quando se exauriram novas perspectivas de trabalho, apenas recorrências. Foi possível identificar práticas, motivações, estratégias e visões do mundo em questão. Neste ponto se tinha 13 entrevistas realizadas, cujos relatos e análises serão diluídos nos próximos capítulos.

4.5 PROCESSO DE ANÁLISE DE DADOS (DE CONTEÚDO)

A análise de dados é um processo constante. O *software* utilizado ajudou na organização dos dados, mas jamais irá substituir o pesquisador, ou seja, fazer a análise. Ele recebe os documentos digitais das entrevistas transcritas de modo a facilitar as relações e as interpretações. Bauer e Gaskell (2005) salientam nesse contexto que softwares de análise qualitativa não substituem a função intuitiva e criativa do pesquisador, configurando apenas um instrumento de auxílio à pesquisa.

Para compreender os dados da pesquisa, seguiu-se a técnica da análise de conteúdo, visto que Bardin (2009) designa da seguinte forma:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. [...] Esta abordagem tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (BARDIN, 2009, p. 44).

Esta técnica permite uma adaptação à natureza do material e à questão que se procura resolver. Desta forma ela permite descobrir o que está por trás do que está sendo dito, ou comunicado pelo entrevistado. Uma pré-análise foi realizada durante a transcrição das entrevistas, através da “leitura flutuante” das anotações no diário de campo e dos documentos coletados.

Se aquilo que é falado são dados, os autores Bauer e Gaskell (2005) salientam que a análise dos mesmos deve ir além da aceitação do seu valor aparente. O objetivo amplo da análise deve procurar sentidos e compreensão, buscar temas com conteúdo comum e as funções destes temas. Por isso, um “olhar atento para os dados da pesquisa” para Minayo (1998) complementa a interpretação.

O olhar atento possibilitou uma diferenciação e uma categorização do conteúdo coletado cuja classificação é regida pelos significados, pelos temas desenvolvidos e explícitos no *corpus* de dados. A categorização criada abarcou as seguintes categorias: meio: limites e potencialidades da produção agrícola; fins para a produção agrícola; transformação da produção agrícola; formação; vínculos comunitários e institucionais; conservação do meio e da saúde humana. Estas categorias dividiram-se, ainda, em subcategorias. A leitura e o detalhamento dos dados organizados em diálogo com as concepções dos autores ligados ao material empírico coletado permite uma organização específica.

No capítulo cinco, será apresentada a maneira como se organizaram os dados obtidos. Para isso, a proposta é a de disposição dos casos em uma figura que combina os dados provenientes das técnicas utilizadas e oferece suporte para realizar a análise e a discussão dos resultados.

5 A CONFIGURAÇÃO DO ECOLÓGICO EM CANGUÇU

No capítulo três, o referencial teórico demonstrou como aconteceu a construção da agricultura “não convencional” em Canguçu. O apoio ou sua ausência, a presença dos atores sociais, Igreja Católica e Luterana, ONG`s, associações e cooperativas no processo de adoção ou transição de uma agricultura pautada em técnicas diferentes daquelas incentivadas pelo pacote tecnológico. Estes dados demonstraram o caminho percorrido pela agricultura familiar ecológica. Assim, acredita-se que falar em expansão da agricultura ecológica (ecológica agora como termo que abrange todas as formas de produção pesquisadas), talvez seja um tanto otimista, uma vez que estas formas de agricultura permanecem em contextos marginalizados.

Como questão atrelada à principal, procura-se saber se os agricultores de Canguçu, ao buscar praticar um sistema de produção pautado no não convencional, estariam acompanhando a “tomada de consciência” da sociedade. Isto é, estão eles imbuídos de uma percepção e um reconhecimento de que produzir alimentos “ecológicos” é menos agressivo ao meio natural (ou até sustentável) ou estão seguindo a tendência de “ecologização” dos alimentos convencionais?

O texto apresentado nos subitens que seguem deverá apresentar como foram organizados os dados obtidos, a construção dos tipos analíticos, assim como aproveitando para fazer a discussão destes resultados.

5.1 DETALHANDO OS DADOS

Com este detalhamento de dados pretende-se responder à problemática de investigação iniciando por uma análise dos principais pontos emergentes da coleta de dados. Inicialmente, eles referem-se à investigação do não convencional enquanto diferentes interesses, denominações e práticas.

Entendendo-se que a motivação, a percepção e as estratégias são os três elementos que são compreendidos como essenciais no centro das atitudes práticas dos agricultores, cita-se Carvalho (2002) que ao falar em campo ambiental, traz seu correlato, o **sujeito ecológico**¹.

¹ Educadores ambientais, foco de estudo de sua tese apresentada no livro “A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil”.

Este é fruto do aumento da importância e visibilidade da questão ambiental em plano nacional e internacional, num contexto social e cultural regado por diversas matizes ideológicas.

As razões que levam os agricultores a praticar uma agricultura “diferente”, seja na resistência ou na nova onda, são as mais diversas. Marques (2009) aponta que em comum existe a característica de criar múltiplas estratégias para trabalhar, inovar e ampliar espaços de autonomia que mantenham os agricultores no campo. A autora cita aspectos de saúde, satisfação, orgulho, consciência ecológica, respeito à natureza como recorrentes em suas falas e práticas. Brandenburg (1999) constata a motivação econômica, ambiental, de prevenção à saúde e ideológica como fatores explicativos mais relevantes para a opção dos agricultores.

Em Canguçu, as **motivações** são também de ordem ideológica² (ligada ao campo “ambiental”), econômica (renda mensal, maior valor agregado), social (saúde) e cultural³ sendo que todos são agricultores familiares, ou seja, com a base de mão-de-obra proveniente da família. Veja o quadro abaixo que esquematiza as motivações por agricultores.

Motivação Entrevistado	Econômica	Social	Cultural	Ideológica
E01	X	X	X	X
E02	X	X		
E03	X	X	X	X
E04	X	X	X	X
E05	X			
E06	X			X
E07	X	X	X	X
E08	X		X	
E09	X	X	X	X
E10	X	X	X	X
E11	X	X		
E12	X	X		X
E13	X	X		X

Quadro 1: Entrevistados e suas motivações

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados de campo

As motivações apresentadas no Quadro 1 acima puderam ser percebidas nos discursos dos agricultores e identificadas a partir da análise de conteúdo. Foram agrupadas em quatro

² Crença usada para o controle de comportamentos coletivos em determinadas situações (ABBAGNANO, 1998).

³ O termo cultura é utilizado neste contexto para indicar um conjunto de modos de vida criados, adquiridos e transmitidos de uma geração para a outra, entre membros de determinada sociedade. Indica uma formação coletiva e anônima de um grupo social nas instituições que o definem (ABBAGNANO, 1998).

vertentes de acordo com sua presença ou ausência, não retratando, na tabela, qualquer ordem ou intensidade para os entrevistados.

A **motivação de ordem econômica/financeira** foi aquela que se fez presente em todos os discursos. Afinal, não há como manter-se totalmente distanciado, nem mesmo parece perpassar a tais grupos. Esta motivação apareceu em três casos (E05, E11 e E06) como propulsora principal do trabalho. Enquanto que nos demais casos, os outros elementos apareceram com igual ou maior ênfase, considerados como uma consequência do trabalho. Em geral, um conjunto de elementos parece influenciar as escolhas produtivas.

Sejam dadas as diferentes ênfases ou presente em diferentes contextos, a dimensão econômica perpassa a todos os projetos. Compreende-se que o fator renda é decisivo, ele define o sistema produtivo e comercial, os cultivos a serem adotados: E12 “o tomate tem um grande valor no mercado”; E09: “olha, esse sistema aí de hoje, que nós temos aí, de ter o dinheirinho mensal [...] e o leite pode dá pouco uns meses, mas dá o dinheiro todo mês”.

Pode-se afirmar ser um fator decisivo também quando a motivação vem pelo baixo custo da produção, seja a médio ou longo prazo, isso vai agregar maior renda E01: “hoje eu tenho pouca despesa com o pomar, de investimento pra produzir né. A gente tem despesa de manejo de poda, coisas assim né, já de adubação, não tenho mais”.

Os agricultores ecológicos procedem de diferentes contextos. Constatou-se pequenos agricultores com a tradição na propriedade agrícola, aqueles desligados dos latifúndios ou provenientes do urbano, outros ligados a associações e/ou cooperativas e outros ainda ligados a empresas com venda direta a estas.

A agricultura ecológica, assim como se distancia das normas e técnicas existentes na modernização, a elas podem integrar-se. O estabelecimento de agricultura ecológica também sofre pressões externas, como aborda Carvalho (2002), o campo ambiental nasce “mundializado”, tanto pelo forte debate internacional, que permite a difusão e articulação de experiências, quanto pelo crescimento de certa ordem internacional baseada na articulação de governos, para o estabelecimento de acordos, políticas e financiamentos internacionais. Seja em depoimentos de ativistas ou a literatura, os anos 1970 destacam-se como a referência no campo ambiental. Estas influências externas, também, ocorrem por certas regras do mercado. À medida que aumenta a demanda por produtos ecológicos, o cenário agrícola é permeado por diferentes estratégias de produção. Isto seria o resultado de uma onda internacional que amplia a visibilidade dessa agricultura, despertando interesse e surpreendendo sujeitos içados por certas oportunidades ou tomados pela crise ecológica planetária?

5.1.1 Derivações dos termos encontrados em campo

A **denominação própria** dada pelos agricultores em relação à forma em que se inserem como produtores diferenciados foi um ponto investigado neste trabalho. Investigar como se denominam os agricultores, trata de não rotular. A investigação, no entanto, tomou como referência o termo “convencional” para referenciar a predominância das práticas que ocorre no meio rural. Ou seja, o **convencional** foi colocado na investigação para aquele conjunto de práticas e técnicas que giram em torno do que Gliessman (2009) aborda. Sua negação fazia surgir termos que eram utilizados pelos entrevistados. O resultado desta investigação foi sistematizado no Quadro 2 a seguir.

Códigos dos agricultores entrevistados	Denominações presentes no discurso
E01	Alternativo, agroecológico, ecológico
E02	Ecológico, orgânico*
E03	Ecológico, agroecológico
E04	Ecológico
E05	Orgânico*, ecológico
E06	Ecológico
E07	Agroecológico
E08	Ecológico*
E09	Orgânico
E10	Orgânico, ecológico
E11	Orgânico
E12	Ecológico
E13	Ecológico

Quadro 2: Resultado da investigação sobre denominações dos agricultores

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados de campo

Nota: * por indefinição ou falta de compreensão do termo.

Dentre os 13 entrevistados, oito deles, afirmaram apenas uma denominação para seu sistema de produção agrícola, o *ecológico* ou *orgânico*. Os demais apresentaram um discurso com a presença de duas ou mais denominações, ecológico, orgânico, agroecológico e alternativo. Refletindo que a denominação/identificação não está entre suas preocupações, ou até de que este agricultor molda-se conforme a exigência do seu público. Em três casos ainda, os agricultores não tinham claro para si o significado dos termos utilizados.

Na investigação inicial realizada com as entidades de Canguçu o termo *ecológico* foi o mais frequente entre os informantes chaves das entidades. Esse foi seguido pelo termo

orgânico que aparece, principalmente, entre os técnicos das entidades com as quais realizamos contato.

Para Ferreira et al. (2007), a agricultura orgânica acabou sendo a mais utilizada pelos técnicos, principalmente aqueles que assessoravam diferentes movimentos de pequenos agricultores. Motivo que levou o MAPA a instituir a regulamentação desses sistemas alternativos tornando a denominação “orgânica” oficial de todas as práticas que anteriormente se designava por agricultura alternativa e ecológica.

Os autores salientam ainda que, a partir da criação da Instrução Normativa do MAPA IN-007/99, foi impulsionado no país o movimento por uma agricultura ecológica, observando-se um salto na produção desse tipo de agricultura a partir de 2000. Notou-se, no entanto, que novos produtores, ao mesmo tempo em que aderiram ao sistema de produção alternativo, não compartilhavam dos princípios ecológicos que sustentavam, inicialmente, tal movimento.

Atualmente, um termo difundido e que vem como proposta abarcar todas as denominações é o da “agricultura de base ecológica”. Caporal e Costabeber (2004) utilizam o termo para expressar estilos de agricultura sustentáveis, estilos que, teoricamente, apresentam maiores graus de sustentabilidade a médio e longo prazos. E Pinheiro (2010) propõe, no sentido de abarcar todos os agricultores que cultivam alimentos orgânicos, ecológicos ou de outras vertentes próximas, um único termo.

Nessa pesquisa, salienta-se, novamente, que a utilização do termo “não convencional” auxiliou no seu objetivo inicial. A denominação de agricultura ecológica surge recentemente, a fim de traduzir a variedade de manifestações que vinham sendo tratadas como “alternativas”, entre elas já citadas (natural, biológica, permocultura, etc). Caporal e Costabeber (2004) salientam que não raro denominam-se a todos os estilos de “agricultura não convencional” o termo “agroecológicos”, um equívoco segundo esses autores.

5.2 ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO E RELAÇÕES COM O MEIO

Um dos principais objetivos já explícitos dessa pesquisa é o de investigar como os agricultores foram capazes de alterar seus sistemas de produção visando à produção agrícola, no sentido de superar os limites impostos pelo meio, para a produção agrícola ecológica. Com base no resultado das entrevistas foram identificados em suas falas alguns indicadores de percepção. Os indicadores biológicos foram utilizados para aqueles que se referem à presença

de vida no solo, microrganismos ou plantas espontâneas, bioindicadoras, como pode-se observar na fala do Entrevistado 01 (E01):

E01: C - não, não tinha nada de matéria orgânica no solo, mas assim ó... tudo isso aqui, isso aqui nada tinha (solo), isso aqui era um solo pelado, pelado, pelado guria, só tinha... a planta que tinha eu.. não tem mais aqui, eu queria te mostrar uma, vamos ver se acho, é a chamada cola de sorro, que é uma planta de solo muito pobre né... essa região mesmo aqui era só o que tinha, era essa cola de sorro.

Outros indicadores surgiram ao longo da entrevista, como físicos (textura, estrutura), químicos (matéria orgânica e nutrientes) e morfogenéticos (erosão/deposição, formas de relevo). Na tentativa de estabelecer uma relação entre número de indicadores e tempo de residência no local, não foi possível observar uma relação direta. No entanto, na relação entre o número de indicadores e o tempo desde a tomada de decisão para o sistema ecológico, observou-se que aqueles agricultores que iniciaram o processo a mais tempo, tem maior número de indicadores de percepção dos tipos descritos acima. Ou seja, os agricultores que residem no local há mais de 30 anos, mas há menos de dez anos no “sistema ecológico”, o número de indicadores é menor que cinco. Os agricultores que apresentam maior número de indicadores são aqueles que iniciaram o processo de transição entre 15 e 17 anos, quando também se iniciou o trabalho de disseminação da agricultura ecológica pelas instituições que atuam no município e na região (Tabela 3). Eles são, também, agricultores que participaram ativamente das instituições as quais estão ligados, seja na diretoria, na abertura de feiras, etc.

Tabela 3: Indicadores de Percepção por Entrevistado

	Ind. Biológico	Ind. Físico	Ind. Morfogenético	Ind. químico	Total	Tempo de residência no local (anos)	Tempo de transição* (anos)
E01	3	6	8	5	22	20	17
E02		4	4	2	10	17	15
E03	5			8	13	36	16
E04	2	2		5	9	20	20
E05				1	1	16	7
E06	2	2		1	5	8	8
E07	1	3	1	2	7	8	8
E08				1	1	12	12
E09		2	2	6	10	10	10
E10	3			3	6	10	10
E11		1		2	3	60	9
E12	2	3	2	2	9	10	10
E13	1		2	5	8	31	14

Fonte: Elaborado pela autora a partir da coleta de dados

Nota: * Considerou-se o início da tomada de decisão do agricultor no local de residência atual.

No que se refere à interpretação das **condições do meio**, direcionado para estratégias adotadas no sentido de suplantar os limites impostos por ele, retoma-se as figuras do capítulo dois. Em Canguçu, a agricultura familiar está localizada em condições da existência de limitantes do meio, tais como, solos rasos e afloramentos rochosos (detalhes na Figura 3 e 4, do capítulo 2). Estas condições parecem não ser o maior problema aos agricultores, pois suas estratégias buscam adaptar cultivos a esses limitantes do meio, vendo-os como uma oportunidade. Eles também buscam alterar certas condições necessárias para a busca pela produção agrícola. Aquilo que é visto como um limitante para a agricultura convencional, na agricultura ecológica normalmente é interpretado como uma oportunidade. Veja o exemplo na fala de um entrevistado E01: “Eu plantei pêssego aqui, justamente por isso né, porque essa parte aqui é toda dobrada, aí quanto menos eu mexer melhor [...] e nas áreas mais planas, a gente deixa pra os plantios mais anuais.” Outros limitantes ainda estão presentes, como o isolamento geográfico, a condição de ter recebido sua parcela de terras da reforma agrária e os recursos financeiros escassos, limitantes estes fora do alcance de suas ações, num primeiro momento.

Estabelecendo uma relação entre os Quadros 1 e 2 e a Tabela 3, observa-se que a utilização da denominação *orgânico*, aparece no discurso daqueles agricultores que não tem necessariamente questões ideológicas relacionadas na sua motivação. O caso E05, por exemplo, tem uma motivação eminentemente econômica e sua identificação é *orgânica*. O caso E11, produtor de fumo orgânico e sementes de milho e feijão ecológico é outro caso típico. Dependendo da sua ligação institucional, venda para cooperativa ou venda para empresa, o agricultor adapta a identificação do produto.

Observa-se que na Tabela 3 estes dois casos (E05 e E11) apresentaram, em seus discursos, uma quantidade de indicadores de percepção muito baixa. Os indicadores contribuem para demonstrar as mudanças ocorridas, estabelecendo um nexo entre a percepção dos agricultores e as estratégias adotadas.

Na Tabela 3, na coluna tempo de transição, estão apresentados o tempo de transição desde a tomada de decisão do agricultor no local de residência atual, o que significa que, embora as motivações e as percepções anteriores ao tempo de moradia no município de Canguçu tenham feito parte do discurso de muitos agricultores, especialmente assentados rurais, isso não está incluído no tempo de transição apresentado na tabela mencionada. Entretanto, dados referentes às motivações anteriores ao tempo de residência em Canguçu não foram descartados durante a análise geral dos dados, considerando que há aspectos que fazem

parte da história de vida do agricultor, os quais não dependem do tempo de residência em Canguçu.



Fotografia 1: À direita plantação de pêssego em terreno em declive, com preservação da área de preservação permanente no centro da parcela. À esquerda, detalhe da textura do solo.

Fonte: Fotografia da autora (06/ 2010)

Importante observar aqui que é comum a todos os casos, que o agricultor busque modificar certas condições do meio para buscar a produção agrícola. Embora, deverá ser demonstrado ao longo deste capítulo, que haja diferentes técnicas e estratégias, representando uma proposta de relação sociedade-natureza ou uma permanência ao que se impõem enquanto sistema hegemônico.

Em relação à identificação de **categorias** no formato de uma “árvore de nós”, foi possível averiguar quais categorias constavam em cada caso⁴. As seis categorias hierarquicamente superiores (ver Anexo A⁵), com seus objetivos, abarcam suas respectivas subcategorias, indicando a presença ou não, de tal tema no discurso de cada caso. Assim, ficou facilitada a sistematização dos indicadores acima descritos.

Com base nestas primeiras reflexões e a fim de apresentar os resultados de forma compreensível e sistemática passa-se a descrever os resultados da análise de dados, repartindo o material nos três subitens que seguem abaixo. No momento em que se realiza a “leitura flutuante” deixa-se tomar por diversas impressões, sobretudo, aquelas influenciadas pelo referencial teórico construído. A descrição que segue, por momentos, em não por categorias, facilita a construção de um “caminhar” dos sistemas de produção ecológicos, especialmente influenciados pelas condições e situações dos agricultores envolvidos e um estilo de agricultura que se modifica ao longo do tempo.

⁴ Caso = um entrevistado.

⁵ Em anexo, encontra-se o relatório extraído do software da análise de dados.

5.3 AGRICULTURA ECOLÓGICA EM CANGUÇU

Aprofundando no detalhamento dos dados, observa-se (unindo teoria e empiria) que existem certas tendências da agricultura ecológica em Canguçu. Assim, como se descreveu no referencial do capítulo dois, são três os momentos principais. O resultado desta análise será detalhado, explicado e discutido através do uso de falas dos entrevistados, quadros e esquemas, no texto dos itens que seguem.

5.3.1 Primeiro Momento da Agricultura Ecológica em Canguçu

O momento que corresponde a gênese da agricultura ecológica no Brasil é carregado de dimensões místicas (imateriais) ou de religiosidades. Apresenta uma visão de mundo complexa, onde o homem faz parte do mundo natural e com ele se identifica, a agricultura é seu modo de vida⁶. A opção desta forma de conduzir a agricultura está relacionada com a dimensão religiosa, afetiva, ética, social, e de fato não privilegia a dimensão econômica:

E07: [...] eu acho que a agroecologia é uma relação com a natureza, do dia-a-dia e também tem outros valores, porque a gente valoriza muito a vida e eu mesmo valorizo muito a vida, eu sempre digo eu tenho uma qualidade de vida muito boa. [...]mas eu vejo assim, são valores que não aparecem, a pessoa não vê ali o carro ou a moto, pra mim isso aí não é tudo, não é só isso. Se eu puder me inserir nessa economia mais solidária, então esse ano foi uma coisa que me ajudou muito né, na questão da campanha da fraternidade, economia e vida. Seria isso aí, o projeto é assim ó: produzir na linha agroecológica, desde o arroz até o que se puder, a outra parte também eu sou muito ligado na questão da cultura, eu tenho assim projeto de agroflorestatur, ou seja, a agricultura, o reflorestamento e o turismo, ou seja, um camping, a ideia tá plantada. Tenho também outro objetivo meu, é botar meu conhecimento, minhas teorias sobre o que eu penso e escrever um livro, ou seja, esse outro lado da poesia, da musica então... eu tenho muita vontade, tem muita coisa. Acho que tudo isso está unificado, eu quero aqui, eu já fiz um pedido de uma biblioteca na escola, eu acho que tem coisas... eu gosto muito de ensinar, vem gente aqui eu ajudo e meu sonho realmente é ter um grupo firme, mais decidido, pra poder construir.

Este caso não é o único com as raízes presentes no que parece ser a formação do movimento ecológico. É, no entanto, um caso que marca a intensidade deste momento, ou

⁶ Modo de vida é considerado neste contexto uma forma de vivência.

seja, uma temporalidade em que o entrevistado se identifica e constrói seus referenciais de vida e suas práticas cotidianas.

Desde já é oportuno chamar a atenção de que esses momentos se sobrepõem, que os agricultores que tem nestes momentos, algumas referências, podem transitar. E, muito embora, esses momentos sejam apresentadas seguindo uma linha do tempo que é linear, acredita-se que eles não sejam etapas excludentes ou antagônicas, mas de certa forma até complementares. Observando a fala do entrevistado E03, esta “circulação” fica evidente:

E03: A - Já! Eu já participei e participo da cooperativa da Arpa-sul. Participei da associação, daí depois dividiu-se da associação, um pessoal ficou na associação e outro na cooperativa... atualmente eu faço parte da cooperativa né... e agora mesmo, a gente está trabalhando essa questão de venda pro governo, estamos comercializando pro mercado, em volume maior, e nós temos um espaço.

J – sim... e tu está vinculado a bastante tempo?

A – na UNAIC eu ajudei a fundar, junto com o Fulano, há uns 15 ou 16 anos. É assim, eu vendia produto pra eles aqui, eu trazia caminhão com farelo, adubo, todas essas coisas que precisava e até nunca fui remunerado pra isso, eu só fazia pra tempo e aí comecei então participando na UNAIC e depois participei de movimentos, do MPA, participei também da cooperativa inicialmente, e da associação ajudei a fundar, a associação também, peguei experiência na agroecologia, assim eu fui... nós tivemos um, faz 14 anos que eu fui até Ipê e Antônio Prado, que foi naquela região que começou... onde deram os primeiros passos.

J – foram cursos de que?

A – é de formação em agroecologia... aí tinha também a contribuição da Pastoral da Igreja Católica, que naquela época foi quem trouxe pra cá a questão da agroecologia... foram eles que nos levaram pra lá.

Este agricultor participou de um momento de “fundação” daquilo que se denomina um estilo de agricultura no município. Ao longo do tempo, além de compor a diretoria de uma associação que buscava novas formas de comercialização e relações com o consumidor, hoje também procura novos mercados ligado as instituições governamentais.

Assim como o entrevistado E01, que inicia seu processo de transição para uma agricultura ecológica permeado por valores imateriais, influenciado pela Igreja Católica, ele acompanha o momento de expansão das instituições da região, inclusive de maneira participativa. Atualmente, administra uma agroindústria familiar, em que grande parte da sua venda é aliada aos programas governamentais.

E01: C - sim, aqui é nossa agroindústria de sucos e geléias... agora mesmo nós devíamos estar produzindo doce de abóbora e melancia né, no ano passado essa época a gente estava produzindo com muita força... Ocorre que atrasou as compras das prefeituras que estão comprando pra alimentação escolar e aí nos descapitalizou bastante, e aí a gente não vai produzir muito sem a ter a certeza de que vão... de que vamos vender tudo né.

O agricultor vinculado ao primeiro “momento” da agricultura ecológica pratica-a sob a denominação de agroecológico. Como poderá ser visto adiante, as práticas da agroecologia são comuns e até uma referência para muitos agricultores. A motivação ligada à ideologia do seu grupo é uma referência recorrente em seus discursos. Em especial, destaca-se o MST e a influência da Igreja Católica. A presença da assistência técnica, deve-se enfatizar, está presente em todos os estabelecimentos visitados (para os agricultores do MST, a EMATER é a entidade vencedora do edital de licitação 2010).

O nível de escolaridade do agricultor cujas características o enquadram neste grupo é o ensino médio incompleto. Este agricultor participou de cursos de formação sobre agroecologia, nos municípios de Antônio Prado e Ipê, situados na região nordeste do Rio Grande do Sul, os quais são municípios citados por sua importância no pioneirismo da Agroecologia no estado.

O agricultor destaca como positivas as relações sociais estabelecidas a partir desta forma de produção. A motivação é permeada de uma capacidade de compreender problemas ambientais e as suas responsabilidades enquanto ser humano. É presente em seu discurso uma contracultura, apresentando como negativo ao meio, à saúde humana e ao coletivo, a adoção do “pacote verde” na agricultura.

O agricultor utiliza-se de estratégias para conciliar produção e conservação ambiental na sua propriedade. E07: “uma coisa que eu cuido muito é as ‘valetas’, curvas de nível [...] eu sempre procurei trabalhar já fazendo isso aí. Alguns cuidados se teve sim, as cabeceiras (nascentes) eu cuidei também, pra não lavrar assim bem perto do mato, eu respeitei o espaço, sempre cuidando”. Além da máxima da autonomia em relação ao mercado. E07: “hoje o desafio é a retomada e chegar em 80% da cesta básica, ou seja, eu acho que só fica o açúcar, o sal e o café. Eu acho que tem como, porque eu tive essa experiência”.

Poderia-se afirmar que as práticas da agroecologia, as quais são utilizadas para a produção, são permeadas por seus valores e princípios. De acordo com Caporal e Costabeber (2004) os valores e princípios da agroecologia atendem a requisitos sociais, consideram aspectos culturais, preservam recursos ambientais, apoiam a participação política e o empoderamento dos seus atores, além de permitir a obtenção de resultados econômicos

favoráveis ao conjunto da sociedade, numa perspectiva temporal de longo prazo, ou seja, uma agricultura sustentável.

Além disso, este agricultor foi sócio-fundador de uma cooperativa, que tinha como objetivo produzir alimentos (agro)ecológicos, ajudando a disseminar as ideias:

E07: A – [...] em 1994 que eu saí, quis conhecer coisas novas, relacionado ao pêssego, a gente foi pra Ipê, e eles dominavam... E aí cheguei lá e já encheu os horizontes e vi outras culturas e daí voltei e não parei mais. Fui alimentando essa ideia e fui aperfeiçoando, fazendo alguns cursos e aí em casa eu não consegui plantar essa ideia, não foi fácil [...]. Em 1995, surgiu a feira, eu era vice-tesoureiro, e comecei a trabalhar a questão da associação, aí fizemos curso. Depois fui coordenador do núcleo, eu estive dois anos e meio trabalhando direto, tinha uma agrônoma, um professor, a gente tinha um contato com a universidade.

A análise de conteúdo demonstra uma relação com a natureza no que tange a um entendimento. Quando o agricultor visa adaptar seus cultivos às características do meio que estão disponíveis, inicialmente informam-se sobre as reais condições, observando-o. Mais tarde, após conhecimento adquirido, observações feitas, o agricultor tem sua tomada de decisão:

E07: A - a questão de que tem talvez uns 10 ou 15 cm de terra boa e o resto é cascalho... a água já levou né, inclusive tem o seu Fulano, que diz: "e depois dizem que pedra não cresce?! olha aqui essa pedra cresceu" diz ele. E a terra levando né, então (risos) eu olhei pra ele e pensei... fazer o que (risos)! Então, mas lá onde eu escolhi pra fazer a horta a terra é melhor, ou seja, já tinha mais matéria orgânica e eu me informei muito, até escrevi e esse Seu Fulano, foi um que eu perguntei o que produziram antes por aqui [...] e assim eu comecei a trabalhar.

Para suplantar limites impostos pelo meio, os agricultores, alteram certas condições dele, fazendo a incorporação de matéria orgânica ao solo. Esta técnica é uma mudança que representa um afastamento aos mercados de insumos. Desta forma, para Ploeg (2008) um afastamento que resulta em uma agricultura de baixo custo, em que a autonomia é aumentada e, há uma **refundamentação da agricultura na natureza**, com introdução da artesanidade. Mudanças que tendem a representar, para o autor, um adeus “estrutural” ao roteiro da agricultura empresarial. Não se observa, no entanto, o mesmo adeus, ao caso ligado ao terceiro momento, conforme veremos adiante.

Esse caso representa uma adoção e, também, uma mudança bastante intensa no seu sistema produtivo. Pois abrange a vontade de preservar e conservar o ambiente natural. Inclusive, acerca da investigação sobre a presença de indicadores de percepção, este caso foi um dos únicos a ter em seu discurso, os quatro indicadores de percepção.

5.3.2 Segundo Momento da Agricultura Ecológica em Canguçu

Este momento diferencia-se com relação ao primeiro, por ser um momento de expansão, em que os agricultores organizam-se em novos grupos com o objetivo de se organizarem comercialmente, como as feiras, por exemplo. Os agricultores se organizam de forma articulada, compondo redes entre as diversas instituições que visam a produção de alimentos sem a utilização de agrotóxicos e insumos externos. O diferencial em relação ao primeiro momento é que agora a agricultura ecológica é uma forma de sustento. Segundo Brandenburg (2002, p. 10), “[...] para se viabilizarem economicamente eles precisavam encontrar outros caminhos, diferenciados do mercado de consumo massificado para comercializar os produtos”.

De fato, em Canguçu observou-se agricultores organizados coletivamente, que geralmente comercializam seus produtos diretamente ao produtor. Esse comércio é articulado pela instituição em que estão vinculados. Além da comercialização, as instituições fornecem assistência técnica e cursos de formação, com o objetivo da troca de experiências.



Fotografia 2: Feira ecológica na praça municipal de Canguçu/RS
Fonte: Fotografia da autora (06/2010)

Neste momento, muitos agricultores que negavam a produção com a utilização de agrotóxicos e insumos, agregaram-se ao surgimento dessas novas formas de produção, mas sobretudo de comercialização, a exemplo do caso E02:

E02: O – não, nós nem sabia, não tinha conhecimento disso, isso foi o Fulano da Arpa-sul, que ele veio aqui e fez uma reunião, mas... o pessoal ficou meio assim... depois ele apareceu, veio de novo, aí nós começamos a se acredita... e pega o jeito e ele fazia mais reunião e nós prestava atenção e fomos atrás e ele foi ajeitando tudo e foi e até que começamos.

Esta fala demonstra que as próprias instituições da região buscaram agregar novos agricultores ao movimento que se expandia. O reconhecimento por parte dos consumidores demandava alimentos. Em Canguçu, isto aconteceu nos anos de 1990, tardio em comparação a referência que se tem em nível nacional. Mas foi de fato uma valorização da ecologia que permitiu obter o reconhecimento social para o movimento. As instituições neste momento disseminaram suas técnicas e seus ensinamentos aproveitando o momento. Em meio a essa propagação, emanam as diferentes vertentes do movimento inicial, além da propagação dos termos sustentabilidade, orgânica, ecológico, de base ecológica, entre outras.

No discurso são recorrentes as falas que demonstram uma contracultura expressa, como, por exemplo, pela contestação ao cultivo do tabaco. Esta contracultura questiona a adoção de técnicas difundidas com o objetivo único de aumentar lucros. Como exemplo, ver trecho da fala do caso E13:

E13: I – agora (antes nós plantava fumo) não ficamos todo o tempo como um prisioneiro dentro do galpão, que não se via ninguém, não fala com ninguém, se estressa, quando chegava a hora da venda, o preço vem lá em baixo, imaginava outra coisa e assim não, tu tem sempre, não é que vamos dizer assim que seja ah, assim pra ficar rico, mas dá pra viver bem, é outra vida! Até assim, por esse motivo né de tu não estar lidando com veneno, com adubo químico essas coisas, a gente não usa, ah... isso aí já é o que basta”.

O discurso demonstra uma motivação ligada a dimensões relacionadas as suas práticas e que não são unicamente a do lucro. Não obstante, estes agricultores utilizam estratégias para conciliar conservação e produção:

E03: A – aqui ó.. é isso que eu falava, tu imagina que toda essa roda aqui ó (estrume da vaca), quando elas voltam já vai tá incorporado e vai incorporando e incorporando isso aqui até um dia tá um solo mais espesso, a importância do animal também né e estar as 24h aqui, porque é esse processo aqui que a gente quer ver, a força do estrume e da urina. Aqui ó, tem esse estrume, já ta dissolvendo e crescendo alguma coisa, daqui a 30 dias quando ele passar aqui de novo já vai tá grande né.

J – tu tinha outro problema aqui na produção, além do solo empobrecido?

A – essas áreas aqui tava mais desgastadas, eu mandei fazer um análise do solo e essas partes aqui estavam bem deficientes.

J – e era tudo soja aqui?

A – é tudo...a gente plantava tudo.... Então, por isso que aqui eu tive a necessidade de usa uma cama de aviário, um calcário... Aqui ó, eu queria te mostrar que em cada canto dos piquetes eu plantei uma muda de árvore pra sombreamento, até tive que cerca também né, senão elas destroem.

Ou seja, um processo de recuperação do solo⁷, que altera suas condições em função da prática anterior da agricultura convencional, reconhecidas a partir das necessidades impostas quando do início da transição, do seu ideal de sustentabilidade, buscando autonomia na produção agrícola, conservação ambiental e comercialização dos seus produtos.



Fotografia 3: À esquerda, piquetes para gado de leite, com preservação da mata nativa, que serve também, de sombreamento para o gado. À direita, plantio de batata-inglesa com manejo ecológico.

Fonte: Fotografia da autora (06/2010)

A maioria dos agricultores (com exceção do caso E02) reconhece os problemas ambientais em diferentes escalas, global e local. Compõem grupos em que se discutem assuntos como a qualidade da água, destinação dos resíduos sólidos, “reflorestamento”, contaminação por agrotóxicos, corte irregular de matas nativas, entre outros, de modo a intervir, a coibir tais ações. De certa forma, são capazes de não só diagnosticar tais problemas na propriedade, comunidade e região, mas de rejeitar tais ações que julgam excêntricas:

⁷ Não será abordada neste trabalho a eficiência do sistema de rotação dos animais denominado como *Voisin*.

E03: A – a água, debates... discussão de grupo, em torno da questão da água que sempre foi um problema.. de agrotóxico que tá na água né... e hoje até parece que as pessoas estão tomando um pouquinho de cuidado [...] que é talvez por causa desses debates... mas ainda tem muita coisa que teria que ser mudada né... até da consciência, eu acho que um pouco da consciência do agricultor, que as vezes não se dá conta das consequências que se sofre com isso... e eu acho que deveria ser trabalhado um pouco a questão da consciência né, a partir do momento que tu trabalhou tua consciência tu vai cuidando das tuas atitudes.

E12: G - o lixo é o nosso maior problema aqui. E que na verdade não é só nosso aqui, porque do que adianta tu mandar o lixo pra cidade? Lá também não se tem muito o que fazer, uma pequena parte do lixo é reciclado, muito pouco é reciclado... Então é como ficar passando os problema pra frente.

D – e nós não temos o que fazer, claro, o lixo orgânico, esse é uma maravilha pra nós, a gente aproveita tudo, mas o plástico, não tem onde... o que fazer, chega uma hora que eu tenho que botar fogo, porque eu não tenho o que fazer e ninguém quer pegar.

Estas falas demonstram que há uma preocupação que não é exclusiva da propriedade, pois a última fala atinge a área urbana, bem como a noção de ciclo da natureza, de uma incapacidade de reciclar todos os resíduos gerados pelo homem, no mesmo ritmo em que se devolve a ela.

No aspecto social, há em comum a preocupação com a saúde, enfatizada principalmente, a partir de situações contrárias ou catastróficas:

E10: F - onde nós morava, nós trabalhamos é... tinha um vizinho nosso que trabalhava, que plantava fumo, era fumo de galpão [...] teve um piá lá que dormia no galpão e ele faleceu envenenado do fumo. Eles até foram mexer nas firmas por causa de tudo isso, hoje eles tem cuidado e embalagem hoje tá sendo melhorada pra esses venenos, naquela época vinha meio assim sem cuidado, o pessoal não conhecia e daí eles também não se cuidavam né, tinha todos os preparos, tinha macacão, tudo pra passar, máscaras tudo e esse piá ele tinha ferida nas pernas e se encostava naquelas embalagens e o piá faleceu. Ele morreu dentro do ônibus indo pro colégio [...] foi uma tragédia assim [...] eu já tava com meus 18 anos, então foi assim um... já nós não usava, mas daí aquilo ali foi um choque!

Com relação ao meio, aos limites e às possibilidades da produção, esse grupo destaca-se pela capacidade de reconhecer diversas potencialidades, demonstrando conhecimento colocado em prática.

E09: E - aqui tava bem, bastante sofrido (o solo). Até inclusive nós estamos usando aí, botamos até uma aveia aí pra pastagem pro animal, porque ele tá muito sofrido, a terra e daí então a gente tem que botar, senão ela demora demais pra...ou as vezes até a gente perde a semente. Quando a terra é muito fraquinha, tu bota e não vale a pena daí, a aveia fica desse tamanhinho assim né, não desenvolve [...]

J – e o que vocês tiveram que fazer pra começar a produzir aqui?

E - o adubo né, a gente planta ela e bota junto na planta [...] Mas aqui na verdade a gente ainda não faz lavoura mesmo. O nosso forte aqui é o leite, então nós não se envolvemos em grãos, se nós fosse plantar bastante lavoura com certeza a gente ia usar bastante adubo. Mas não, a gente e tá procurando recuperar a terra deixando ela descansar e o gado ajuda no processo, sim, ii!, Nós, o que nós fizemos aqui, o que estamos fazendo é evitar de virar a terra, o quanto mais vira ela mais judia, né... por causa do sol. Então, o processo é deixar sombra, que vem a grama e onde a gente bota o gado, o gado vai estercando... vai, ele se recupera o solo. E nós temos recuperado bastante. Além da gente tá deixando mais as vacas aonde nós fizemos os piquetes ali, onde nós fizemos ele tá bem recuperado, e daí nós conseguimos bota um pouco de calcário pra ajudar.

S - aqui o que tá precisando mesmo é o calcário

E - é o calcário, que ajuda nessa recuperação.

J - e o piquete é a melhor forma de manejo do gado, pra criar o gado e pra terra?

E - o piqueteamento ele é uma coisa que ele é bom pra várias coisas que ele tem vantagem, pra nós que temos aqui o leite, nós ainda não chegamos ainda onde queremos chegar, estamos indo devagar. Mas o piqueteamento, quando nós fizermos ele completo, a gente tem mais renda, as vacas produzem mais leite, porque elas caminham menos, se tu bota num campo bruto elas caminham, dão uma bocada aqui, outra ali e vira em perna elas se desgastam bastante caminhando e o piquete segura elas mais paradas, aproveita mais o pasto [...] E a outra grande vantagem pra gente é sobre o carrapato, que nós aqui no verão, o carrapato ele ataca bastante no animal e se tu deixa ele num campo assim, um mês, dois meses, num campo bruto assim que daí tu tem que entrar com veneno né

J - pro carrapato?

E - fica horrorizado o animal, tem que passar “negovão”, ou vacina coisa assim, porque o carrapato é um bichinho que se cria e ele, eu não tenho, não vou ser preciso pra te falar, mas parece que ele tem 28 dias de duração, então se a gente tem, aí uns 35 piquetes, ele não chega a sobreviver daí ele nasce e morre e quando tu bota o gado aqui, quando ele quiser se criar aqui, tu muda o gado, vai escapando, bah isso é uma ajuda [...]. E daí é o aumento do leite também né, o animal caminha bem menos daí a vaca produz bem mais leite e não contando também com o serviço que a gente evita.

J - e com quem vocês aprenderam esse sistema? É *Voisin* né?

E - é.. é isso aí nós tivemos, nós tivemos técnicos que passou a informação pra nós. A gente foi ver algumas propriedades e aqui nós temos um vizinho que é quase no assentamento, ele começou antes de nós, ele tinha o piqueteamento e daí a gente viu que aquilo era vantagem né.

Para superação destes limites impostos pelo meio estes agricultores passaram por um processo de mudança de seus sistemas de produção, bastante intenso para alguns, como nos casos E01, E02, E03, E09, E10 e E13 em que se tratava de produtores de fumo, soja e milho, que passaram a produzir de maneira ecológica.

Dentre estes, destacamos os casos E09 e E10, por serem casos de agricultores ecológicos assentados descendentes de caboclos⁸. Estes parecem formar um modo de vida distinto e, por isso, muitas vezes estudado especificamente. Para Heidrich (2006) representam, através de acampamentos e assentamentos rurais, espaços de ruptura com o modo de

⁸ Caboclos segundo os entrevistados é o “modo da pessoa viver, de conduzir a produção agrícola, o jeito de conviver”. Ver detalhes no livro *Cartografias caboclas* de Ribeiro (2008).

apropriação hegemônica do espaço da sociedade capitalista, dada a sua forma de organização coletiva. O autor ressalta também que, nas situações de agricultura ecológica ou orgânica, específicas do MST, há um vínculo de consciência territorial, de compreensão de sua existência ligada à natureza e sentido da vida. A ruptura estabelecida nestes casos é pela ressignificação da produção agrícola, de ser orientada por um valor ético-ecológico-comunitário, e não absolutamente mercantil.

Para o caso E09, conforme fala acima, além dos cursos que são considerados “insumos externos”, o seu **repertório cultural** associado ao conjunto de percepções que ao longo do tempo se consolidou nas famílias para um modo de produzir, é trazido pelos agricultores/assentados como uma forte motivação. Este repertório trata-se de uma forma de passar os valores adquiridos ao longo de gerações para os descendentes. Especialmente entre os assentados rurais essa é uma forma recorrente de troca dos conhecimentos adquiridos. Veja o que diz E10: “a assistência técnica ajuda com técnicas diferentes, mas a dificuldade com eles é a diferença de ideologia, não é igual a nossa [...] eles volta e meia estão aqui, são uns piá bom, mas eles só dão uma visitadinha pra pegar a assinatura do agricultor”.

E ainda E09, demonstrando a persistência e a valorização dos princípios da família, agora também ligados ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, E09: “Mas isso já é desde, é tipo uma cultura mesmo, porque desde criança a gente nunca viu os pais usar veneno pra nada né, e a gente não entrou naquela, mas muita gente adotou (o uso de agrotóxico)”.

Os outros casos, também passaram por um processo de mudança, no entanto, não chegaram a adotar intensivamente as técnicas da agricultura convencional, apenas utilizavam quando julgavam extremamente necessário:

E04: E - não... até assim, pra não te mentir, lá naquela nossa região, onde nós tava, nós tinha um problema na produção de feijão, na região norte do estado, lá o feijão é um problema sério pra produzir. Uma vez nós plantamos lá um feijão e aí eu inventei de colher e existia um veneno proibido que eu usei, mas foi uma jornada só. Eu usei o tal veneno em pó, porque tinha muita praga, passei aquilo e colhi um monte de feijão, matei o bichinho né... só que não sei o bichão aqui como é que ficou né (*risos*). Mas depois, nunca mais usei.

A necessidade foi a justificativa para a adoção da técnica “proibida” segundo o agricultor/assentado. Neste caso, o processo de adaptação ou transição para o sistema ecológico de produção, não foi tão intenso, uma vez que o repertório cultural, as práticas da agricultura a qual este agricultor utilizava, denominadas tradicionais, foram direcionadas para

a prática de sistemas de produção agroecológicos, segundo Meirelles (2007), ou de baixo custo conforme Ploeg (2008).

O que ocorre é uma adaptação entre meios, práticas agrícolas, cultivos e criações sendo que é essencial a percepção do agricultor, para esta nova forma de produção. Observa-se na fala a seguir, o que representam as novas formas de manejo:

E12: D - é, isso aqui era, era tudo uma grama e um pedaço pra lá, tinha umas capoeiras e um banhado que acho que nem o cara que vendeu pra nós, pensou que nós éramos loucos de morar aqui eu acho (risos), ele não queria vender pra nós, pra nós não vir mora aqui.

G - nós insistimos, insistimos, mas assim, ela não é degradada né, porque ela é uma terra parada e aqui, essa parte úmida é difícil de fazer produzir né, porque ninguém, por exemplo, assim... ninguém pensou nessa ideia de levantar um pouco pra poder produzir, isso numa partezinha que tem ali né. A capoeira lá, com pedra e toco, era complicado né... só que ela é uma terra forte, só que precisava ser trabalhada né, ela não era fraca [...] e no meio ali nós colocamos frutíferas, tipo uma agrofloresta né, no nosso caso é pela necessidade mesmo, porque temos só 1ha e dali temos que tirar nosso sustento né.

Este direcionamento para agriculturas mais sustentáveis, colocado por Meirelles (2007) apresenta-se por diversas estratégias pelos agricultores. No caso citado acima, o estabelecimento possui uma área de 1ha, o casal utiliza as áreas limítrofes, as áreas de afloramentos rochosos, adaptando-se, reinventando e tirando seu sustento. A venda ocorre diretamente ao consumidor, em que o facilitador comercial se dá graças à associação a que estão ligados. Atualmente, estão em processo de certificação pela Rede Ecovida, o que vai indicar uma seta de evolução na figura em que se pretende sintetizar os casos ao final deste capítulo.

O trabalho de disseminação da agricultura ecológica, por parte das cooperativas e associações atingiu interessados pela nova forma de conduzir a agricultura, e se relacionar com o consumidor:

E02: O - eu já fazem 17 anos que cultivo assim [...] antes não, nós nem sabia, nem tinha conhecimento disso, isso foi o Fulano que, Fulano de Tal da Arpa-sul que ele veio aqui e fez umas reunião aqui mas, o pessoal ficou meio assim, depois ele apareceu, veio denovo, aí nós começamos assim... a se acreditar assim... e pega o jeito assim e fazia umas reunião assim e nós prestava atenção e nós fomos atrás e ele foi ajeitando tudo assim e foi e até que começamos. [...] e eles vêem o que precisa e eles dizem ó, precisa produzir tal coisa, eles fazem um calendário, tipo de um planejamento do que tu vai precisar pra produzir também e aí tu vai te planejando, organizando pra aquilo.

J - e sobre o que mais te motiva, o principal pra seguir esse caminho apresentado?

O – olha eu não posso te negar, porque a um tempo atrás, a gente fazia safra de ano a ano, sabe, tu tinha que colher uma cebola, colher um feijão uma coisa que vendesse pra entrar um dinheiro de ano a ano, assim... sabe,... na safra e agora eu nesse, nessa feira ecológica onde eu posso ir vender direto pros consumidor eu, sempre me entra dinheiro toda semana, sempre consegue uma renda semanal.

Assim como houveram programas com êxito, alcançando tal expansão, a continuação de outros produtores dependeu muito mais da vontade e percepção deles, do que dos anseios governamentais:

E13: J - E vocês escolheram, na época, plantar laranja porque?

I - isso também foi um incentivo do pessoal do CAPA né, essas coisas.

G – não! essa das laranjeiras foi o seguinte, claro, foi incentivo do CAPA, mas naquela época veio um plano que era do Estado né.

I - um projeto.

G - incentivando o pessoal a plantar, na região sul aqui que não existia, pra plantar laranjeira pra um futuro fazer uma fábrica de suco. Mas quando nós plantamos isso aqui, aí o cara da Emater que trouxe a tecnologia pra gente plantar ele disse seguinte: essa laranja que vocês vão plantar aqui, ela não dá nem pro consumo da região, só que umas quantas pessoas plantaram, alguns muitos desistiram e deixaram morrer.

I - é, assim a sujeira tomou conta.

G - ai tu me diga pra que nós vamos limpar as laranjeiras se nós não temos pra quem vender?

J – me explica como aconteceu isso?

I - é, aquilo plantaram com essa intenção de pedirem uma fábrica de suco pra cá e coisa e tal, só que depois que foi meio, claro, leva aqueles anos pra aquilo produzir e não vieram mais e aí esse pessoal que é da feira né, já se dedicou com aquela ideia de não, nós vamos vender isso e foi tranquilo e os outros que não viam fábrica, se não tem... ficaram desiludidos e não estavam na feira então, deixaram de lado. Tem alguns que ficaram, que estão vendendo pra supermercado, assim, mas num preço bem mais baixo que o nosso. Só que o mercado não vai bater na tua porta né... bem isso. E isso é uma maneira que então, que também a Sul-ecológica faz por nós, esses produtos que nós não vendemos na feira, que tu tem sobrando vai pra Sul e a Sul dá o destino, vamos dizer.

A opção de novos mercados direciona a produção, define o sistema produtivo. Veja o que coloca o caso E06 em relação a sua opção de produção:

E06: E - e daí na verdade eu me dediquei bastante nessa questão do tomate porque eu vi um mercado bom e o preço é bom do tomate também. E ele é tranquilo de produzir assim dessa forma, não tem mistério e daí esse ano eu quero fazer aqui e provavelmente eu vou ocupar toda essa área aqui, uns 5 mil pés, é bastante... E aí pro inverno que vem, eu quero fazer uma estufa ali ó, por causa também da água.

Os novos mercados são a chave para o desenvolvimento do grupo que se dedica neste momento. São também a chave colocada por Ploeg (2008), para o desenvolvimento rural. Segundo o autor, os novos mercados e novos produtos são criados para enfrentar os grandes mercados, cada vez mais controlados e reestruturados pelos impérios alimentares.

Neste momento, a transição, a mudança que se dispõe a realizar o agricultor, é também um caminho árduo e longo a se percorrer. Por isso, para manter-se motivado o agricultor, deve estar focado no seu objetivo e buscar satisfazer-se com o trabalho. A fala a seguir, demonstra um pouco do significado desta mudança de estilo de agricultura, do fumo para a agricultura ecológica (convencional → não convencional):

E13: I – [...] muitos acho que pensam assim, ah, mas aqueles lá estão com aquela feira, estão trabalhando daquele jeito, mas não aparece muita coisa, vamos dizer de bonito assim, mas no fundo, no fundo a vida que a gente tem... que a gente leva... porque a gente esteve dentro daquele galpão, daquilo ali, é muito diferente, é muito pra melhor bah. Assim porque ah, eu sempre digo eu me senti como se largasse um passarinho da gaiola, porque tu sentar assim desde manhã dentro do galpão escolher fumo até altas horas da manhã, enfardando e escolhendo e manejando, isso é uma cadeia, isso não tem. Olha meus guris mesmo, esses se criaram dormindo em cima das pilhas de fumo, eu botava um colchão e tapava, eu tinha que ter eles por perto.

A alegria e a satisfação desta agricultora ao expressar para a família o significado do novo estilo de vida é resultado da mudança do estilo de agricultura. A mudança ocorreu no padrão técnico de produção, ou seja, a substituição de práticas agrícolas convencionais para práticas agrícolas ecológicas. Não obstante, como se observa, também em outro trecho da fala da agricultora (caso E13, p. 85), ocorre junto à mudança do padrão técnico uma satisfação com o novo trabalho, que levaria ou conduziria a uma nova relação do ser humano, com o meio onde vive. Integrando-se aqui novas formas de se relacionar entre si, através da cooperação mútua, do associativismo que move em nível individual das propriedades uma reestruturação do mundo social, mas também do mundo natural. Uma transição que sustenta a artesanidade⁹ no sistema produtivo, trazendo para o centro, a natureza.

⁹ “Unidade orgânica de trabalho mental e manual que permite o controle direto sobre o processo de produção e seu aperfeiçoamento” (PLOEG, 2008, p. 175).

5.3.3 Terceiro Momento da Agricultura Ecológica em Canguçu

Este momento vai além de uma expansão, ele passa por um reconhecimento, de parte da sociedade. A agricultura ecológica é então reconhecida por alguns grupos de consumidores, que se sensibilizam pelas questões ambientais. Além de ser contemplada nas políticas de desenvolvimento local e regional.

A opção de mercados ligados aos programas governamentais é recebida de maneira positiva por alguns grupos e instituições. O Programa Fome Zero do governo federal tem como pontos positivos inserir o tema da fome, na agenda política do Brasil, além de reforçar a participação e a mobilização da sociedade. Outros programas em nível federal são o Mais Alimento e o já citado PAA.

Para Brandenburg (2002), este processo de institucionalização da agricultura ecológica se realiza segundo as formas e os padrões da produção convencional. Apontando para esta tendência, veja-se como exemplo a fala do caso E11:

E11: J - E como é, poderia me explicar? (falando da mudança de plantio do fumo convencional para fumo orgânico).

A - não, por isso vem o instrutor aí... ele diz, e a gente faz conforme ele diz, tem receitas né. E depois, pra certificar tem outra firma, não é da fumageira mesmo.

Estes agricultores não realizaram cursos de formação para produzir no sistema orgânico, sensibilizaram-se com a questão de saúde e, após receberem a proposta de plantio do fumo orgânico, adotaram o novo “pacote” fornecido pela empresa. Observou-se também que em outra porção desta propriedade, uma parcela foi citada como ecológica/orgânica, pelo plantio de sementes de milho e feijão em parceria com a UNAIC.

Outro caso é o E05, que possui em apenas uma parte de sua propriedade com “o ecológico” produzindo sementes crioulas. A produção de sementes crioulas é parte de um projeto liderado pela UNAIC, em parceria com a Articulação Nacional da Agroecologia (ANA) que tem a função de identificar, valorizar e articular diferentes iniciativas nacionais e garantir o direito dos agricultores ao livre uso da biodiversidade agrícola. Este caso estabelece vínculo comercial forte com suas instituições, no intuito de buscar nichos de mercados, mas normalmente, não participam de maneira ativa. Suas motivações estão ligadas ao econômico

como principal intuito na busca por este estilo de agricultura, sendo que é recorrente que parte de suas terras tenham a produção convencional.

E05: A – ah, fazem 6 anos que nós estamos nisso (fumo). Mais seria porque eu não tinha galpão, aí inventei de pegar um investimento pra financiar um galpão, daí teria que pagar com milho... daí tu já viu né, dificilmente se paga. Seriam 5 anos também pra pagar aí eu peguei e pagaria juros, e esse pelo fumo eu peguei 12mil e não paguei juros... plantei fumo, paguei e ainda sobrou... Hoje eu vejo que não sendo uma comercialização forte, dará isso aí. Só a semente mesmo, é pra consumo [...] e não tem mercado. Se tivesse condições de vende bastante semente cada um, aí seria bom, só que não tem mercado, e hoje se não tem um mercado forte pra outra coisa, é difícil, dificilmente eu sairia do fumo. Não tem como fica aqui plantando milho pra vende a 15 ou 16 reais, não pagam nem a despesa.

As dificuldades causadas pela estagnação dos preços e pelo aumento dos custos na produção de milho é uma das causas da saída em busca de outras alternativas. Na busca por uma melhor margem de lucros, o que se mostra mais atraente em termos financeiros imediatos, é o plantio de tabaco para o estilo de agricultura convencional (industrial). E entre o estilo de agricultura “ecológico” é o plantio de sementes crioulas.

Para Brandenburg (2002), a diferença do segundo para o terceiro momento é o afastamento das instituições governamentais. Este distanciamento é relativo em alguns casos, pois assim como se mantém distanciados de um lado, de outro se agregam. O distanciamento com as instituições governamentais, pode ser entendido como um protesto diante da falta de interesse, de comprometimento, como observa-se na fala a seguir:

E01: C - e tem um outro vizinho aqui perto... ele tem mais de 100ha de mato e ele ta tirando todo, todo mato e vendendo pros fumicultores da volta né, a vizinhança.

J - mato nativo?

C - mato nativo, mato nativo e vou te dizer que o pessoal da fumicultura, aqui... 99% consome lenha de mato. Sim, mato nativo mesmo, lenha nativa... Todas as estufas tem um montinho de lenha de Acácia e de Eucalipto na frente, mas começa e termina a safra com o mesmo montinho na frente. A lenha queimada de fato é lenha de mato nativo. Então, a gente vem cobrando, denunciando isso até no Conselho Municipal Agropecuário, a gente tem tentado fazer uma ação nesse sentido de inibir esse tipo de atitude, cobrar das empresas, que as empresas tenham responsabilidade com a madeira, as fumageiras tem responsabilidade sobre isso e não só o agricultor, porque na verdade né, o agricultor faz aquilo ali pra diminuir os custos de produção pra conseguir agregar mais renda né. Se as fumageiras facilitassem um pouquinho mais essa agregação, a gente poderia cobrar dele não mexer no mato, quer dizer, a fumageira te deu tanto pra ti não mexer no mato, mas ela não assume isso e as autoridades locais não tem né... poder público não tem essa preocupação.

Este caso (E01) é exemplo de que um agricultor pode passar pelos três momentos da agricultura ecológica, assim como de sua presença em Canguçu. A família iniciou seu processo de transição, com o redesenho da propriedade há 17 anos, processo que persiste em alguns espaços até os dias de hoje. Esta escolha tem suas raízes no repertório cultural da família, espírito de liderança e influência da Igreja Católica. O agricultor foi presidente de instituições regionais que visavam a produção ecológica desde os anos de 1990, auxiliando e participando da abertura de feiras na região. Atualmente, possui uma agroindústria familiar em processo de certificação e com grande parte da produção direcionada a programas governamentais.

Avançando na representação da temporalidade na agricultura ecológica em Canguçu, percebe-se a diferença de formas de adoção e mudança entre os casos estudados, com relação ao processo que se via no momento dois. Observe a fala a seguir:

E11: F - pra passar do fumo convencional pro fumo orgânico tem que ter uma terra, mais ou menos 3 anos que não pode ter nada plantado, ou botado adubo, três anos uma terra assim, com capoeira ou coisa assim. Nós usamos uma terra de campo né e é só na enxada tudo, capinar e lavrar assim... [...] a adubação é cama de frango né... só cama de frango, não tem outra adubação. E as outras coisas pra usar pra inseto que tem, mais é fitossanitário, assim umas receitas é, com alho, essas coisas, arruda.

J - e nesse sentido vocês recebem assistência de quem?

F - da empresa, o próprio instrutor de fumo que faz isso; tem um técnico que entende dessas coisas. E no primeiro ano era mais difícil, mas agora de uns anos pra cá nós sabemos como é que tem que fazer e aí é só fazer daquele jeito, tem as receitas e coisas todas... [...] e tá certificado, mas daí é outra empresa que vem pegar uma amostra pra ver se não tem “nada” mesmo.

A transição ou mudança ocorreu no padrão técnico da agricultura. No entrevistado E12 também se observa uma tendência para este terceiro momento, na representação da temporalidade, uma vez que há em seu discurso uma preocupação com as exigências do público consumidor:

E12: G - então assim, por exemplo, um repolho, um tomate.. o pessoal come com os olhos né. Ah tem que ser grande assim né. Não que no ecológico não dá pra produzir, dá pra produzir igual ou até melhor. Até tamanho igual... ou, no mínimo igual.. iguais tamanhos de frutas e... só que tem a questão assim né, quem nem a gente aqui produzia uma parte de um repolho que a gente chegou a produzir desse tamanho assim, enorme vamos dizer assim né?

J - sim

G - a gente disse, ah, vamos vender, na verdade os consumidores são aqueles que, são muita gente que mora na cidade, ou família pequena, e aí o que acontecia,

vendia aquele pequeno e aquele grande não vendia. Claro, hoje tem aquela coisa de facilita as coisas né, então eu pego e corto ele todo ali, vendo cortado e ele chega e guarda na geladeira. Então eu acho que é uma questão também né de ver os consumidores assim né. Em Canguçu, já é um pouco diferente né, em Canguçu tu já tem uma qualidade um pouquinho maior né, já pode mandar os produtos maiores. Então tem essas características né. [...] e agora é pra nós ter a certificação da Rede Ecovida né.

As formas de comercialização passam por uma reorganização, pois agora os produtos passam a ser certificados e identificados. Isto marca uma aproximação com as instituições governamentais, como o mercado incentivado pelo Programa Fome Zero, o Mais Alimento e PAA para a merenda escolar, por exemplo. E esta aproximação é vista como uma oportunidade para a agricultura ecológica nos discursos abaixo:

E04: E - a gente sempre tem venda para os vizinhos aqui, os plantadores de fumo (risos)

J - ah, eles compram aqui então?

E – sim, agora é época de semear, aqui tem rabanete. Mas nós vendemos mais é para o Fome Zero [...] tem espinafre essas coisas assim, teve uma safra de couve que eu vendi até 230 molhos pra Canguçu, no Fome Zero. Agora essa horta, queria te dizer, que tá faltando ajeitar pra produzir bastante pro Fome Zero, mas estamos ajeitando.

E13: “e assim, agora, tem muita coisa boa, tem o Mais Alimento, tem a Merenda Escolar, tem financiamentos, projetos.

Como se pode observar, os três momentos destacados por Brandenburg (2002) destacam-se claramente entre os entrevistados do município de Canguçu. A Figura 7 apresenta a sistematização dos resultados da análise de conteúdo das entrevistas e do diário de campo. Ela possibilitou a organização das informações obtidas através das falas dos agricultores (análises de conteúdo), no referencial teórico desenvolvidas na pesquisa. A sua construção como figura ilustrativa pode ser considerada uma representação fundamental no processo de sistematização dos resultados desta dissertação.

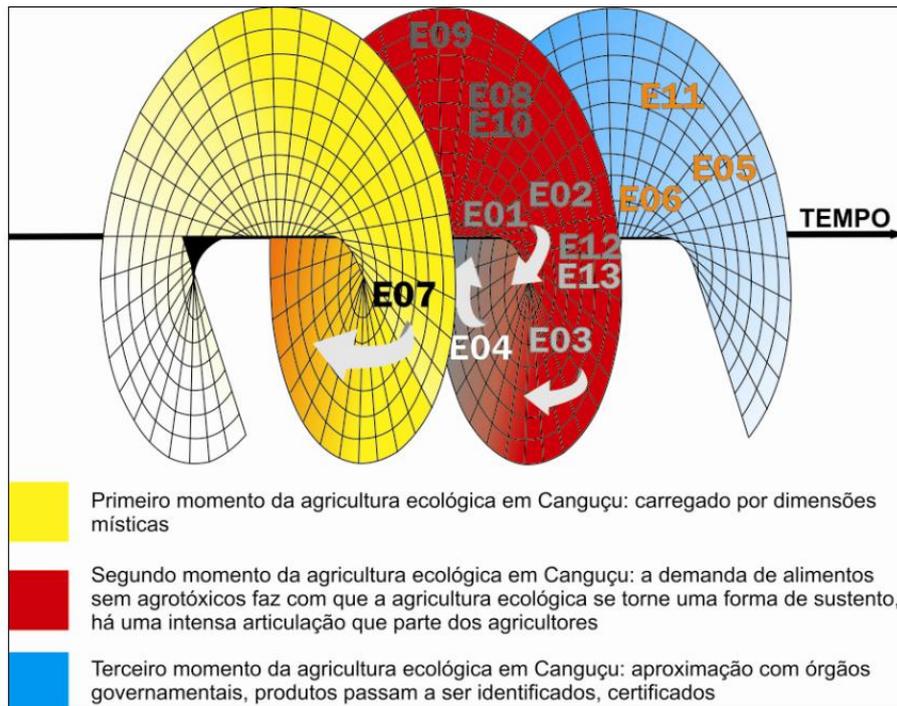


Figura 8: Representação das Vinculações e Práticas dos Produtores Rurais à Temporalidade da Agricultura ecológica em Canguçu/RS

Fonte: Elaborado pela autora

A helicóide dá uma ideia de tempo, em que este não segue uma linearidade, mas que se associa aos ciclos que guiam o funcionamento da vida. No sentido de uma construção, de que cada momento não seria como é, ou foi, sem o caminho que o momento anterior percorreu, a helicóide traça os três momentos da expansão das concepções e práticas ecológicas, no período entre a década de 1940 aos dias de hoje.

A amostra do estudo está representada através do código das entrevistas dispostos sobre os três momentos (diferenciado por cores). As flechas indicam a oscilação que é comum a alguns casos, conforme pode ser observado nas falas citadas ao longo deste capítulo. No entanto, a ausência de uma circulação para alguns dos casos pode ser entendida como um limite das técnicas utilizadas para sua investigação. Na pesquisa qualitativa, a coleta, considerada também uma geração de dados, por mais que tenha uma investigação que siga os mesmos passos e as indagações a cada novo caso, as experiências, o entendimento e até mesmo a disposição de cada entrevistado é diferente. A mistura das cores representa que a transição destes momentos não ocorreu de maneira repentina, mas como mais um processo (uma construção), da mesma forma como se entende a transição como um processo.

Nesta ideia de temporalidade formada por eventos que criam o tempo, como portadores de uma ação presente, passada ou até futura, os eventos não se repetem. Cada ato é diferente do precedente e do seguinte, trata-se de uma singularidade dada por Santos (2002).

Para o autor, “Os eventos são, pois, todos novos. Quando emergem, também estão propondo uma nova história. Não há escapatória” (SANTOS, 2002, p. 145). Esses eventos, também considerados instantes e momentos (mas não obrigatoriamente instantâneos) e são absolutos, daí a sua eficácia e sua irreversibilidade. Se os momentos não se repetem, sequer retornam, então os sujeitos agem em “malhas estreitas”. A ordem cronológica em que os eventos se sucedem uns aos outros permite falar numa ordem que é também quádrupla: a esquerda, a direita, adiante e atrás, que combinadas formam o espaço. Ou seja, uma combinação de eventos, ao mesmo tempo em que cria um fenômeno unitário, se impõe sobre uma área, necessária para sua atuação.

Para Santos (2002) uma análise do mundo que deseje levar em conta os eventos, obriga-se, também, a diferenciá-los. Ordenar o fluxo infinito de acontecimentos não idênticos e um sistema finito de similitudes é uma forma de apreender o universo classificando-o por tipos e categorias. Não obstante, esta apreensão de eventos (históricos) que se realiza nesta pesquisa, supõe a ação humana, por isso, sua classificação é uma classificação das ações humanas, no caso, os agricultores familiares ecológicos de Canguçu.

Santos (acima citado) ainda salienta que um evento, não apenas sucede o outro, como um é a causa do outro e isso tanto se dá com grandes fatores de mudança global, como em níveis inferiores ou episódios “banais”. Por isso, os eventos não podem ser olhados isoladamente, eles podem ser individuais, mas não isolados. E isso estabelece uma interdependência que pode ocorrer em vários níveis. Na era da globalização, os níveis global e local são os mais destacados e conjuntamente, essenciais ao entendimento do mundo e do lugar. “Cada evento é um fruto do mundo e do lugar ao mesmo tempo” (SANTOS, 2002, p.164).

Ainda na análise da relação sociedade-natureza estabeleceram-se pontos diferenciais a partir das relações que, estudadas fazem parte, obrigatoriamente, do processo de análise. Para Raynaut (informação verbal¹⁰) operar de forma a estabelecer um quadro referencial das diferenciações, mostra a possibilidade de organizar uma coleta de dados empíricos e a construção de modelos teóricos. Isto levou o autor à construção de um modelo analítico de realidade distintas, embora estreitamente interligadas: o campo das relações materiais (físicas e biológicas) e não-materiais (simbólicas e sociais). Sendo que entre elas, há uma interface de interações entre os dois campos, uma vez que muitas realidades materiais não podem ser

¹⁰ Conferência **Ideal e material, em busca de novos paradigmas**: o papel da interdisciplinaridade, ministrada por Claude Raynaut, no Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR em março 2006.

analisadas desconsiderando-se que são o resultado da ação dos seres humanos, ou seja, de seus saberes, projetos etc, bem como das suas formas de organização coletiva.

Outro ponto de vista que se pode salientar aqui é o valor dúbio da noção. A consciência ecológica de um agricultor, dono de suas terras a procura de formas de reprodução física e social num ambiente, não vai ser a mesma que aquela de um movimento ambientalista que busca “conservar o bioma Pampa do Rio Grande do Sul”, por exemplo. A diversidade de interpretações, de objetivos dos atores sociais reúnem vários pontos de vista. A própria influência que a legislação ambiental exerce sobre as ações, em função do conhecimento sobre multas, punições, autorizações e licenças necessárias, também faz parte da “tomada de consciência” dos agricultores (embora ainda estejamos muito longe disso).

Nesse sentido, trabalhou-se com um esquema (Figura 9) para representar o que há em comum e de divergente (embora possam ser complementares) entre os agricultores participantes deste estudo.

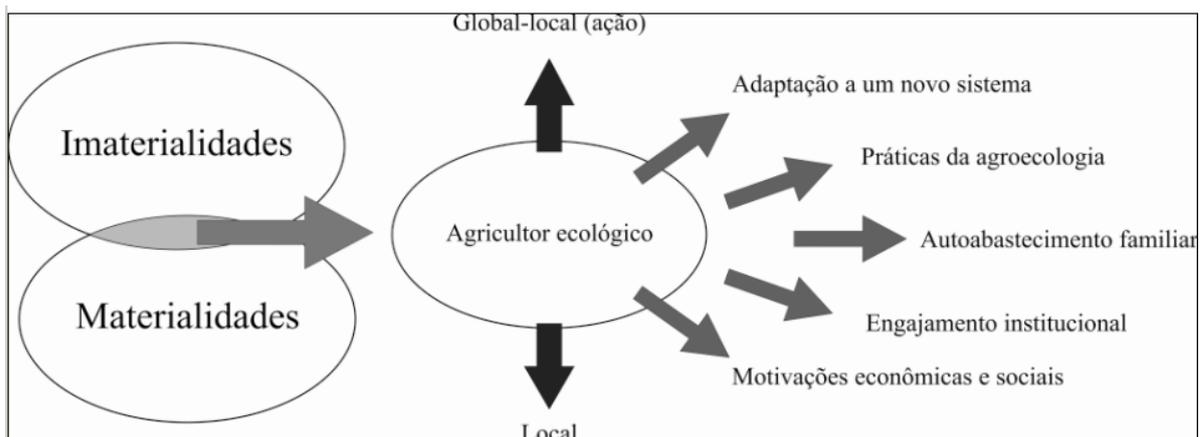


Figura 9: Aspectos Comuns e Divergentes (embora não estáticos) dos Agricultores Ecológicos
Fonte: Elaborado pela autora

Os discursos e falas recorrentes demonstram **materialidades** e **imaterialidades** como dois pólos que distanciaram os agricultores. A imaterialidade se situa nas relações sociais, nos valores, nas ideologias demonstradas a partir de um discurso que atinge diferentes escalas global e local. Reconhecer os problemas ambientais em escala local e global é comum àqueles que falam de imaterialidades, do abstrato. Os agricultores que tem presente em seu discurso a ideologia própria ou dos movimentos os quais participam, estão ligados ao primeiro momento da agricultura ecológica e neles é recorrente a presença de diferentes dimensões no discurso, a econômica, a social, a ambiental e a cultural.

Enquanto que, aqueles que não demonstram questões ideológicas (especialmente ambientais) ligadas a adoção de uma agricultura ecológica, não reconhecem, necessariamente, problemas ambientais nas diferentes escalas, ficando restritos a uma leitura local, que as vezes

não perpassa sua própria propriedade. As motivações nesses casos são econômicas/financeiras e, algumas vezes, em conjunto com as sociais.

Esta parece ser a tendência colocada por Brandenburg (2002), para a agricultura ecológica brasileira, em que, a produção ecológica começa a absorver a lógica organizadora do sistema hegemônico ou do capital. Nos casos em que a única dimensão a estar presente é a econômica, segundo o autor, a produção ecológica começa a diluir-se, pois a racionalidade desta dimensão é única, o capital, o lucro.

O instrumento de pesquisa possibilitou a busca por respostas instigantes como saber se a percepção das condições (potencialidades e limitantes) de solo, relevo, excesso ou falta de água levam a uma reinterpretação da situação de vida dos agricultores. Em outras palavras, buscou-se saber quais são as informações e as estratégias absorvidas e concretizadas em suas práticas como produtores.

Observou-se que nos casos ligados a tendência do primeiro e segundo momento da agricultura ecológica são aqueles que se inserem numa mudança de perspectiva da concepção de natureza que difere da que predomina na sociedade atual. E aqueles que basicamente, aliam-se a mudanças no padrão técnico, estão ligados ao terceiro momento de expansão da agricultura ecológica em Canguçu. Todavia é importante salientar, que conforme se pode observar no decorrer desta análise de dados, a transição é um caminho incompleto, com diferentes direções, permeada por diferentes motivações, percepções e estratégias. Portanto, especialmente entre os momentos dois e três de expansão da agricultura ecológica as diferenças estão cercadas por linhas muito tênues, ou em transformação. Isso significa que, ao mesmo tempo em que certos produtores estão engajados com novas perspectivas na sua relação com a natureza e a sociedade, podem estar abraçados a mudanças dos padrões técnicos.

Para Ploeg (2008), as mudanças da transição (consideradas como o processo de recampesinização) estão, também, reconectando a agricultura com a sociedade, com a natureza e com os interesses e perspectivas dos produtores diretos. No caso da amostra em Canguçu, percebe-se que esta perspectiva deve ser relativizada. Uma vez que a simples mudança no padrão técnico, realizada por alguns agricultores, pouco insere o homem de forma participativa, no novo estilo de conduzir a agricultura. Os exemplos apresentados no terceiro momento sustentam esta ideia. Sobretudo este olhar micro que se propôs esta dissertação, apresenta a diversidade que pode ser encontrada neste estilo de agricultura.

Neste sentido, salienta-se a discussão sustentada por Borba (2002) sobre o processo incompleto de modernização da agricultura e suas potencialidades para a adoção de

agriculturas mais sustentáveis. Segundo o autor, reside nas áreas marginais a modernização, um potencial para o desenvolvimento rural sustentável ambiental, social, cultural e econômico, o que é denominado “outro desenvolvimento”. O que se observa nos agricultores de Canguçu que adotaram, em algum momento, as técnicas da modernização da agricultura, é que o tempo e o trabalho para a transição podem tornar-se um processo longo e com inúmeros impasses¹¹, observe a fala do caso E03:

E03: A – produzir num sistema ecológico, numa área menor a terra vai se reconstruindo, mas numa área maior, numa produção maior tu tem dificuldade porque a terra fica muito desgastada e aí que eu tava te dizendo tu precisa do calcário, da adubação verde e às vezes tu não tem condições financeiras né de recomeçar a reconstruir a terra denovo, do que a gente tirou dela [...] Então esse processo eu acho que ela vai se reconstruindo e com os animais nesse... Porque nesse processo de produção agroecológico, se tu tá numa área maior tu tem dificuldade... eu tinha dificuldade por causa das condições financeiras.

Esta fala demonstra a dificuldade no processo de transição para o ecológico, uma vez que a produção anterior tratava intensivamente o solo, através do plantio de soja e milho, utilizando insumos externos. No entanto, sua percepção de que tais técnicas estavam desgastando o solo, exigindo maiores quantidade de insumos externos, portanto, diminuindo lucros, aliada as suas motivações econômica, social, cultural e ideológica, guiaram-no para uma reconstrução da sua propriedade, acabando por estabelecer uma contra tendência ao que era considerado moderno. Sobretudo, estabelecendo uma nova relação com a sociedade e com os elementos do meio.

Nos casos E10 e E09 a utilização do manejo diferenciado do gado vem recuperando o solo que era tratado intensivamente no sistema de produção convencional de pêssegos da fazenda anteriormente estabelecida. Na fazenda, que possuía 1.600 ha de terra, instalaram-se 57 famílias do MST, restando ainda 600 ha de mata nativa preservada. Estes casos demonstram que percepção do agricultor e o seu repertório cultural são motivadores para a tomada de decisão rumo a transição para estilos de agricultura ecológicos.

O caso E11, um produtor de fumo convencional, utilizava-se também de intensas técnicas da agricultura convencional, mas ao optar pela transição, o “processo” parece não ter tido problemas:

¹¹ Pacífico (2008) discute impasses na transição para a agricultura de base ecológica no estado do Paraná, projeto “Cafê Lerroville”.

E11: J - e pra passar do fumo convencional pro fumo orgânico, como foi esse processo?

F - Ah, tem que ter uma terra, mais ou menos 3 anos que não pode ter nada plantado, ou botado adubo, três anos assim, uma terra assim, com capoeira ou coisa assim. Nós usamos uma terra assim de campo né

J - Não foi na mesma área então? de onde plantavam o químico antes?

F - Não, foi numa terra que por três anos não foi botado nada em cima, nem veneno, nem adubo nem nada. E daí é só na enxada tudo, capinar e lavrar assim...

J - algum tipo de adubação?

F - adubação é cama de frango né... só cama de frango, não tem outra adubação. E as outras coisas pra usar pra inseto que tem, mais é fitossanitário, assim umas receitas o técnico passa.

Este agricultor cultivou fumo convencional por um período de cinco anos, teoricamente se poderia dizer que não se trata de um agricultor potencial para estilos de agricultura não convencionais. A transição para esta nova forma de conduzir a agricultura, no entanto, não esteve carregada de grandes dificuldades. Aqui se acredita que suas motivações (sociais, sobretudo relacionadas à saúde, e econômicas), junto com uma estratégia de conservação que foi adotada (uma vez que o fumicultor havia terras em descanso, pousio) em sua propriedade, fez com que fosse o suficiente para a adoção de um sistema de produção pautado no *orgânico*. Todavia, este caso demonstra que a mudança aconteceu no padrão técnico, isento de mudanças relacionadas à influência externa, como da questão ambiental, tampouco em dedicar-se a novas formas de relação com a sociedade ou com o meio. E o adeus ao estrutural colocado por Ploeg (2008), referindo-se a um distanciamento ao roteiro da agricultura empresarial, parece não ter acontecido (pelo menos total), até mesmo pelo fato de que o agricultor segue com a centralidade da especialização da produção (embora mantenha autoabastecimento familiar).

Já, corroborando com a tese de Borba (2002), no caso E08 pode-se observar um processo de transição (mudança/adoção) de um sistema não convencional facilitado, uma vez que as terras encontravam-se em descanso e pela ideologia do movimento a qual participam:

E08: D - eu não encontrei dificuldade nenhuma aqui. Até mesmo porque a cultura que a gente cultivava lá, quando nós morava em (localidade X) era a mesma coisa [...] e no solo pelo menos eu e meu esposo nessa parte assim.. não! Na produção, assim... no início que a gente não tinha muita experiência do lugar, por causa da distância e tudo, porque a gente queria plantar pra vender, aí depois que caiu a ficha mesmo de que, viu que a distância e o atravessador também pagava pouco pra nós, aí sim a gente teve que planta só pra sobreviver mesmo em cima da propriedade e não pra comercializar.

[...] sim, eles (o MST) incentivam a produção de alimento e sem nada, nada desses venenos, porque é melhor né!

Esta família citou jamais ter utilizado técnicas de uma agricultura convencional, como a utilização de insumos externos (agrotóxicos, adubos químicos), tampouco tiveram a lavoura mecanizada e conferem atualmente, um potencial para a agricultura ecológica, por suas características inerentes ao processo.

Situação e características comuns ao entrevistado E12: “Não era uma terra fraca, era uma terra parada”. Agricultores estes em que se optou por inseri-los no mesmo processo chamado de transição, uma vez que em algum momento de suas vidas, seja como antes da constituição de família própria, da mudança do espaço físico, praticavam um sistema de produção diferente daquele adotado no novo local, conforme se discutiu no referencial desta dissertação.

E nesta perspectiva acomodam-se os demais casos, que de maneira geral, não se tratavam de produtores altamente inseridos no processo de modernização, ou a ele adotaram-se com o objetivo de nele permanecer por pouco tempo. Observe o Quadro 3 a seguir, que sintetiza esta ideia.

Caso Estudado	Sistema de produção anterior	Sistema de produção atual
E01	Fumo convencional; autoabastecimento familiar ¹² .	Frutíferas (para transformação na agroindústria); autoabastecimento familiar;
E02	Fumo convencional; hortaliças e frutas não convencional; autoabastecimento familiar.	Hortaliças e frutas ecológicas; autoabastecimento familiar.
E03	Milho, feijão e soja convencional; autoabastecimento familiar.	Pastoreio Voisin com gado leiteiro; hortaliças (cebola, feijão e beterraba (agro)ecológicos); autoabastecimento familiar.
E04	Autoabastecimento familiar.	Hortaliças ecológicas; autoabastecimento familiar.
E05	Fumo convencional; autoabastecimento familiar.	Fumo convencional; sementes de milho e feijão ecológico; autoabastecimento familiar.
E06	* trabalhador urbano	Autoabastecimento familiar; tomate ecológico.
E07	Frutíferas (pêssego) convencional; autoabastecimento familiar.	Autoabastecimento familiar; tomate (agro)ecológico.
E08	Autoabastecimento familiar.	Autoabastecimento familiar, com grande diversidade de frutíferas.

continua

¹² Autoabastecimento familiar refere-se a sistemas de criação e cultivo visando a subsistência da família, como criação de porcos, gado de corte e leiteiro, de aves como galinhas, patos e perus e, conseqüentemente o alimento deste animais, como o cultivo de milho. Ocorre também o cultivo de feijão, arroz sequeiro, batata, aipim, cebola, frutíferas e hortaliças em geral. Este sistema é baseado em técnicas tradicionais de cultivo, com incorporação de novos manejos a medida que se inserem num novo ideal de sistema de produção, que estabelece relação com a terceira coluna do quadro. Deste resultado, resta o mínimo para se adquirir em mercados.

continuação

Caso Estudado	Sistema de produção anterior	Sistema de produção atual
E09	Autoabastecimento familiar como arrendatários.	Autoabastecimento familiar; sistema de pastoreio Voisin; pêssego (agro)ecológico ¹³ .
E10	Autoabastecimento familiar.	Autoabastecimento familiar; pêssego (agro)ecológico ¹⁴ .
E11	Fumo convencional; autoabastecimento familiar.	Fumo orgânico; sementes de milho e feijão ecológicas; autoabastecimento familiar.
E12	Fumo convencional; autoabastecimento familiar.	Frutas e hortaliças ecológicas; autoabastecimento familiar.
E13	Fumo convencional; autoabastecimento familiar.	Frutas e hortaliças ecológicas; autoabastecimento familiar.

Quadro 3: Síntese dos sistemas de produção do passado e atuais dos estabelecimentos rurais investigados neste estudo

Fonte: Elaborado pela autora a partir da coleta de dados

A partir da observação do Quadro 3 tem-se que o agricultor familiar é, por sua natureza, dotado de uma diversidade de cultivos. Visando o autoabastecimento da família a agricultura familiar concilia diversos sistemas de criação e cultivo, pautados em técnicas que vem do sistema tradicional passado de geração a geração. Com o passar do tempo alguns deles passaram para o novo sistema, configurando o seguinte caminho: tradicional → não convencional. Outro caminho desta mudança também pode ser traçado: o tradicional → convencional → não convencional. A certeza de um autoabastecimento pautado nos princípios do bem estar e qualidade alimentar é o grande motivador para sua permanência nas propriedades. A diversidade de cultivos que vem deste autoabastecimento não só permanece em 100% dos casos, como é um grande motivador para a diversidade de cultivos no sistema por ora adotado.

O bem estar é garantido e citado também pela existência de Reserva Legal nas propriedades. Esta lhes proporciona a qualidade da água, a garantia de recursos naturais que podem ser retirados para seu uso direto ou indireto e até o pelo cumprimento das normas legais antes inexistentes ou desconhecidas.

Com isso, pode-se pensar que em regiões designadas de pobres e estagnadas como Canguçu, também possuem características ambientais, sociais e culturais importantes para constituição de estilos de agricultura ecológica. Contudo que alguns princípios próprios da agricultura familiar, podem ser direcionados para a prática de agroecossistemas mais sustentáveis, como aponta Meirelles (2007), numa perspectiva de que o rural não desaparece,

¹³ Na ocasião que receberam seu lote de terras do INCRA, encontravam-se nas terras lavouras de pêssego convencional; estes assentados tentaram por três anos um manejo (agro)ecológico, mas não obtiveram sucesso, o que os levou a optar pelo corte das plantas que ali se encontravam.

¹⁴ Igual ao caso E09.

mas ressurge com formatos sociais e produtivos diversos, apontando para uma modernidade social com a reapropriação de espaços (BRANDENBURG, 2002).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano pode se relacionar de diversas maneiras com a natureza e com seus semelhantes como um ser social. Na agricultura, através de seus diversos sistemas produtivos, identificam-se uma variedade de expressões. Um sistema baseado no campesinato (construção cotidiana de autonomia), por exemplo, permite a conectividade de fragmentos de natureza, a preservação de saberes diversos, que pode representar uma relação de utilização social dos recursos naturais. Mas os agricultores, limitados no acesso à terra, excluídos de benefícios de políticas públicas e empurrados a condições de limitantes extremos do meio, praticamente marginalizados, são comumente associados ao ciclo de pobreza e degradação ambiental.

Nesse sentido, propõem-se tecer algumas considerações finais, a partir do objetivo geral da dissertação que consiste em identificar e analisar as motivações e as percepções de um grupo de agricultores, inicialmente denominados não convencionais, na condução de seus sistemas produtivos. A opção por um sistema produtivo pautado na negação parcial ou total do denominado “convencional” alcançou diferentes atores sociais do meio rural. Ela perpassa diferentes grupos sociais, desde trabalhadores urbanos, associados a formas de organização coletiva e também aqueles que produzem num contexto de isolamento geográfico e social. Também alcança os agricultores que se dão conta do “aperto” causado pelo aumento dos custos e a estagnação dos preços dos produtos agrícolas.

A transição para estilos de agricultura ecológica por parte de alguns produtores pode ser um processo longo na linha do tempo, quando o agricultor se propõem a alterar e suplantar as condições do meio as quais depende para produzir, ou decorrente de uma pequena parcela de terras que possui. Mas, pode passar por um “processo” menos intenso, quando o agricultor dispõe de novos espaços (parcelas) para iniciar um sistema de produção pautado no ecológico. Ambos os casos não deixam de ser um processo, pois a mudança passa por uma construção, seja no sentido físico ou mental.

O olhar específico a este estilo dado nessa dissertação possibilitou uma leitura sobre as algumas influências externas e internas alcançáveis, bem como as diferentes denominações, práticas e estratégias utilizadas pelos agricultores que nele se encontram.

Os conceitos de percepção e consciência ecológica apresentados no referencial e discutidos ao longo da análise de dados indicaram que, embora os agricultores estejam inseridos no processo de modernização, como a exemplo do cultivo de fumo disseminado no município, o processo que visa à mudança do seu sistema produtivo, pode ter diversos

caminhos. Isso significa que, embora muito próximos de uma agricultura convencional, os agricultores, com suas motivações, percepções e estratégias, eles podem buscar uma agricultura distante do modelo anterior. Destacaram-se nos resultados motivações contrárias, envolvendo os casos em que ocorreram intoxicações com agrotóxicos, contudo também percepções de que técnicas dessa agricultura podem afetar a saúde das pessoas e o meio. Isso se trata de uma “amostra” do que acontece em nível mundial, ou seja, é a partir da percepção dos limites a que o próprio ser humano está imbuído (assim como de que os recursos naturais são finitos), que se alteram algumas práticas produtivas quotidianas nas propriedades. Uma percepção que ocorre em nível de indivíduo, mas nem sempre de maneira isolada. Logo, no discurso de alguns agricultores, encontra-se o contexto de expansão mundial do campo ambiental como fazendo parte da tomada de decisão (ou de consciência) para adoção de uma agricultura ecológica, junto com a proposta de uma nova relação social e sociedade-natureza. Já outros agricultores, encontram-se na ideia de abraçar a nova oportunidade de um nicho de mercado que se apresenta, caracterizando uma mudança no padrão técnico.

Perceberam-se, portanto, as múltiplas “condições de partida”, para o que atualmente é a pauta dos estudos na perspectiva do desenvolvimento rural e dos estilos de agricultura. Seja devido à noção de autonomia, diversidade e/ou sustentabilidade nas unidades familiares ocorrem diferentes estratégias decorrentes das distintas condições e situações formadas. Estas poderão variar também, dependendo da medida em que as estratégias estarão baseadas nas dimensões ambientais, econômicas ou sociais.

Outro importante resultado foi a identificação das distintas denominações, para o que inicialmente era denominado agricultura não convencional. Estas denominações indicaram certas relações ou tendências aos distintos momentos de expansão da agricultura alternativa, ecológica, orgânica. Com base nas características de cada momento, foi possível identificar que existe uma diversidade neste estilo de agricultura e que este muda ao longo do tempo e pelo próprio tempo.

Para alcançar o objetivo de identificar a heterogeneidade destes sistemas produtivos e suas práticas, a seleção da amostra aconteceu pela indicação das entidades e pessoas participantes ou envolvidas no processo de propagação destes estilos de agricultura, mostrando-se eficiente. A análise de conteúdo, a partir da realização das entrevistas semiestruturadas foi um instrumento capaz de trabalhar com os pressupostos teóricos envolvidos. Sem estas, não haveria como aplicar questionários ou realizar uma análise quantitativa em assuntos subjetivos como motivações, percepções, e muito menos a referência de (construção) da consciência ecológica a que se pretendeu esta pesquisa. A análise de

conteúdo foi capaz de mostrar aquilo que poderia passar por oculto ou inexistente numa primeira leitura. Sobretudo a detecção das uniões, articulações e relações entre os assuntos abordados pelos entrevistados, os quais permitiram a indicação de elementos de uma consciência ecológica.

O olhar para as agriculturas marginais que se propôs nesta pesquisa possibilitou a leitura das especificidades deste meio. Canguçu, espaço geográfico desta pesquisa, é considerado um município com índices sociais no meio rural que o caracterizam como um dos mais pobres do estado. Mas esta ausência da “modernização” possibilitou a continuidade de uma artesanidade entre os trabalhadores rurais. Permitiu a permanência de práticas e estratégias que podem ser encaminhadas a novas variações dos estilos de agricultura ecológicos (e porque não dizer mais sustentáveis).

A abordagem dos estilos se mostrou interessante para enfatizar as diferenças entre a agricultura convencional e ecológica, sem a polaridade: “mocinhos” versus “bandidos”. Contudo, porque podem apresentar-se misturados, a exemplo de que não ocorrem rupturas, mas continuidades entre eles. Ela também mostrou-se conjugada a uma análise para se pensar em nível *micro* os diferentes estilos de agriculturas ecológicos (de baixo custo), de como representam e reproduzem a internalização do projeto de modernização e são dependentes da sua continuidade. Enquanto outros demonstram um distanciamento e uma desconstrução do controle do projeto de modernização. Estilos no que tange uma análise dos indivíduos e suas relações com diferentes escalas.

O olhar em nível local permitiu identificar as diferentes tendências e os enfoques que geraram um estilo de agricultura. Os diferentes momentos históricos a que se agregam os agricultores influenciam diretamente nas suas práticas agrícolas, pois cada momento é único no espaço e no tempo.

Embora, a transição seja um processo imprevisível, com diferentes direções em transformação no espaço e no tempo, ela apresenta os (des)caminhos percorridos que, quando estudados nos seus detalhes, indicam potencialidades para além da agricultura tradicional ou convencional. A diversidade de cultivos, própria da agricultura familiar, aliada a percepção de que se pode fazer “diferente”, as influências externas, possivelmente do contexto de expansão do campo ambiental, demonstram possíveis rumos para esta ampliação.

Contudo, mesmo que a transição pareça ser um tanto linear, como um passo depois do outro, o que acontece na prática é uma dialética entre avanços e recuos, em que nem todos os passos, ainda que indicados como degraus crescentes, devem obrigatoriamente ser cumpridos.

Mesmo que o foco seja o da construção de estilos de agricultura sustentáveis, para cada local ou região as condições socioeconômicas, ambientais e culturais podem mudar os parâmetros.

A visão sistêmica adotada na multidisciplinaridade permitiu um olhar do conhecimento como construção da realidade. Isso amplia a visão para aqueles que querem ver o mundo de maneira integrada, não somente linear ou unirracional. Essa foi a proposta desta dissertação, de uma profissional de formação disciplinar em Biologia, que busca expor como é possível o olhar de uma visão de conjunto e articulada de um fenômeno em estudo.

Ainda que se saiba que a sustentabilidade abarca diversas dimensões, os resultados dos processos de transição estudados nessa dissertação, demonstram potencialidades que podem ser trabalhadas para a construção de estilos de agricultura mais sustentáveis. Isto indica a possibilidade de pesquisas futuras, por parte da autora deste estudo, e de outros(as) pesquisadores(as) no sentido de compreender esse potencial, na visão dos diferentes atores locais, para o processo de desenvolvimento rural endógeno no espaço geográfico de Canguçu. Contudo, se a formação de redes entre as diferentes tendências da agricultura ecológica atua no sentido de evitar que mais conflitos surjam, principalmente no contexto atual de limitação no plantio do fumo, que se instala não só neste município, mas em nível nacional e mundial.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia, as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BECKER, Cláudio; CALDAS, Nádia Velleda; SACCO DOS ANJOS, Flávio. Agroecologia, agricultura familiar e cooperação: a experiência da agricultura sul-ecológica. In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO UFPEL, 9, 2007. **Anais...** Pelotas: Editora da UFPel, 2007. p. 1-5.

BORBA, M. F. S. **La marginalidad como potencial para la construccion de “outro” desarrollo: el caso de Santana da Boa Vista, Rio Grande do Sul, Brasil**. 2002. Tesis (Doctorado en Sociologia) – Instituto de Sociologia Y Estudios Campesinos, Universidad de Córdoba, Espana, 2002.

BRANDENBURG, Alfio. **Agricultura familiar, ONGs e desenvolvimento sustentável**. Curitiba: UFPR, 1999.

_____. Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas. **Desenvolvimento e meio ambiente**, Curitiba, n. 6, p.11-28, jul./dez. 2002.

_____. Os novos atores da reconstrução do ambiente rural: o movimento ecológico na agricultura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SBS, 2009. P. 1-16.

BRUMER, Anita et al. A elaboração de projeto de pesquisa em Ciências Sociais. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César A. Barcellos (Org.). **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. P. 125-146.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Análise multidimensional da sustentabilidade; uma proposta metodológica a partir da agroecologia. In: FROEHLICH, José Marcos; DIESEL, Vivien. **Espaço rural e desenvolvimento regional**. Unijuí: [s.n.], 2004. P. 127-148.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da Educação Ambiental no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

COMMANDEUR, Monica. **Styles of pig farming: a techno-sociological inquiry of processes and constructions in Twente and the Achterhoek**. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Animais e Sociologia Rural) -- Wageningen Universiteit, Wageningen (Holanda), 2003.

CANGUÇU. Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural. **Leitura da paisagem do município de Canguçu**. Canguçu: [s.n.], [entre 2000 e 2006].

CANGUÇU. **Plano diretor municipal** (2008). Canguçu: Câmara Municipal de Vereadores, 2008.

CONTERATO, Marcelo Antônio. **Dinâmicas regionais de desenvolvimento rural: e estilos de agricultura familiar: uma análise a partir do Rio Grande do Sul**. 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

CONTERATO, Marcelo Antônio; SCHNEIDER, Sérgio; WAQUIL, Paulo Dabdab. Estilos de agricultura: uma perspectiva para análise da diversidade da agricultura familiar. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 149-186, 2010.

COSTABEBER, José Antônio. **Acción Colectiva y Procesos de Transición Agroecológica en Rio Grande do Sul, Brasil**. 1998. Tese (Doutorado em Agroecologia, Campesinado e Historia) – Universidad de Córdoba, España, 1998.

COSTABEBER, José Antônio; MOYANO, E. E. Transição Agroecológica e Ação Social Coletiva. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 1, n. 4, p.1-13, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.agroecologia.uema.br/publicacoes/CostabebereMoyano.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2008.

COTRIM, Marcelo Souza. **‘Pecuária familiar’ na ‘serra do Sudoeste’ do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a origem e a situação socioagroeconomica do pecuarista familiar do município de Canguçu/RS**. 2003. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CRESWEL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Noel Gomes da et al. **Estudo dos solos do município de Canguçu**. Pelotas: EMBRAPA-CPACT; Ed. UFPEL, 1997. (Documentos).

DAL SOGLIO, Fábio Kessler. A crise ambiental planetária, a agricultura e o desenvolvimento. In: DAL SOGLIO, Fábio Kessler; KUBO, Rumi Regina. **Agricultura e sustentabilidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. P. 13-32.

DAVID, César de. **Estratégias de reprodução familiar em assentamentos**: limites e possibilidades para o desenvolvimento rural em Canguçu, RS. 2005. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

EHLERS, Eduardo. **Agricultura sustentável**: origens e perspectivas de um novo paradigma. São Paulo: Livros da Terra, 1996.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL. **Plano de desenvolvimento estratégico plurianual – 1997/2000**. Canguçu, 2000.

FERREIRA, A. D. D. et al. Resistência e empoderamento no mundo rural. **Estudos Sociais Agrícolas**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 123-159, 2007.

FLEURY, Lorena Cândido. **Cerrado para ser o quê? Representações sociais e conflitos ambientais em torno do Parque Nacional das Emas – Goiás**. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FIALHO, Marco Antonio Verardi. **Rincões de pobreza e desenvolvimento**: interpretações sobre comportamento coletivo. Rio de Janeiro. 2005. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2005.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

FONTOURA, Luiz Fernando Mazzini; VERDUM, Roberto, SILVEIRA, Camila Thomaz da. Análise de sistemas de produção e leitura da paisagem. SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 9, 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Inprinta Express Gráfica e Editora, 2003. p. 1-10.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel et al. A construção e a utilização do diário de campo em pesquisas científicas. **International Journal of Qualitative Methods**. [S.l.]: [s.n.], 2005.

GERHARDT, Cleyton Henrique. **Agricultores familiares, mediadores sociais e meio ambiente**: a construção da “problemática ambiental” em agro-eco-sistemas. Dissertação

(Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2002.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Geo-grafías**: movimientos sociales, nuevas territorialidades y sustentabilidad. México: Siglo XXI, 2001.

SILVA, José Graziano da. **A modernização conservadora**: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla. Origem, evolução e perspectivas do desenvolvimento sustentável. In: ALMEIDA, Jalcione; NAVARRO, Zander. **Reconstruindo a agricultura**: ideias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998. P. 19-32.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

HEIDRICH, Álvaro. Luiz. Territorialidades de inclusão e exclusão social. In: REGO, N.; MOLL, J.; AIGNER, C. (Org.). **Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. P. 21-44.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 fev. 2010.

_____. **Censo Agropecuário**. 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 02 set. 2009.

_____. **Sidra**. 2002; 2004. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 05 maio 2010.

LIMA, Sérgio Ferraz de. **Relação entre desenvolvimento e meio ambiente**: a incorporação da questão ambiental no processo de desenvolvimento. Curitiba. 2003. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, 2003.

MAIA, Cláudio Machado. Percepções que permeiam o conceito de agricultura familiar e a cronologia da luta pela sustentabilidade: panorama nacional e internacional. 75-96. In: DAL SOGLIO, Fábio Kessler; KUBO, Rumi Regina. **Agricultura e sustentabilidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. P. 75-96.

MARQUES, Flávia Charão. Aprendizagem e inovação: as várias faces do trabalho de produtores de plantas medicinais no Sul do Brasil. **Agriculturas: experiências em agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 27-33, out. 2009.

MEIRELLES, L. **Agricultura ecológica e agricultura familiar**. [S.l]: Centro Ecológico de Ipê, 2007. Disponível em: <<http://www.centroecologico.org.br/artigos.php>>. Acesso em: 29 jul. 2009.

MIGUEL, Lovois de Andrade. **Dinâmica e diferenciação de sistemas agrários**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

MIOR, Luiz Carlos. Desenvolvimento rural: a contribuição da abordagem das redes sociais e sociotécnicas. 273-298. In: SCHNEIDER, Sérgio (Org.). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. P. 273-298.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo – 2: necrose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

_____. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **O pensamento complexo e a ecologia da ação**. Entrevistador: Marcelo Fiorini. Entrevista concedida em 14 de março de 2007. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=5694>. Acesso em: 07 fev. 2011.

NAVARRO, Zander. Democracia, cidadania e representação: os movimentos sociais rurais no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, 1978-1990. In: NAVARRO, Zander. **Política, protesto e cidadania no campo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996. P. 62-105.

NESKE, Márcio Zamboni. **Estilos de agricultura e dinâmicas locais de desenvolvimento: o caso da pecuária familiar do território Alto Camaquã do Rio Grande do Sul**. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NIEDERLE, Paulo André. **Mercantilização, estilos de agricultura e estratégias reprodutivas dos agricultores familiares de Salvador das Missões, RS**. 2007. Dissertação

(Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ODUM, Eugene. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Koogan, 1983.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO; INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (FAO/INCRA). **Diretrizes de política agrária e desenvolvimento sustentável**. Brasília: FAO, 1994. Versão resumida do relatório final do projeto UTF/BRA/036.

PACÍFICO, Daniela Aparecida. **Impasses na transição para uma agricultura de base ecológica: o Projeto Café de Lerroville – PR**. 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PETERSEN, Paulo; ALMEIDA, Silvio Gomes. **Rincões transformadores: trajetória e desafios do movimento agroecológico brasileiro**. 2006. Disponível em: <<http://www.coptec.org.br/biblioteca/Agroecologia/index.html>>. Acesso em: 02 mar. 2011.

PINHEIRO, Patrícia dos Santos. **Saberes, plantas e caldas: a rede sóciotécnica de produção agrícola de base ecológica do sul do Rio Grande do Sul**. 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PLOEG, Jan Douwe van der. Styles of farming: an introductory note on concepts and methodology. In: PLOEG, Jan Douwe Van Der; LONG, N. **Born from within: practices and perspectives of endogenous rural development**. Assen: Van Gorcum, 1994. P. 7-30.

_____. From structural development to structural involution: the impact of new development in Dutch agriculture. In: PLOEG, J. D. van der; DIJK, G. van. (Org.). **Beyond modernization: the impact of endogenous development**. Assen: Van Gorcum, 1995. P. 109-145.

_____. **The virtual farmer: past, present and future of the Dutch peasantry**. Assen: Van Gorcum, 2003.

_____. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

PLOEG, Jan Douwe van der; RENTING, Henk. Impact and potential: a comparative review of European Rural development practices. 2000. **Sociologia Ruralis**, Wageningen, v. 40, n. 4, oct. 2000.

PLOEG, Jan Douwe van der et al. Rural Development: form practices and policies towards theory. **Sociologia Ruralis**, Wageningen, v. 40, n. 4, p. 391-407, 2000.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Coordenação e Planejamento. **Atlas socioeconômico**. 2004. Disponível em: <<http://www.seplag.rs.gov.br>>. Acesso em: 27 dez. 2009.

RUSZCZYK, João Carlos. **Agricultura familiar e de base ecológica, transições e estratégias de reprodução**: redefinições e permanências nos olericultores de Rio Branco do Sul/PR. 2007. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza; RODRIGUEZ, César. Um mapa de alternativas de produção. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **Produzir para viver**: os caminhos da produção não capitalista. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. P. 23-53.

SANTOS, Milton. O tempo (os eventos) e o espaço. In: SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo: razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002. P. 145-168. (Coleção Milton Santos, n. 1).

SCHMITT, Claudia Job. **Transição para a agroecologia na região Sul**. 2010. Disponível em: <http://www.encontroagroecologia.org.br/files/Transicao_Sul.rtf>. Acesso em: 27 abr. 2010.

SCHNEIDER, Sérgio. **Agricultura familiar e pluriatividade**. 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SCHNEIDER, Sérgio; NIEDERLE, Paulo André. Agricultura familiar e teoria social: a diversidade das formas familiares e produção na agricultura. In: FALEIRO, Fábio Gelape; FARIAS NETO, Austeclínio Lopes de. (Org.). **Savanas**: desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2008. P. 989-1014.

SOUZA, Juliana Marques de. **Percepção ambiental dos citricultores ecológicos da Cooperativa Ecocitrus**. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo sobre percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1974.

VERDUM, Roberto. Diversidade e conflitos ambientais no Brasil. **L'Ordinaire Mexique Amerique Centrale**, Toulouse, v. 1, n. 200-201, p. 71-78, 2005.

VERDUM, Roberto; FONTOURA, Luiz Fernando Mazzini. **Temáticas rurais**: do local ao regional. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

VIEIRA, Valmir. **Município de Canguçu**: o relevo e sua morfodinâmica pode conduzir a uma situação de dinamismo ou estagnação dos sistemas de cultivo? 2010. Projeto de qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALMEIDA, Jalcione. **A construção social de uma nova agricultura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. P. 84-91.
- BOLFE, Edson Luís et al. Uso, ocupação das terras e banco de dados geográficos da metade sul do Rio Grande do Sul. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 39, n.6, p. 1729-1737, set. 2009.
- DAL SOGLIO, Fábio Kessler; LEMOS, Valéria Dias da Costa. Desenvolvimento Rural no Brasil: uma visão ecológica e a interação com ensino e pesquisa. In: WORKSHOP INTERNACIONAL: POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO RURAL: PERCEPÇÕES E PERSPECTIVAS NO BRASIL E EM MOÇAMBIQUE, 2006, Maputo. **Trabalhos apresentados...** Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2006. p. 1-13.
- DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 1993.
- FERRY, Luc. **A nova ordem ecológica: a árvore, o animal, o homem**. São Paulo: Ensaio, 1994.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- MANTOVANI, Waldir. Relação homem e natureza: raízes do conflito. **Gaia Scientia**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 03-09, 2009.
- RANGEL, Mário Luiz. **A percepção sobre a água na paisagem urbana: Bacia Hidrográfica da barragem mãe d'água – Região Metropolitana de Porto Alegre, RS**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- RENTING, H.; MARSDEN, T.; BANKS, J. Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development. **Environment and Planning A**, Wageningen, n. 35, p. 393-411, 2002.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Meio ambiente e dinâmicas de inovações na agricultura**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 1998.

SCOTT, James. C. Formas cotidianas de resistência camponesa. **Raízes**, Campina Grande, v. 21, n. 1, p. 10-31, jan./ jun. 2002.

TOLEDO, Vitor M. La racionalidad ecológica de la producción campesina. In: SEVILLA GUZMÁN, E.; GONZÁLEZ DE MOLINA, M. **Ecología, campesinado e historia**. Madrid: La Piqueta, 1993. P. 197-218.

APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Entrevista semiestruturada a ser realizada com técnicos da EMATER, funcionários da Prefeitura, técnicos da ARPASUL, SUL-ECOLÓGICA e UNAIC, CRESOL, CREHNOR.

Parte 1: Identificação.

1.1 – Nome: _____ Idade: ____ Sexo: ()M ()F

1.2 – Entidade que trabalha: _____ há quantos anos? _____

1.3 - Local de nascimento: _____

1.4 – Inserção local:

() residente (nativo), tempo de residência (_____)

() trabalhador local

() eventual

1.5 – Nível de instrução:

() sem instrução formal

() básico

() médio

() superior

1.6 – Profissão: _____

Parte 2: Questões centrais de investigação.

1. Há quanto tempo iniciou a produção não convencional em Canguçu?

Houve apoio de entidades? () sim () não

Especificar: _____

2. Em quais localidades encontram-se esses agricultores no espaço de Canguçu?

3. Em sua opinião, o que levou os agricultores a realizar a transição para sistemas não convencionais? Há algo que influencie diretamente nessa opção?

4. Quais as motivações principais que determinam a transição?

5. Quais são as suas origens?

() Portuguesa/Açoriana

() Alemães (pomerânos)

() Poloneses

() outros, especificar: _____

6. Vínculos com formas de associação e cooperação?

() sim () não

Especificar quais: _____

7. Identificam-se características específicas que os associa (em comum)?

8. Como esses agricultores se denominam?

() orgânicos

() ecológicos

() agroecológicos

() alternativos

() não convencionais

() outros, especificar: _____

9. Os agricultores percebem limites impostos pelo meio, como: a qualidade do solo, a falta ou excesso de água, a adaptação das plantas, como capazes de tornar-se motivadoras de suas atitudes?

Data: __/__/__

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Entrevista Nº: _____	Família: _____
Data: __/__/____	Localidade: _____
	Município: _____

1. Nome (família): _____
2. Faixa etária
 15-20 21-30 31-40 41-50 51-60 mais de 61
3. Estado civil casado(a) solteiro(a) viúvo(a) outro: _____
4. Tempo de residência no local: _____
5. Ascendência da família: _____
6. Casa onde reside:
 Qualidade: boa razoável ruim
 Propriedade própria alugada do proprietário da terra
 Quantas pessoas residem na casa: ? _____
7. Presença de energia elétrica: Sim Não
8. Presença de água encanada: Sim Não
9. Rede de esgoto: Sim Não
10. Coleta de lixo: Sim Não
11. Principal atividade (profissão): _____
 11.1 Exerce na propriedade: Sim Não
12. Nível de escolaridade:
 básico médio superior
13. Tem religião: Não Sim Qual? _____
14. Tamanho da propriedade: _____
15. Há fontes de água na sua propriedade: Sim Não
 15.1 A água que abastece a residência é a mesma que abastece a plantação? De onde ela vem?

16. Tens vínculo com alguma Associação, cooperativa, ONG: () Sim () Não

() UNAIC () ARPA-SUL

() Sul- Ecológica () COOPAR

() CAPA () Outras: _____

16.1 Há quanto tempo está vinculado:? _____

16.2 Ou há quanto tempo permaneceu:? _____

17. Que papel desempenha na instituição que participa? Como participa?

18. Recebem a visita de técnicos: () Sim () Não

18.1 Com que frequência:? _____

19. Quanto ao sistema de produção da propriedade, qual o sistema que você utiliza?

20. Quais os produtos que você cultiva? (principais)

21. E como você se denomina (identifica)?

22. Contem-me sobre as principais estratégias produtivas que tiveste que adotar, ou que vens adotando, para chegar ao sistema de produção atual?

INSUMOS. quais? frequência?

SOLO (limites e potencialidades para a produção)

RELEVO

ÁGUA

23. Como avalias teu grau de envolvimento e adesão à agricultura ecológica?

25. Atualmente, qual o fator que mais o motiva para continuar produzindo desta maneira? (apenas um, ou observar o primeiro citado)

26. Você participou de alguma atividade de formação profissional para poder adotar/praticar novas estratégias de produção ecológica?

27. Alguma vez pensou ou adotou técnicas de um sistema de produção convencional? Se sim, por quê? Ou não adotou e por quê? (evidenciar motivações contrárias a agricultura ecológica)

28. Quais as pretensões para o próximo ano, com relação a produção, propriedade e família?

29. Para você quais seriam as principais tendências do mercado com relação a sua atividade, a sua produção? (buscar evidenciar preocupação com isso)

30. De onde vem o alimento que a família consome? _____

31.1 É suficiente para a demanda do consumo da família?

31.2 Há consumo eventual de animais silvestres: () Sim () Não

31.3 Qual a origem desses animais?: _____

32. A área de mato nativo é utilizada de alguma maneira?

33. Há reserva legal na sua propriedade: () Sim () Não

34. Existem problemas ambientais na sua área agrícola e entorno? Quais são? (Listar)

35. Na sua opinião, esses problemas poderiam ser diminuídos com a sua participação?

36. Na sua opinião, existem problemas ambientais que podem ser resolvidos com a sua participação e a das pessoas em geral?

() Não () Sim Como:?(identificar visão sistêmica) () Não sabe

APÊNDICE C – ROTEIRO PREPARATÓRIO DA ENTREVISTA

- Antes da entrevista verificar se houve indicação por parte de alguma entidade ou agricultor, ou até mesmo uma conversa informal anterior.
- Verificar funcionamento do gravador (mp3)
- Estar com roteiro da entrevista semiestruturada em branco
- Disponibilidade da máquina fotográfica
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- Esclarecer pesquisa e autoria
- Observar como o agricultor identificou-se com relação a sua condição social e de auto-denominação
- Atentar para a hierarquia espacial e temporal do entrevistado
- Observar idealização, recuperar passado
- Relação passado/presente

Observações em campo:

- Presença de resíduos sólidos na propriedade
- Certa coerência entre discurso e prática
- Localização das benfeitorias

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Pesquisadora Mestranda: Joana Cicconeto
Contatos: (51) 9642-2453 e-mail: jocicconeto@gmail.com
Av. João Pessoa, 31 – 90040.000 – Porto Alegre – (51) 3308.3884
Professor orientador: Dr. Roberto Verdum

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Como pesquisadora deste projeto, convido o(a) para participar de uma entrevista a ser gravada em áudio, estimando que a duração seja em torno de 30 à 40 min. O objetivo da pesquisa é identificar as estratégias produtivas dos agricultores não convencionais do município de Canguçu.

Esta iniciativa faz parte da elaboração de dissertação que é um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A entrevista só começará a ser gravada a partir do seu consentimento. Confirmando o caráter confidencial da entrevista e o compromisso de preservar o seu anonimato quanto às informações concedidas. Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir sem qualquer prejuízo na sua relação com a pesquisadora ou a instituição, solicitando que seu relato seja descartado.

Coloco-me a disposição, deixando cópia deste termo, para possíveis contatos e/ou esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários, mesmo após a entrevista, cujas formas de contato constam acima.

Local/data

Joana Cicconeto

Entrevistado

ANEXO A - RELATÓRIO GERADO A PARTIR DO SOFTWARE NVIVO 8.0

Node Summary Report

Project: Dissertação Joana

Generated: 28/3/2011 0:23

Cases\E01 Case

Created On 3/9/2010 21:10 **By** RI
Modified On 27/9/2010 15:31 **By** RI
Users 1
Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	7069	393			0

Cases\E02 Case

Created On 3/9/2010 21:10 **By** RI
Modified On 27/9/2010 15:48 **By** RI
Users 1
Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	4448	295			0

Cases\E03 Case

Created On 3/9/2010 21:10 **By** RI
Modified On 27/9/2010 15:55 **By** RI
Users 1
Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	9020	425			0

Cases\E04 Case

Created On 3/9/2010 21:09 **By** RI
Modified On 27/9/2010 16:51 **By** RI
Users 1
Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	5427	288			0

Cases\E05 **Case**

Created On 3/9/2010 21:09 **By** RI
Modified On 8/9/2010 14:48 **By** RI
Users 1
Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	2922	194			0

Cases\E06 **Case**

Created On 3/9/2010 21:09 **By** RI
Modified On 27/9/2010 17:06 **By** RI
Users 1
Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	3618	268			0

Cases\E07 **Case**

Created On 3/9/2010 21:09 **By** RI
Modified On 27/9/2010 17:32 **By** RI
Users 1
Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	5017	172			0

Cases\E08 **Case**

Created On 3/9/2010 21:09 **By** RI
Modified On 27/9/2010 17:42 **By** RI
Users 1
Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	3337	250			0

Cases\E09 **Case**

Created On 3/9/2010 21:09 **By** RI
Modified On 27/9/2010 19:36 **By** RI
Users 1
Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	9379	561			0

Cases\E10							Case
Created On	3/9/2010 21:09	By	RI				
Modified On	27/9/2010 19:52	By	RI				
Users	1						
Cases	0						
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	8567	513			0

Cases\E11							Case
Created On	3/9/2010 21:09	By	RI				
Modified On	27/9/2010 20:00	By	RI				
Users	1						
Cases	0						
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	4516	374			0

Cases\E12							Case
Created On	3/9/2010 21:09	By	RI				
Modified On	27/9/2010 20:13	By	RI				
Users	1						
Cases	0						
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	6219	457			0

Cases\E13							Case
Created On	3/9/2010 21:10	By	RI				
Modified On	27/9/2010 20:39	By	RI				
Users	1						
Cases	0						
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	1	9417	514			0

Free Nodes\Biológicos							Free Node
Description	Presença de vida, microrganismos no solo, plantas espontâneas (bioindicadoras)						
Created On	27/9/2010 15:11	By	RI				
Modified On	27/9/2010 20:30	By	RI				
Users	1						
Cases	8						
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	8	19	569	19			0

Free Nodes\Física							Free Node
Description	Textura e estrutura do solo						
Created On	27/9/2010 15:11		By	RI			
Modified On	27/9/2010 20:05		By	RI			
Users	1						
Cases	8						
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	8	23	859	28			0

Free Nodes\Indicadores de percepção							Free Node
Created On	28/9/2010 8:33		By	RI			
Modified On	28/9/2010 8:33		By	RI			
Users	0						
Cases	0						
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total			0	0		00:00:00	0

Free Nodes\Morfológica							Free Node
Description	erosão						
Created On	27/9/2010 15:11		By	RI			
Modified On	27/9/2010 20:39		By	RI			
Users	1						
Cases	6						
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	6	19	781	22			0

Free Nodes\Químicos							Free Node
Description	Matéria orgânica e nutrientes						
Created On	27/9/2010 15:11		By	RI			
Modified On	27/9/2010 20:42		By	RI			
Users	1						
Cases	13						
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	13	43	1363	47			0

Tree Nodes\1. Meio: limites e potencialidades da produção agrícola **Tree Node**

Created On 1/1/2000 0:40 **By** RI
Modified On 1/1/2000 1:11 **By** RI
Users 0
Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total			0	0		00:00:00	0

Tree Nodes\2. Fins para a produção agrícola **Tree Node**

Created On 1/1/2000 0:41 **By** RI
Modified On 1/1/2000 1:11 **By** RI
Users 0
Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total			0	0		00:00:00	0

Tree Nodes\3. Transformação da produção agrícola **Tree Node**

Created On 1/1/2000 0:41 **By** RI
Modified On 27/9/2010 14:27 **By** RI
Users 0
Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total			0	0		00:00:00	0

Tree Nodes\4. Formação **Tree Node**

Created On 1/1/2000 0:42 **By** RI
Modified On 1/1/2000 1:11 **By** RI
Users 0
Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total			0	0		00:00:00	0

Tree Nodes\5. Vínculos comunitários ou institucionais **Tree Node**

Created On 1/1/2000 0:42 **By** RI
Modified On 1/1/2000 1:12 **By** RI
Users 0
Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total			0	0		00:00:00	0

Tree Nodes\6. Conservação do meio e da saúde humana **Tree Node**

Created On 1/1/2000 0:42 **By** RI
Modified On 1/1/2000 1:11 **By** RI
Users 0
Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total			0	0		00:00:00	0

Tree Nodes\2. Fins para a produção agrícola\Adaptação ao convencional (2) **Tree Node**

Description De acordo com a necessidade utilizam-se de algumas práticas do sistema convencional

Created On 1/1/2000 1:20 **By** RI
Modified On 27/9/2010 19:25 **By** RI
Users 1
Cases 4

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	4	6	395	18			0

Tree Nodes\2. Fins para a produção agrícola\Adaptação ao Convencional **Tree Node**

Created On 1/1/2000 0:50 **By** RI
Modified On 27/9/2010 19:25 **By** RI
Users 1
Cases 3

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	4	265	16			0

Tree Nodes\1. Meio limites e potencialidades da produção agrícola\Adaptação entre meio e **Tree Node**

Description Entrevistados que demonstram a adaptação dos cultivos às condições do meio, significando um reconhecimento das potencialidades, conhecimento colocado em prática.

Created On 1/1/2000 0:57 **By** RI
Modified On 27/9/2010 19:54 **By** RI
Users 1
Cases 11

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	11	36	4101	176			0

Tree Nodes\2. Fins para a produção agrícola\Agricultura de subsistência **Tree Node**

Description Nesta categoria estarão associados os entrevistados que buscam produzir de maneira não convencional pelo fato essencial de que sua produção é voltada a subsistência (auto-consumo familiar).

Created On 1/1/2000 0:58 **By** RI

Modified On 27/9/2010 19:54 **By** RI

Users 1

Cases 8

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	8	11	442	24			0

Tree Nodes\2. Fins para a produção agrícola\Agrofloresta **Tree Node**

Description Nesta categoria estarão associados todos os agricultores que possuem agrofloresta ou estão em fase de implantação

Created On 1/1/2000 1:16 **By** RI

Modified On 27/9/2010 9:42 **By** RI

Users 1

Cases 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	4	205	9			0

Tree Nodes\3. Transformação da produção agrícola\agroindústria **Tree Node**

Description Presença de agroindústria demonstra agregação de valor, busca mercado diferenciado

Created On 1/1/2000 1:00 **By** RI

Modified On 1/1/2000 1:00 **By** RI

Users 0

Cases 0

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total			0	0		00:00:00	0

Tree Nodes\4. Formação\Assistência técnica **Tree Node**

Description Agricultores que recebem assistência técnica

Created On 1/1/2000 1:17 **By** RI

Modified On 27/9/2010 20:35 **By** RI

Users 1

Cases 13

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	13	21	1407	76			0

Tree Nodes\2. Fins para a produção agrícola\Busca pela autonomia **Tree Node****Description** Fazem o cálculo do custo de produção e valor recebido**Created On** 27/9/2010 10:45 **By** RI**Modified On** 27/9/2010 15:32 **By** RI**Users** 1**Cases** 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	3	153	6			0

Tree Nodes\6. Conservação do meio e da saúde humana\Conservação e preservação **Tree Node****Description** Entrevistados que demonstrarem preocupações quanto a proteção e conservação ambiental**Created On** 1/1/2000 1:13 **By** RI**Modified On** 27/9/2010 20:39 **By** RI**Users** 1**Cases** 4

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	4	7	387	16			0

Tree Nodes\6. Conservação do meio e da saúde humana\Contracultura **Tree Node****Description** Discurso contrário a RV**Created On** 1/1/2000 1:13 **By** RI**Modified On** 27/9/2010 20:39 **By** RI**Users** 1**Cases** 7

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	7	16	1931	53			0

Tree Nodes\4. Formação\Cursos **Tree Node****Description** Agricultores que participaram de cursos de formação, adquiriram conhecimento e hoje praticam em seus sistemas produtivos.**Created On** 1/1/2000 0:53 **By** RI**Modified On** 27/9/2010 20:39 **By** RI**Users** 1**Cases** 9

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	9	12	998	31			0

Tree Nodes\4. Formação\Educação							Tree Node
Description	Entrevistados que reconhecem a importância da educação demonstrando relação entre seus discursos						
Created On	1/1/2000 1:18	By	RI				
Modified On	27/9/2010 20:13	By	RI				
Users	1						
Cases	4						
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	4	6	833	17			0

Tree Nodes\6. Conservação do meio e da saúde humana\Estratégias de conservação e							Tree Node
Created On	1/1/2000 1:13	By	RI				
Modified On	27/9/2010 20:39	By	RI				
Users	1						
Cases	8						
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	8	13	1144	48			0

Tree Nodes\2. Fins para a produção agrícola\feiras							Tree Node
Description	Feiras ecológicas, orgânicas, etc, que tem venda direta ao consumidor, produto agrega maior valor						
Created On	1/1/2000 0:59	By	RI				
Modified On	27/9/2010 19:25	By	RI				
Users	1						
Cases	3						
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	9	982	54			0

Tree Nodes\2. Fins para a produção agrícola\Financeiro							Tree Node
Description	Produção de base ecológica que busca valorização do produto com o intuito de buscar maior renda; agricultores incitados pela necessidade de fazer dinheiro						
Created On	1/1/2000 0:59	By	RI				
Modified On	27/9/2010 20:00	By	RI				
Users	1						
Cases	7						
Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	7	18	1383	62			0

Tree Nodes\6. Conservação do meio e da saúde humana\Global-local ação **Tree Node**

Description Agricultores que além do reconhecimento das escalas de problemas ambientais atuam de maneira intervencionistas

Created On 1/1/2000 1:14 **By** RI

Modified On 27/9/2010 19:52 **By** RI

Users 1

Cases 7

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	7	7	719	28			0

Tree Nodes\6. Conservação do meio e da saúde humana\global-local **Tree Node**

Description Reconhecimento de no mínimo duas escalas de problemas ambientais e as relações. Consciência da artificialização dos processos biológicos

Created On 1/1/2000 1:14 **By** RI

Modified On 27/9/2010 19:52 **By** RI

Users 1

Cases 8

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	8	14	1945	58			0

Tree Nodes\6. Conservação do meio e da saúde humana\Influência da invenção do ecológico **Tree Node**

Created On 1/1/2000 1:14 **By** RI

Modified On 27/9/2010 15:55 **By** RI

Users 1

Cases 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	4	415	14			0

Tree Nodes\6. Conservação do meio e da saúde humana\local **Tree Node**

Description Isolamento; não há reconhecimento de problemas ambientais

Created On 1/1/2000 1:14 **By** RI

Modified On 27/9/2010 20:00 **By** RI

Users 1

Cases 3

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	3	321	18			0

Tree Nodes\6. Conservação do meio e da saúde humana\Mercantilização da natureza **Tree Node**

Description Estratégias de conservação que visam diretamente o lucro; os elementos do meio como uma mercadoria a ser comercializada

Created On 27/9/2010 9:13 **By** RI

Modified On 27/9/2010 20:00 **By** RI

Users 1

Cases 1

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	1	2	91	2			0

Tree Nodes\2. Fins para a produção agrícola\Novos manejos **Tree Node**

Description Entrevistados que mantêm seus sistemas de produção com uma mudança no manejo para adaptação ao não-convencional

Created On 1/1/2000 1:00 **By** RI

Modified On 27/9/2010 20:39 **By** RI

Users 1

Cases 7

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	7	17	1394	53			0

Tree Nodes\3. Transformação da produção agrícola\novos mercados **Tree Node**

Description Abertura de novos mercados, denominações diversas: ecológico, orgânico, agroecológico, alternativo, etc

Created On 1/1/2000 1:01 **By** RI

Modified On 27/9/2010 20:39 **By** RI

Users 1

Cases 9

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	9	19	1531	70			0

Tree Nodes\1. Meio limites e potencialidades da produção agrícola\percepção - alteração das **Tree Node**

Description Entrevistados que passaram por uma mudança de sistema de produção - transição. demonstrando em seu discurso e prática a superação dos limites impostos pelo meio para a produção agrícola

Created On 1/1/2000 0:57 **By** RI

Modified On 27/9/2010 20:39 **By** RI

Users 1

Cases 12

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	12	41	4524	177			0

Tree Nodes\6. Conservação do meio e da saúde humana\Práticas da agroecologia **Tree Node**

Description Aqui estarão associados todos os entrevistados que demonstraram utilizar práticas próprias da agroecologia, como caldas, dessecantes naturais, ureia natural, biofertilizantes, compostagem e receitas diversas por eles citadas.

Created On 1/1/2000 1:15 **By** RI

Modified On 27/9/2010 20:39 **By** RI

Users 1

Cases 10

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	10	34	2742	117			0

Tree Nodes\2. Fins para a produção agrícola\produto certificado **Tree Node**

Description Entrevistados que buscam certificação de seus produtos; produtos voltados a exportação

Created On 1/1/2000 1:00 **By** RI

Modified On 27/9/2010 19:54 **By** RI

Users 1

Cases 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	3	164	13			0

Tree Nodes\5. Vínculos comunitários ou institucionais\Religião **Tree Node**

Description Entrevistados que encontraram apoio e influência de suas religiões

Created On 1/1/2000 1:13 **By** RI

Modified On 27/9/2010 17:32 **By** RI

Users 1

Cases 2

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	2	4	297	12			0

Tree Nodes\2. Fins para a produção agrícola\Renda Mensal **Tree Node**

Description Nesta categoria estarão associados todos os entrevistados que manifestarem a busca de renda mensal como motivadora da transição para a agricultura não convencional.

Created On 1/1/2000 0:59 **By** RI

Modified On 27/9/2010 19:54 **By** RI

Users 1

Cases 6

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	6	9	967	53			0

Tree Nodes\4. Formação\Repertório cultural **Tree Node**

Description Entrevistados que negam a adoção de práticas do sistema convencional por questões culturais ligadas a sua etnia; repertório cultural associado a um conjunto de percepções que ao longo do tempo se consolidam num modo de produzir negando o uso de agrotóxicos, por exemplo.

Created On 1/1/2000 1:17 **By** RI

Modified On 27/9/2010 19:43 **By** RI

Users 1

Cases 3

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	3	13	1049	39			0

Tree Nodes\6. Conservação do meio e da saúde humana\Saúde **Tree Node**

Description Qualidade do alimento e saúde (negação da doença relacionada aos agrotóxicos), saúde mental

Created On 1/1/2000 1:15 **By** RI

Modified On 27/9/2010 20:39 **By** RI

Users 1

Cases 7

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	7	16	1206	35			0

Tree Nodes\6. Conservação do meio e da saúde humana\Valores e princípios agroecológicos **Tree Node**

Description Neste, estarão associados todos os entrevistados que apresentarem em seus discursos falas relacionadas à valores como: respeito a vida, as plantas, a água, ao solo.

Created On 1/1/2000 1:15 **By** RI

Modified On 27/9/2010 20:39 **By** RI

Users 1

Cases 8

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	8	17	1648	40			0

Tree Nodes\5. Vínculos comunitários ou institucionais\vínculo comercial **Tree Node**

Description Entrevistados que possuem vínculo com instituições, mas não há participação, servindo este apenas como forma de comercialização

Created On 1/1/2000 1:12 **By** RI

Modified On 27/9/2010 20:00 **By** RI

Users 1

Cases 4

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	4	8	374	19			0

Description Entrevistados que estão vinculados a suas instituições e participam auxiliando o grupo, seguindo seus ideais.

Created On 1/1/2000 1:12 **By** RI

Modified On 27/9/2010 20:39 **By** RI

Users 1

Cases 6

Type	Sources	References	Words	Paragraphs	Region	Duration	Rows
Total	6	9	875	33			0